

The background of the entire cover is a romantic scene. A large, bright, full moon dominates the upper half of the image, set against a dark, starry night sky. In the foreground, a couple is silhouetted against the moon's glow. They are standing on a dark, grassy hill. The man is holding the woman, and they appear to be in a close embrace or dancing. The woman's hair is blowing in the wind. The overall mood is romantic and dreamy.

Meu Crush Literário

Anjo Noturno

ANDREA MARQUES



Meu Crush Literário
Volume 1 – Anjo Noturno

Andrea Marques

São Paulo, 2018

*“Quando a vida lhe oferece um sonho
muito além de todas as suas expectativas,
é irracional se lamentar
quando isso chega ao fim.”*

*Crepúsculo
Stephenie Meyer*

SUMÁRIO

<u>1 – SÉRIE LENDAS: LIVRO 2, A FUGA</u>
<u>2 – PEDIDO INUSITADO</u>
<u>3 – PEDIDO CONCEDIDO</u>
<u>4 – DESOLAÇÃO</u>
<u>5 – REALIDADE X FANTASIA</u>
<u>6 – REAL</u>
<u>7 – CONSIDERAÇÕES</u>
<u>8 – FAMÍLIA POSTIÇA</u>
<u>9 – EXTRAORDINÁRIO</u>
<u>10 – APREENSÃO</u>
<u>11 – PREOCUPAÇÕES</u>
<u>12 – CONSEQUÊNCIAS</u>
<u>13 – DESENTENDIMENTOS</u>
<u>14 – FARSA</u>
<u>15 – RETORNO</u>
<u>16 – NOVOS PROBLEMAS</u>
<u>17 – ABORRECIMENTOS</u>
<u>18 – CUIDADOS</u>
<u>19 – ANJO NOTURNO</u>
<u>20 – PRIMEIRO AMOR</u>
<u>21 – NAMORO</u>
<u>22 – ESTRANHOS ACONTECIMENTOS</u>
<u>23 – ANSEIOS</u>
<u>24 – COMPLÔ</u>
<u>25 – O INIMIGO</u>
<u>26 – A VERDADE</u>
<u>27 – SEM RUMO</u>
<u>28 – ALIADO INESPERADO</u>
<u>29 – PROCURA</u>
<u>30 – SALVAMENTO</u>
<u>31 – ANIQUILAÇÃO</u>
<u>32 – IDENTIDADE REVELADA</u>
<u>33 – INDAGAÇÕES</u>
<u>34 – MUDANÇAS</u>
<u>35 – CLASSIFICAÇÃO</u>
<u>PRAZER EM CONHECER...</u>

1 – Série Lendas: Livro 2, A Fuga

Para quem não me conhece, vale a apresentação: me chamo Anne Lugosi e durante dezessete anos me considerei uma garota comum. Pelo menos quando me olhava no espelho não via nenhum traço exuberante ao encarar meus olhos castanhos e lábios finos, mas por outro lado, não vou mentir e afirmar que não gostava do que via. Sempre me contentei com minha aparência, a pele alva em contraste com o tom marrom dos cabelos emoldurando meu rosto, além disso, meu porte físico ajudava a atrair os olhares masculinos, por essa razão acabava sendo popular na escola, mas não a ponto de chamar a atenção de alguém como John Stoker, o cara mais lindo que eu tinha visto em toda a minha vida.

O conheci no primeiro dia de aula na escola americana para onde fui transferida após me mudar da Inglaterra para os Estados Unidos com meu pai, e mesmo que não pretendesse fazer parte do fã clube Stoker, quando me dei conta já era tarde, pois estava tão fascinada pelo cara como todas as outras garotas do colégio. Em minha defesa posso afirmar que para qualquer uma seria difícil ficar imune a tanta beleza e carisma juntos, porque o jovem era fenomenal! Mas ainda que fosse lindo e sedutor, sempre consegui ver em John algo mais, algo enigmático, envolvente e acima de tudo perigoso, porém, só compreendi o que de fato era depois que John me aceitou e nos tornamos mais que amigos, na verdade namorados. E por quatro meses a relação que começou de maneira turbulenta se tornou gradativamente a experiência mais fantástica da minha vida e no final eu me vi completamente apaixonada.

Queria terminar minha história contando apenas que John estava tão apaixonado quanto eu e afirmar que vivemos felizes para sempre, mas alguns importantes detalhes não permitem isso e um deles é o fato de descobrir a origem do meu pai, o homem que me criou desde bebê e que sempre achei que fosse um rico empresário das indústrias farmacêuticas Lugosi.

Meu pai, até então conhecido como Edward Lugosi é na verdade um imortal, ou melhor, um alquimista nascido em 1468 e conhecido na Europa

Medieval como Lord Polidori. Ele passou parte da juventude buscando o elixir da vida eterna, até chegar a uma fórmula que considerou realmente eficaz, no entanto, receoso de prova-la e morrer exigiu que seu servo Flamel Vilanova a tomasse antes. O pobre homem obedeceu mesmo apavorado e infelizmente não sobreviveu, ou melhor, sobreviveu, mas da pior forma possível, porque após algumas horas de ter ingerido o líquido vermelho borbulhante sentiu todo seu corpo queimar por dentro e achou mesmo que sua hora havia chegado. Porém, não era a morte como a conhecemos que estava batendo a porta do homem, mas sim algo surreal, uma transformação absoluta do seu ser, quando Flamel sentiu a necessidade de beber sangue humano como se ele fosse água no meio do deserto.

Esse primeiro episódio aconteceu quando Flamel voltava para sua humilde casa, e após atacar e matar diversas pessoas do vilarejo onde morava, suas vítimas seguintes foram a esposa e as filhas que também não sobreviveram após todo o sangue dos seus corpos ser drenado por Flamel, e foi em meio a terrível cena de ver o pai sugando o pescoço da irmã que o filho de dezoito anos chegou em casa e sem entender o que acontecia ordenou ao pai que parasse.

Flamel levantou os olhos e observou o jovem, mas ainda tomado pela sede abandonou o corpo da menina e saltou ferozmente em cima do próprio filho, esse tentou se defender quando percebeu a boca aberta do pai e os dentes afiados que buscavam por sua pele, no entanto não foi ágil o bastante para fugir e instantes depois sentiu a mordida no seu flanco direito, a dor foi alucinante e ele gritou, tentou escapar novamente, mas o veneno já estava se espalhando e o deixando tonto, foi então que algo inesperado aconteceu e mesmo com as vistas turvas o jovem conseguiu ver o momento em que uma mulher cravava uma estaca de madeira no coração do pai conseguindo assim parar o ataque.

Acontece que o estrago já estava feito e por mais que a mulher, a conhecida feiticeira Valentina Stoker tentasse salvar o jovem através de elaboradas fórmulas não conseguiu e o pobre se tornou um monstro como o pai, pois apesar de adquirir infinita beleza, força e agilidade essas características surgiram em detrimento da perda da sua humanidade e então o segundo demônio bebedor de sangue foi criado deixando para trás o jovem e inocente John Vilanova para dar lugar ao mais lindo e sexy vampiro que já existiu e

que por coincidência se tornou meu namorado, o jovem John Stoker...

- Com licença, você vai comprar o livro?

Desviei minha atenção do exemplar *A Fuga* para olhar o vendedor da livraria e sem jeito eu respondi.

- Hoje não, estava apenas dando uma olhada.

O sujeito assentiu, mas discretamente olhou para o balcão do caixa e para a placa onde estava escrito, **Proibido ler os exemplares**, então voltou a me encarar.

- Eu não quero ser chato, mas o dono está de olho em você e por isso me mandou aqui, portanto...

Ele não terminou a frase, apenas deu de ombros visivelmente constrangido por ser obrigado a chamar minha atenção.

- Tudo bem, eu entendo, eu errei mesmo ao ficar aqui lendo, mas quando vi o segundo livro da série *Lendas* não resisti e comecei a ler.

Comentei colocando o exemplar na prateleira, mas sentindo um aperto no peito por fazer isso.

- Pelo visto você é mais uma fã da série, não é?

- Sou sim, adorei o primeiro livro *Anjo Noturno*, e por isso não via a hora de ler a continuação, mas não sabia que a editora ia lança-lo esse mês, porque se soubesse não teria gasto minha mesada em outro livro, portanto terei que esperar mais de vinte dias até poder levar essa belezinha. - Pousei a mão suavemente sobre o exemplar e sorri. - Bom, de qualquer forma, pude ter um gostinho do que está por vir ao ler a introdução, por isso obrigada e me desculpe se causei transtorno.

O vendedor acenou negativamente e esboçou um sorriso, tenho certeza que se dependesse dele eu poderia ler o livro inteiro ali, mas para não causar mais problemas para o cara que estava trabalhando, eu pedi licença e saí.

Olhei de lado decidindo que rumo tomar quando meu celular tocou.

- Oi Kelly, tudo bem?

- Eu estou bem, mas você não parece estar.

Esbocei um sorriso com o comentário da minha madrastra, porque apesar de

vivermos juntas há apenas dois anos, ela já me conhecia o suficiente para saber quando eu não estava bem, por isso fui sincera.

- Na verdade estou um pouco frustrada.

- Por que?

- Porque fui gentilmente convidada a me retirar da livraria aqui do shopping quando o dono percebeu que eu estava lendo e não ia comprar nada.

- O que você estava lendo?

- O segundo livro da série *Lendas*, acabou de chegar às lojas, mas infelizmente terei que esperar até o mês que vem para comprar, porque minha grana chegou ao fim.

- Ah Malu, se eu não tivesse gasto com o conserto do carro te daria o dinheiro ainda esse mês, mas infelizmente a oficina mecânica *quebrou* minhas pernas, lamento.

- Tudo bem Kelly, afinal pra quem já esperou até agora, aguardar mais três semanas não é tanto tempo assim, além disso tenho o primeiro livro para reler se sentir saudade do meu vampiro favorito.

Minha madrastra riu ao me ouvir, mas não deu continuidade ao assunto sobre a paixão avassaladora e impossível que eu nutria por um personagem fictício, apenas mudou o rumo da conversa.

- Malu, infelizmente não poderei ir busca-la no shopping como havíamos combinado, porque a enfermeira que deveria render meu plantão agora a noite teve um problema e não virá, portanto terei que continuar aqui.

- Puxa, que chato! Afinal você está aí desde as sete da manhã, deve estar exausta!

- Realmente estou cansada, mas daqui a pouco vou jantar e aí aproveito para descansar um pouco, de qualquer modo me preocupo mais com o fato de você ter que ir embora de ônibus e passar a noite sozinha em casa.

- Não precisa se preocupar Kelly, ainda está cedo e as ruas lá do bairro são bem iluminadas, portanto não há razão para ficar apreensiva.

- As coisas não são bem assim Malu e você melhor que ninguém deveria pensar nisso, portanto não fique até tarde no shopping, coma alguma coisa e vá embora, afinal o Rio não é a cidade mais tranquila do mundo.

Soltei um leve suspiro com o comentário de Kelly, afinal ela estava certa, por isso eu disse:

- Não se preocupe, vou embora agora e assim que estiver em casa te aviso.

Enfermeira Kelly compareça a ala pediátrica...

Ao fundo escutei o chamado anasalado convocar minha madrastra ao mesmo tempo em que ela dizia.

- Querida, preciso desligar, nos vemos amanhã de manhã, boa noite.

- Pra você também, Kelly.

Escutei a chamada ser encerrada, então guardei meu celular e antes de ir embora olhei novamente para a vitrine da livraria apenas para namorar mais um pouco o livro *A Fuga*.

2 – Pedido Inusitado

- Parabéns pra você, nessa data querida, muitas felicidades, muitos anos de vida! Assopre as velas Malu!

Minha madraستا falou entusiasmada após cantar os parabéns, mas quando eu ia assoprar ela me interrompeu.

- Não, não! Espera! Você precisa fazer um pedido antes!

Kelly alertou um tanto histericamente, como se fazer um pedido no dia do aniversário fosse a coisa mais espetacular da face da Terra, eu ri, mesmo assim fechei os olhos e pensei no que eu mais queria, que o lindo e apaixonado vampiro John Stoker ganhasse vida e deixasse as páginas do livro para vir ao meu encontro. Meu coração acelerou com esse desejo impossível e só então enchi os pulmões de ar e com força assoprei as velas indicando dezessete anos.

- Viva! – Kelly bateu palmas e me deu um beijo estalado na bochecha antes de prosseguir. – Que todos os seus sonhos se realizem.

- Dedos cruzados para isso.

Mostrei a mão direita indicando figa, mas logo ouvi.

- Vamos! Corte o bolo! Afinal quero ver se dessa vez eu acertei a mão!

Novamente eu ri, porque sabia que a chance do bolo feito pela minha madraستا estar gostoso era quase nenhuma, mas de qualquer modo ela tinha se esforçado e para agradá-la eu disse:

- Mesmo que o bolo não tenha ficado bom, o importante foi o seu esforço.

- Sempre educada Malu, você sabe mesmo como agradar sua madraستا que é uma negação na cozinha, mas de qualquer maneira não precisa comer o bolo se não tiver ficado bom.

Esbocei um sorriso enquanto colocava um pedaço de bolo no prato de Kelly, depois me servi e praticamente ao mesmo tempo que ela eu levei meu garfo a boca, mastiguei e respirei aliviada ao constatar que o bolo estava mesmo gostoso.

- Kelly, você acertou dessa vez! Ficou muito bom!

- Realmente está gostoso, ufa! Afinal não conseguir fazer um bolo de aniversário para a minha enteada seria lamentável.

- Não seria não, você está exagerando! Mas se quer saber mesmo do que mais gostei, foi o fato de você estar aqui comigo, comemorando uma data tão importante.

Kelly soltou um leve suspiro e abandonou o tom descontraído para dizer de maneira pesarosa.

- Eu te deixo muito tempo sozinha, não é?

- Bem, nós não ficamos vinte e quatro horas juntas, mas o tempo que passamos uma ao lado da outra é sempre muito bom!

Minha madrastra continuou a me olhar de forma triste e suas palavras seguiram no mesmo tom.

- Malu, eu sinto muito, queria de verdade ter mais tempo para ficar com você, mas desde que seu pai...

- Kelly, por favor! – Foi a única coisa que consegui falar antes da minha garganta fechar com as lágrimas que eu não queria derrubar, mas foi inútil e no mesmo instante meus olhos ficaram marejados. Então minha madrastra veio ao meu encontro e me abraçou.

- Não fique triste Malu, por favor!

Me aconcheguei no peito dela numa tentativa frustrada de afastar a lembrança do dia em que meu pai faleceu, mas a tristeza não cessou e uma lágrima correu pelo meu rosto. Ouvi mais uma vez minha madrastra.

- Eu queria tanto que as coisas tivessem sido diferentes, que você não tivesse vivido nada daquilo, mas infelizmente eu não posso mudar o passado.

Tentando me controlar para não sucumbir às tristes lembranças eu falei:

- Eu sei Kelly, por isso não precisa se sentir culpada pelo que houve.

A observei por breves segundos, mas logo abaixei os olhos novamente.

- Posso não ter culpa pelo que aconteceu, mas infelizmente me culpo por não ficar com você mais tempo.

Respirei fundo e voltei a olhar minha madrastra.

- Você não deve se sentir culpada por isso, afinal se não fica mais tempo aqui é porque precisa trabalhar e eu entendo isso, só queria mesmo poder ajudar nas finanças.

- Malu, nós já conversamos sobre isso e você sabe muito bem minha posição sobre você arranjar um emprego agora.

- Sim, eu sei...

- Mas não concorda, não é?

- Você sabe que não, e sabe também o motivo.

- Malu, eu acho linda a sua preocupação com as nossas finanças, mas de alguma forma estou conseguindo dar conta de tudo, por isso eu não quero que perca a chance que está tendo de estudar num dos melhores colégios do Rio de Janeiro, afinal quantas meninas da sua idade podem afirmar que conseguiram uma bolsa de estudos integral para fazer o ensino médio? Praticamente nenhuma! Mas você conseguiu! Por isso precisa se dedicar tanto, porque senão perde a bolsa e aí suas chances de ingressar numa boa universidade ficarão reduzidas.

- Eu sei, mas você também sabe o que penso a respeito disso.

Kelly torceu o nariz antes de comentar.

- Malu, eu sei que não sou sua mãe e por isso não tenho o direito de me intrometer tanto na sua vida como costumo fazer, mas o fato é que me preocupo com você de verdade e por isso volto a repetir o mesmo discurso de sempre, você precisa pensar no que quer fazer da vida, porque ficar sonhando em ser escritora não trará nada de bom.

- Mas Kelly...

- Pare Malu, nem tente me convencer novamente que cursar Letras trará algum futuro para você. Primeiro, porque mesmo que você conseguisse emprego dando aula, enquanto nenhum manuscrito seu vira best seller, o seu salário como professora seria baixo, porque infelizmente essa é a realidade brasileira. Os governantes não estão nem aí para os professores, assim como também não estão para os profissionais da saúde e tantos outros que são essenciais para o desenvolvimento do país, por isso volto a insistir, você precisa pensar numa profissão que te dê futuro, porque um dia estará sozinha e aí como vai ser? Como vai se sustentar? Dinheiro não é tudo na vida Malu,

mas sem ele não dá pra viver, muitos menos comprar os livros que você tanto adora ler.

Tentei inibir minha careta de descontentamento, porque apesar de gostar muito de Kelly quando o assunto era meu futuro as coisas ficavam complicadas entre nós, contudo minha madrastra não deu trégua e voltou a falar.

- Malu, eu sei que você ama ler e seu passatempo é maravilhoso, mas o fato é que ele não é rentável, quer dizer, não dá pra viver achando que vai se tornar uma escritora mundialmente famosa, porque nós sabemos o quanto isso é complicado, afinal quantos escritores brasileiros podem afirmar que vivem exclusivamente das suas obras?

- Alguns, Paulo Coelho e Thalita Rebouças conseguiram.

- Malu... duas pessoas em meio a tantas outras! Afinal quanta gente escreve e não consegue publicar? Tenho certeza que são milhares! Isso sem contar aqueles que bancam a própria publicação com o mesmo sonho que você tem, de ver seu livro exposto numa livraria, mas no fim a maioria acaba jogando dinheiro fora, porque não consegue espaço para vender os livros e no final vê seu sonho ir por água abaixo! Eu não quero que isso aconteça com você, eu quero que você se realize profissionalmente não apenas porque precisa de dinheiro para viver, mas porque isso é importante para a sua auto estima, porque é maravilhoso saber que você pode se sustentar sem precisar da ajuda de ninguém, e se optar por um curso como Letras achando que ele irá ajudá-la a realizar o sonho de ser uma escritora famosa, infelizmente as chances das suas expectativas caírem por terra serão enormes e eu não quero isso.

Soltei um suspiro profundo, afinal eu já tinha escutado esse sermão em outras ocasiões, quando falava sobre o quanto eu queria escrever, como para mim era importante usar a escrita para expressar meus anseios ou simplesmente dar margem a minha fértil imaginação, mas sempre ouvia da minha madrastra a mesma coisa, no entanto esperava que no dia do meu aniversário ela pegasse leve, mas não teve jeito, ela continuou falando e inevitavelmente estendeu o tema para outro aspecto complicado da minha vida, minha pobre capacidade de socialização.

- Malu, não fique aborrecida comigo, eu não quero ser chata com você, muito menos quero que sinta raiva de mim, mas se estou falando sobre isso

novamente é porque me preocupo com o seu futuro, tanto quanto me preocupo com as coisas que acontecem na sua vida agora e por isso fico angustiada quando vejo uma garota linda e inteligente como você se isolar de todo mundo para ficar lendo a maior parte do tempo. Malu, onde estão seus amigos? Por que ninguém veio aqui em casa para te dar os parabéns pelo seu aniversário?

- Eu não tenho muitos amigos, você sabe.

- Sim, eu sei e sei também que a principal razão pra isso é o fato de você ficar isolada lendo e tudo por que? Porque espera que isso te dará mais chances como escritora e mais uma vez caímos no mesmo assunto, o seu futuro, que está sendo delineado agora!

- Kelly... – parei de falar porque sabia que nada do que dissesse faria muita diferença, afinal se minha madrastra estava disposta a me atormentar com temas complicados ela não iria me dar paz.

- Malu, você é uma pessoa maravilhosa e uma enteada incrível, e esses dois anos de convivência ao seu lado me fizeram muito bem, não apenas porque você se parece muito com o homem que amei profundamente, mas porque você é um doce de menina, nunca me deu trabalho ou dor de cabeça, mas confesso que fico angustiada quando vejo você ficar o tempo todo dentro de casa lendo, isso não é saudável! Você precisa sair, ver gente da sua idade, fazer coisas com outras garotas e flertar com os gatinhos. – Minha madrastra falou a última frase de maneira divertida e eu acabei esboçando um sorriso, acho que por isso ela continuou. - Vai me dizer que não há nenhum menino interessante na sua sala ou escola?

Pensei nos garotos da minha turma e na minha verdadeira paixão, o vampiro John Stoker, e mesmo ciente sobre o abismo infinito entre a realidade e o sonho, achei melhor ser sincera.

- Infelizmente não há nenhum menino que eu ache interessante na minha classe ou na escola.

- E aqui no bairro, há alguém que atrai você?

Olhei descrente para minha madrastra e ao ver minha expressão ela comentou.

- É, pelo visto não há, por isso acho que você deve sair mais de casa, andar

por aí. Quem sabe não encontra alguém interessante?

Dei de ombros e respondi.

- Talvez, mas acho pouco provável.

- Por que?

Novamente pensei na minha paixão, mas limitei-me a dizer.

- Kelly, não estou a fim de ficar com nenhum menino.

Minha madrastra arregalou os olhos e eu não entendi a expressão que se formou no seu rosto, até ela perguntar.

- Malu, você gosta de meninas?!

- O que?! Você está achando que eu sou lésbica?

Ela acenou receosa, acabei rindo e falei:

- Não Kelly, eu não sou lésbica, não tenho nada contra garotas que gostam de outras garotas, mas definitivamente essa não é a minha turma.

Minha madrastra soltou um discreto suspiro e só então prosseguiu.

- Então qual é a sua turma, Malu?

- Não sei, talvez eu ainda vá descobrir.

- Mas como você vai descobrir se ficar só aqui?

Novamente o mesmo tema, a conversa não estava fluindo, por isso achei melhor encerrar o assunto dizendo.

- Vou descobrir quando chegar a hora, mas até lá não precisa ficar aflita achando que eu sou uma infeliz porque fico sozinha em casa lendo, eu simplesmente gosto disso e independente do que vou ser daqui há alguns anos eu me sinto feliz agora, portanto não se sinta angustiada com meu presente ou futuro, porque você está fazendo um excelente trabalho como mãe postiça e mesmo que tenha me dado um sermão como presente de aniversário estou contente por saber o quanto você se importa comigo.

Kelly esboçou um sorriso, soltou um leve suspiro e por fim disse:

- Ok, vou confiar em você, mas saiba que se precisar estou aqui pra conversar.

- Eu sei, obrigada.

Minha madrastra sorriu de maneira mais confiante e então mudou o tom e falou de forma travessa.

- Bom, apesar de você achar que meu único presente de aniversário para você foi o sermão que fiz, tenho que contestar e mostrar que apesar de tudo o que falei sei muito bem o que faria você feliz hoje, por isso meu verdadeiro presente está aqui.

Kelly se virou ao terminar de falar e quando voltou a me olhar estendeu um pacote para mim. Ao ver o papel do embrulho me senti ansiosa e perguntei.

- O que é isso?

- Abra, só assim vai descobrir.

Peguei o pacote embrulhado com papel de uma conhecida livraria e ao constatar seu peso tive certeza que se tratava do livro tão cobiçado por mim. Olhei para Kelly, ela sorria de forma contida, então voltei ao meu presente e rapidamente rasguei o papel. Dei um grito.

- Ah meu Deus! Eu não acredito!

- Gostou?

- Eu amei! Obrigada Kelly.

Respondi e a abracei, depois examinei cuidadosamente o exemplar do segundo livro da série *Lendas*, intitulado *A Fuga*.

- Ai que lindo! Nem acredito que ele está nas minhas mãos! Quando o vi no shopping há três dias atrás, fiquei tão encantada, mas ao mesmo tempo triste porque teria que esperar para comprar, mas agora ele está aqui! – Abracei o livro como se ele fosse meu namorado e novamente pensei no quanto eu queria que John Stoker fosse real, o quanto ele era meu crush literário preferido, mas logo ouvi.

- Ainda bem que você não comprou um exemplar naquele dia, assim me deu opção na hora de escolher um presente para você.

- E que presente! O melhor que poderia ganhar, mais uma vez obrigada.

- De nada querida, fico feliz que tenha gostado. – Kelly comentou e depois levou um pedaço de bolo a boca, e enquanto ela comia eu aproveitei para admirar mais um pouco o livro, senti seu cheiro, deslizei minhas mãos pela capa, folhei algumas páginas encantada com a diagramação e cada pequeno

detalhe, até que escutei.

- Sabe o que o vendedor da livraria disse?

Acenei um não sem tirar os olhos do livro.

- Ele contou que esse era o último exemplar, que em um dia eles venderam tudo e que se eu não tivesse ido lá no sábado de manhã, provavelmente não teria encontrado nada.

- Você foi lá no sábado de manhã?!

- Fui, logo depois que saí do hospital, estava um caco porque tinha ficado mais de vinte e quatro horas de plantão, mas ao lembrar do seu aniversário e do lamento na sua voz por não poder comprar o livro, achei que valia a pena o esforço, então cheguei cedinho no shopping, tomei um café enquanto esperava as lojas abrirem, mas logo depois fui até a livraria; e foi bom, porque quando estava no caixa chegou uma adolescente desesperada querendo o livro e ela quase chorou quando viu que o último exemplar tinha sido vendido pra mim. Fiquei com pena da garota, mas fazer o que? Eu não poderia dar a ela um livro que havia comprado para você.

- Não mesmo!

Afirmei enfaticamente, Kelly riu e depois comentou.

- Acho que se tivesse dado o livro a garota você teria brigado feio comigo, não é?

- Provavelmente, e ainda estou pensando em fazer isso, afinal você ficou com ele o fim de semana inteiro e se tivesse me dado antes eu teria mais tempo pra ler essa belezinha, mas agora terei apenas algumas horas antes de dormir.

- Malu, não vai ficar até tarde lendo, porque amanhã você tem prova.

- Sim, eu sei, prova de física, o que é o pior, mas de qualquer maneira estou indo bem na matéria e também estudei no fim de semana, por isso posso ficar algumas horas acordada ao lado do meu lindo e amado John Stoker.

Abracei o livro novamente como se estivesse abraçando o próprio vampiro, minha madrastra riu antes de comentar.

- Você adora mesmo o personagem, não é?

- Eu não adoro, na verdade eu o amo, afinal ele é corajoso, protetor, gentil, educado, tem senso de humor, é romântico e se não bastasse tudo isso ainda é lindo!

- Bem, quanto as primeiras características não posso contestar, afinal são traços de personalidade que provavelmente são descritos no livro, mas com relação a aparência não sei, afinal como um vampiro pode ser bonito com presas aparentes e olhos vermelhos?

- John Stoker é bonito porque não parece um vampiro, mas sim um jovem humano, não tem caninos afiados ou olhos vermelhos, apenas a pele é muito clara, mesmo assim ele é lindo!

- Entendi, mas e quanto aos outros aspectos que caracterizam um vampiro, como não poder sair durante o dia, se transformar em morcego ou dormir em caixões, isso é bastante lúgubre na minha opinião.

- Sim, realmente é lúgubre, mas John Stoker é diferente nesses aspectos também, porque ele pode sair durante o dia, mesmo que esteja ensolarado, também não se transforma em morcego e nem dorme em caixões, aliás ele nunca dorme. Ainda assim consegue ser lindo!

Kelly soltou uma risada curta antes de comentar.

- Você fala com tanta convicção sobre o personagem que as vezes parece que o conhece de fato, como se ele realmente existisse.

- Bem, infelizmente ele não existe, mas isso não me impede de imagina-lo detalhadamente, aliás quase sempre que leio um livro imagino o personagem e algumas vezes o visualizo através de algum ator ou uma pessoa conhecida e no caso de John Stoker não foi diferente.

- Então há uma pessoa real que preenche o seu imaginário? Quem é? Algum gatinho da escola?

Kelly indagou com um tom malicioso, eu ri, mas neguei.

- Nenhum garoto da escola seria tão perfeito quanto John Stoker, afinal os olhos azuis e os cabelos negros e lisos são perfeitos demais para pertencerem a qualquer adolescente comum.

- Ok, mas se você não pensa num conhecido, quem vem a sua mente quando imagina o personagem?

Um pouco tímida respondi.

- O ator Derek Jones.

- Quem é? Acho que não assisti nenhum filme dele.

- Assistiu sim, ele fez o papel de Robbin Hood, naquela versão que saiu no ano passado no cinema, chegamos até a cogitar a possibilidade de ir assistir, mas no fim acabamos vendo aqui em casa. Lembra?

Kelly permaneceu pensativa por alguns instantes, até dizer.

- Aquele rapaz de cabelos pretos e olhos azuis? Alto e com cara de anjo?

Dei risada e respondi.

- Sim, esse mesmo.

- Ah, agora sei quem é! Realmente ele é um gato. Boa escolha.

Esbocei um sorriso com a aprovação de Kelly, mas não confessei para ela que minha escolha era pautada num sentimento estranho que eu nutria pelo ator, porque desde a primeira vez que o vi, achei que o conhecesse de fato, como se ele fosse familiar, de qualquer modo era algo tão esquisito que deixei isso de lado quando ouvi.

- Bem, a conversa está boa, mas está na hora de arrumar a cozinha, afinal amanhã tenho que estar cedo no hospital, por isso é melhor pôr a mão na massa.

- Deixe que eu arrumo a cozinha Kelly, afinal você já fez o bolo.

- Não precisa querida, obrigada. Suba para o seu quarto com seu livro, porque sei que é exatamente isso o que quer fazer, além do mais ainda é seu aniversário e lavar a louça não é um presente legal.

Sorri para Kelly, a jovem enfermeira de trinta e sete anos que me tratava tão bem que as vezes achava mesmo que ela era minha mãe, senti tanto carinho por ela que fui ao seu encontro e a abracei, ao mesmo tempo em que dizia.

- Eu adoro você viu, nunca se esqueça disso.

- Eu também querida, te adoro de verdade.

3 – Pedido Concedido

Abri os olhos com dificuldade, mas apenas para travar o alarme do despertador que teimava em interromper meu sono, contudo ainda consegui ver de relance a hora, foi então que me toquei.

- Droga! Estou atrasada!

Saí da cama às pressas e ao passar pela porta tive a impressão de ver um vulto no canto quarto, o ignorei porque não podia perder um instante sequer, afinal era dia de prova e eu não podia me atrasar ainda mais. Fui para o banheiro, escovei os dentes em menos de um minuto e correndo de volta ao quarto eu comecei a vasculhar minha gaveta como uma lunática a procura de uma camiseta da escola.

- Se você não ficasse lendo até tarde não estaria atrasada agora.

Estagnei! Acho até que parei de respirar por breves segundos enquanto sentia a descarga de adrenalina se espalhar pelo meu corpo. Sabia que devia correr, fugir, mas não conseguia mexer um músculo, e tomada pelo pavor tive certeza que um ladrão estava à espreita com um revólver me observando. Minha garganta secou no mesmo instante em que pensava em Kelly, será que ela estava bem? Será que o invasor tinha ido ao quarto dela e...não consegui finalizar meus pensamentos porque uma dor alucinante invadiu o meu peito e com dificuldade falei:

- Por favor, não diga que minha madrastra...ela está...*morta*?

- Morta?! Por que eu faria isso? Já não bebo sangue humano há muito tempo e apesar do cheiro ser convidativo consigo me controlar o suficiente, tanto que passei a noite toda velando seu sono mesmo que seu cheiro fosse a melhor coisa que senti nas últimas décadas.

As palavras do invasor não fizeram o menor sentido para mim e eu me dei conta que o sujeito não era apenas um ladrão, mas também um louco, e tive certeza que seria morta rapidamente, ainda assim não consegui sair do lugar, continuava estagnada e mesmo que percebesse com o canto dos olhos o sujeito se movimentar permaneci inerte, apenas meu coração disparou ao mesmo tempo em que eu cerrava as pálpebras para não encarar o rosto do

homem que daria fim a minha vida.

- Está com medo de mim Malu?

Meu Deus, ele sabe o meu nome, deve ser um psicopata obsessivo que está acompanhando meus passos a meses, o que vou fazer?

- Você não precisa ficar com medo, eu não vou mordê-la, já falei que apesar do seu cheiro ser muito bom eu consegui me controlar a noite toda.

- Você está dizendo que passou a noite aqui na minha casa? – Indaguei ainda de olhos fechados, eu não queria olhar, estava apavorada.

- Na verdade passei a noite no seu quarto, mais precisamente na sua cama.

- O QUE?!

Gritei incrédula e sem pensar abri os olhos e encarei o invasor, no entanto minhas vistas escureceram e eu não vi mais nada.

Acordei me sentindo totalmente desorientada e não entendi nada quando vi minhas pernas apoiadas sobre os travesseiros e o resto do meu corpo no chão sobre o tapete, então escutei.

- Ainda bem que acordou, já estava ficando preocupado.

Numa fração de segundos eu me lembrei do que acontecera antes de eu desmaiar, então abruptamente me levantei e vi o mesmo sujeito de antes.

- Quem é você? O que está fazendo aqui? Onde está a minha madrastra?

- Calma, por que está tão nervosa assim?

- Por que?! – Indaguei histericamente e no mesmo tom prossegui. – Porque um estranho idêntico a Derek Jones está vestido como John Stoker estaria no meu quarto, acho que isso me dá motivo suficiente para ficar nervosa.

O invasor deu de ombros antes de dizer.

- Se você sabe quem eu sou, sabe também porque estou aqui, portanto suas duas primeiras perguntas já foram esclarecidas, então vou me limitar a dizer que sua madrastra saiu de casa pouco antes do seu despertador tocar, ela veio te ver e te deu um beijo e ainda disse para você não se atrasar porque hoje é dia de prova, mas pelo horário, acho que você perdeu o exame.

- Que horas são?

- Quase sete e meia, mas como você ainda está de pijama, mesmo que consiga ser tão veloz quanto eu, não vai chegar a tempo, afinal acredito que as aulas comecem as sete ou oito horas no máximo, não é?

- Não importa o horário das minhas aulas, o que me importa é saber quem é você e como entrou aqui? Aliás, onde se escondeu quando Kelly veio me ver?

- Atrás do armário, por que?

- Como por que? Você está dizendo que minha madrastra entra no meu quarto e não vê você? De que jeito? Mesmo que você estivesse atrás do armário ela veria alguma coisa.

- Estava escuro e eu sou bom em me camuflar, além de muito veloz, é claro!

- O que você quer dizer com isso? Não estou entendendo nada!

- Eu é que não estou entendendo você, venho aqui após um pedido seu e agora age assim?

Estreitei os olhos e então me dei conta do que estava acontecendo.

- Já sei, isso é uma pegadinha, Kelly deve ter bolado isso depois que contei que o ator Derek Jones seria o cara perfeito para incorporar o vampiro John Stoker, então ela contratou um sócio do ator pra armar isso pra mim, certo?

- Sócio de quem? E que história é essa de pegadinha? Eu é que não estou entendendo nada agora.

- Não?! Pois então vamos esclarecer os fatos, de duas uma, ou eu fiquei louca de vez e estou vendo na minha frente o ator Derek Jones na pele do vampiro John Stoker, ou você é de carne e osso e é a pessoa mais parecida do mundo com o ator britânico, talvez até seja algum irmão gêmeo dele perdido pelo mundo por conta de alguma história mirabolante do destino que separou vocês quando eram bebês, mas aí sua mãe por algum motivo desconhecido não pôde revelar que teve gêmeos e o outro filho se perdeu e veio parar no meu quarto para me pregar uma peça.

- Bem Malu, eu não faço ideia de quem é esse tal ator e sinceramente não estou me importando com isso, mas confesso que fiquei admirado com a sua capacidade de criar histórias, talvez até você pudesse se tornar escritora, já

pensou nisso?

- Pra falar a verdade já, mas Kelly me aconselhou a escolher outra profissão.

- Por que?

- Porque... ora, mas que absurdo! Eu não vou ficar aqui dando trela pra você, enquanto não me disser a verdade.

- Malu, eu já expliquei, estou aqui porque você desejou isso.

- Ah! Claro! Então quer dizer que só porque eu pedi que meu personagem favorito da literatura saísse das páginas do livro e viesse me ver isso aconteceu! Obvio que vou acreditar no absurdo da situação, tanto que vou agora mesmo mentalizar outro pedido bizarro e dizer em voz alta que quero estar vestida e pronta para ir ao colégio, então vou fechar os olhos e quando os abrir novamente estarei na minha sala de aula fazendo a prova de física agendada pra hoje.

Usei meu tom mais irônico para acabar com a gracinha do cara, no entanto ele não pareceu se aborrecer e de maneira educada explicou.

- Na verdade, você não pode fazer mais pedido algum, porque cada ser humano tem direito a ter um único desejo especial realizado durante a vida e ontem você já teve o seu.

Encarei o sujeito estupefata, porque ele falava com tanta convicção que cheguei a acreditar nas suas palavras, até que o bom senso me alertou e eu voltei a questionar.

- Certo, então você seja lá quem for está aqui porque eu pedi?

- Exatamente.

Respirei fundo e tentando me manter calma perante a situação surreal eu falei:

- Olha, essa brincadeira já foi longe demais, portanto se há câmeras nos filmando basta acenar pra elas e me apresentar, como acontece em qualquer pegadinha bem elaborada, ainda que essa tenha sido de extremo mau gosto, porque invadir o quarto de uma menor de idade e confessar que passou a noite a observando é no mínimo nojento pra não dizer indecente.

A expressão do sujeito se modificou, mas não consegui decifrar seu novo olhar, até ele dizer.

- Eu sinto muito, minha intenção não era causar asco em você, mas sendo eu o monstro que sou não poderia despertar outra reação que não fosse nojo e medo. Realmente lamento profundamente.

Ele abaixou a cabeça nitidamente envergonhado e eu me senti péssima por isso, ainda assim um resquício de lucidez me alertou a ser cuidadosa, afinal eu estava levando a história longe demais e talvez o objetivo do sujeito fosse realmente me distrair para me atacar em seguida, porém não consegui formular mais nenhum raciocínio lógico, porque ouvi.

- Você está atrasada para a aula, desse jeito não vai conseguir chegar a tempo.

- Droga, eu tenho prova hoje!

Resmunguei ao mesmo tempo em que voltava a vasculhar minha gaveta, mas escutei.

- Malu, vou me retirar, volto num momento mais oportuno.

- O que?!

Me virei para falar com o cara, mas ele não estava mais ao meu lado, olhei ao redor e foi então que o vi saindo pela janela. Gritei para não fazer isso, porque poderia se machucar, no entanto meu alerta foi inútil e o cara pulou. Apreensiva que ele tivesse se machucado durante o salto do segundo andar do sobrado, corri até a janela para ver se estava tudo bem, contudo não vi o sujeito em parte alguma do quintal e atordoada pelo que tinha acontecido me sentei no chão esperando me acalmar e não pensar na situação bizarra que tinha vivido.

4 – Desolação

Infelizmente não consegui ir ao colégio, não apenas porque estivesse absurdamente atrasada, mas porque não tinha condições emocionais para comparecer a aula. Então eu passei o resto da manhã no meu quarto pensando no que tinha acontecido; e como o suposto sócia de Derek Jones não apareceu mais cheguei a triste conclusão que eu tinha tido uma alucinação, afinal se fosse alguma pegadinha o cara teria vindo depois com as câmeras da TV, rindo do fato ao mesmo tempo em que afirmava que tudo não passara de uma brincadeira. Mas isso não aconteceu e eu fiquei desolada, afinal eu não queria enlouquecer, não queria ficar vendo coisas que não existiam, por mais extraordinárias que elas fossem, eu não queria ver o personagem do meu livro favorito materializado na minha frente dizendo que estava ali porque eu havia pedido.

Então me lembrei com exatidão do momento em que eu desejei ardentemente que John Stoker ganhasse vida e aparecesse na minha frente, se interessasse por mim como tinha se interessado por Anne Lugosi, porém, por mais querido que aquele pedido fosse, eu sabia que não passava de uma tradição de aniversário como tantas outras que a humanidade criava para trazer um pouco de diversão a realidade do dia a dia, mas a verdade era que estrelas cadentes não realizavam desejos, Papai Noel não existia, nem qualquer outra lenda contada através dos tempos, incluindo aí vampiros, portanto eu não poderia ter meu pedido de aniversário atendido por mais especial que a data pudesse ser para mim, porque era apenas um dia como outro qualquer, ou seja, nenhum fenômeno espetacular da natureza tinha contribuído para tornar um sonho bizarro realidade, afinal de contas, como seria possível no mundo em que vivíamos que um personagem de livro deixasse suas páginas e ganhasse vida? Era simplesmente impossível algo assim acontecer, portanto só me restava fazer uma coisa: rezar, pedir a Deus, aos anjos, ao que quer que fosse que eu não enlouquecesse de vez, talvez com um pouco de fé conseguisse isso, afinal poderia ser apenas um episódio isolado e com sorte eu nunca mais teria nenhuma alucinação envolvendo meu vampiro favorito.

- Maria Luiza Guimarães Rocha, onde você está?

Estremeci ao escutar a voz da minha madrastra, porque seu tom me informou o quanto ela estava enfurecida. Engoli com dificuldade o pedaço do lanche que estava comendo ao mesmo tempo em que a via passar pela porta da cozinha.

- Oi Kelly.

- Oi Kelly?! É isso o tem pra me dizer depois de ter faltado na escola num dia de prova?!

- Pelo visto o pessoal do colégio a mantém bem informada.

Kelly fechou os olhos, numa tentativa de se manter calma, eu conhecia muito bem suas reações e me arrependi por ter respondido, ia pedir desculpas quando ouvi.

- Escuta Malu, sei muito bem que não sou sua mãe, mas quando fui viver com seu pai assumi não apenas o papel de esposa dele, mas também de sua madrastra e diferente do que acontece com muitas mulheres e enteadas que não se respeitam ou não tem o mínimo de afeto uma pela outra, nunca me senti assim em relação a você, pelo contrário, sempre me solidarizei com sua história, com o fato de ter crescido sem sua mãe que morreu tragicamente após o seu parto, portanto me sinto responsável pela sua vida, me preocupo de verdade, por isso ao receber a ligação do colégio perguntando a razão de uma bolsista ter faltado num dia de prova me sinto no direito de questioná-la, afinal foi muita irresponsabilidade da sua parte fazer isso.

- Sim, eu sei. – Abaixei a cabeça envergonhada, mas ouvi.

- Se sabe, então por que fez? E por favor, não vá dizer que a razão para ter faltado a escola foi por ter perdido a hora, porque se esse foi o verdadeiro motivo a sua irresponsabilidade só será ainda maior.

Pensando nos fatos eu falei:

- Bem, eu realmente acordei atrasada, mesmo assim conseguiria chegar a tempo para fazer a prova caso não tivesse acontecido algo muito estranho.

- O que aconteceu?

Encarei Kelly por breves segundos, vi a preocupação nos seus olhos,

entretanto não consegui prosseguir, abaixei a cabeça desconsolada.

- Malu, o que foi que aconteceu? Me diga!

- Eu...eu não fui a escola porque aconteceu uma coisa que me deixou assustada e sem condições de ir ao colégio.

- Que coisa? – O tom de Kelly abrandou, talvez porque ela tenha percebido a sinceridade na minha voz, mesmo assim não tive coragem de dizer a verdade, afinal minha madrastra ficaria péssima quando soubesse que sua enteada estava enlouquecendo, no entanto ela se sentou ao meu lado e segurou minha mão.

- Malu, me conte o que aconteceu! Por pior que seja eu preciso saber!

Encarei Kelly por alguns instantes, ela sempre foi tão legal comigo, por isso criei coragem e comecei.

- Hoje de manhã eu acordei atrasada, então fui correndo ao banheiro para escovar os dentes, mas quando voltei ao quarto tinha um cara lá.

- O QUE? UM BANDIDO? MEU DEUS! ELE FEZ ALGUMA COISA COM VOCÊ? VOCÊ ESTÁ BEM? ESTÁ MACHUCADA?

Todas as perguntas saíram histéricas ao mesmo tempo em que minha madrastra me examinava, averiguando se eu tinha algum ferimento, para acalma-la eu disse:

- Não Kelly, o sujeito não me machucou, não precisa ficar preocupada.

- Ah Malu! – Kelly falou com a voz embargada e me abraçou. – Eu sinto muito, por tudo, pelo que passou, por eu ter ficado tão nervosa com você, mas de maneira alguma imaginei que a causa para a sua falta na escola num dia tão importante fosse algo terrível como o que contou. Eu lamento muito, por favor me perdoe!

Kelly começou a chorar compulsivamente enquanto me apertava em seus braços tentando me proteger, eu estava mesmo abalada com o fato inusitado pelo qual tinha passado naquela manhã e buscando conforto me aconcheguei ainda mais no seu peito, mas ao mesmo tempo escutei.

- Malu, por que você não me ligou contando o que houve? Eu teria vindo pra cá imediatamente!

- Kelly, eu não contei porque na verdade eu não sei se o que aconteceu de

fato aconteceu.

- Como assim?! Não entendi.

Abaixei a cabeça desconsolada, afinal eu não queria deprimir e preocupar minha madraستا ainda mais, entretanto eu precisava falar, não podia esconder algo tão grave, por isso expliquei.

- Kelly, o que estou dizendo é que eu acho, ou melhor, tenho certeza que tive uma alucinação.

- O que?!

- Foi o que ouviu, eu não acho que o cara que eu vi no meu quarto estava mesmo lá.

- Por que Malu, o sujeito desapareceu rapidamente? Quer dizer, você o viu por breves instantes e depois não viu mais?

- Não foi bem assim.

- E como foi então?

- Bem, quando eu voltei ao quarto comecei a procurar uma camiseta da escola, então ouvi uma voz falar que se eu não tivesse ficado até tarde lendo eu não estaria atrasada para ir ao colégio, na hora fiquei estarecida, achando que um ladrão estava no meu quarto e ia me atacar, por isso eu não olhei para o sujeito, estava apavorada, mas ao mesmo tempo pensei em você e perguntei ao cara se ele tinha feito algo com minha madraستا, mas ele disse que não e aí as coisas que falou em seguida foram mais estranhas ainda.

- O que ele falou?

Engoli seco, afinal a pior parte vinha agora, mesmo assim criei coragem e contei.

- O cara falou que não tinha te matado porque mesmo que seu cheiro fosse muito convidativo ele já não bebia sangue há muito tempo. As palavras dele não fizeram o menor sentido pra mim, então conclui que além de ser um ladrão, o invasor era louco, mas tudo piorou quando o cara confessou que passou a noite no meu quarto, sentado na minha cama me observando, quando eu ouvi isso fiquei pasma e meu pânico aumentou, foi só então que eu me virei para olhar o cara e quando vi quem era desmaiei.

- Você desmaiou?!

- Sim, e quando acordei me senti desorientada, mas então ouvi e vi novamente o sujeito e fiquei achando que o cara era algum ator disfarçado contratado para me pregar uma peça.

- Por que?

- Bem... porque ele era o personagem John Stoker da série de livros Lendas.

Encarei Kelly por breves instantes antes de abaixar os olhos, mas foi o bastante para ver sua expressão se tornar lívida.

Soltei um longo suspiro antes de deitar, porque parecia que apenas isso aliviava um pouco a angústia que estava sentindo, afinal depois de contar para minha madraستا em detalhes o episódio nada banal vivido naquela manhã, me sentia triste não apenas por mim, mas também pela mulher que havia me acolhido em sua vida e me apoiado num momento tão triste como foi a ocasião da morte do meu pai e relembrando os olhos melancólicos de Kelly eu disse em voz alta.

- Ela não merecia isso, não mesmo!

- Você está falando da sua madraستا, Malu?

- Ah não! De novo não! Por favor, meu Deus, não permita que eu tenha outra alucinação, não agora que estou tão triste. – Comentei fechando os olhos, mas logo os abri quando senti um peso sobre o colchão. – Você de novo?! Por favor alucinação, vá embora, eu só quero dormir, ou pelo menos tentar.

- Malu, eu não posso ir embora antes de saber como você está, afinal eu ouvi a conversa que teve com sua madraستا e fiquei muito preocupado.

- Você ouviu?

- Sim, mesmo estando aqui no seu quarto ouvi toda a conversa, porque minha audição é muito aguçada.

- Claro! Porque você é um vampiro, então não apenas sua audição é espetacular, como todos os seus demais sentidos.

- Exatamente, mas como você sabe disso?

- Sei porque eu li *Anjo Noturno*, portanto não teria como não saber.

- Novamente citando esse livro, confesso que estou curioso para ver um exemplar, afinal segundo você eu sou um personagem da estória, certo?

- Sim, você é e sabe disso!

- Não, eu não sei.

- Como assim?

- Malu?

- É a Kelly, se...

Não terminei a frase a tempo porque a alucinação se foi assim que a porta foi aberta.

- Está tudo Malu?

- Está.

- Tive a impressão de ouvir a sua voz.

Kelly não falou mais nada, no entanto seu olhar me disse o que sua boca não conseguiu, porque era evidente que ela estava querendo saber se eu tinha tido mais uma alucinação, senti tanta pena dela que achei melhor mentir.

- Não Kelly, eu não estava falando com ninguém, pode ficar tranquila.

Ela estendeu a mão sobre meu rosto e me acariciou, então com uma voz gentil comentou.

- Malu, não se preocupe, nós vamos dar um jeito nisso. Amanhã, vamos ver o Dr. Werneck, ele é o melhor psiquiatra lá do hospital e se mostrou muito prestativo quando liguei e contei o que estava acontecendo, portanto você vai receber ajuda, será tratada da maneira correta, se precisar usar algum medicamento e fazer terapia fará isso lá no hospital, por sorte como sou funcionária lá eu tenho o direito de passar você em consulta, por isso nós vamos tratar seu problema da forma adequada, você não precisa ficar com medo.

- Obrigada Kelly, eu sei o quanto você faria por mim, por isso só posso me sentir confiante.

- Eu sempre vou estar ao seu lado Malu, em todos os momentos, eu prometo.

Eu esbocei um sorriso tentando demonstrar confiança e agradecimento, mas me limitei a dizer.

- Estou cansada Kelly, preciso dormir.

- Claro, afinal seu dia foi estressante, de qualquer modo se sentir medo ou quiser conversar é só chamar.

- Obrigada.

- De nada querida. – Kelly me deu um beijo na testa e depois disse: – Boa noite.

- Pra você também.

Minha madrastra esboçou um sorriso, também tentei sorrir mas não consegui, de qualquer modo acenei adeus e a vi deixar o quarto, então olhei ao redor procurando pela alucinação, por sorte não vi nada e aliviada por estar sozinha fechei os olhos tentando esquecer o louco dia.

5 – Realidade x Fantasia

Cheguei em casa exausta, afinal passar em avaliação com um psiquiatra não era o programa mais divertido do mundo. Principalmente quando contei em detalhes as minhas alucinações, tanto a matutina, quanto a que aconteceu à noite um pouco antes de Kelly ir para o meu quarto; e ver a expressão séria do doutor não me deixou nada otimista, assim como suas perguntas sobre o uso de drogas ilícitas, abuso de álcool, tabaco ou qualquer outro vício que eu neguei possuir. O médico pareceu acreditar em mim, mas quando eu contei sobre a morte do meu pai e minha pobre rede social, os poucos, ou melhor, nenhum amigo que possuía e as horas que passava sozinha lendo, o sujeito se mostrou preocupado, por isso ele considerou a possibilidade de eu fazer terapia e caso as alucinações voltassem a se repetir eu deveria comunicá-lo imediatamente para que ele prescrevesse as medicações necessárias. Também falou sobre outros sintomas para os quais eu deveria ficar atenta, como delírios, paranoia, ansiedade, apatia, amnésia, confusão mental, perda de memória ou até mesmo automutilação. Obviamente me senti assustada ao ouvir tudo aquilo, mas procurando ser otimista eu disse a mim mesma que se realmente tivesse alguma doença mental grave eu seria tratada adequadamente, afinal além de ter uma madrastra extremamente cuidadosa, Kelly era também uma enfermeira muito competente e ela seria capaz de me ajudar a enfrentar o que quer que fosse, porque foi assim quando meu pai morreu e eu sabia que não seria diferente agora.

- Malu, quer que eu prepare uma vitamina pra você?

Minha madrastra me indagou logo que trancou a porta da sala.

- Não, obrigada, estou sem fome.

- Você precisa comer Malu, não pode ficar em jejum, não almoçou direito e pelo resto do dia não comeu nada.

- Eu sei, mas realmente não quero comer, se mais tarde sentir fome como uma fruta ou tomo um iogurte.

- Ok, mas se quiser comer alguma coisa especial me avise, se meus dotes culinários não forem o suficiente para preparar, podemos sair para buscar.

- Não se preocupe Kelly, realmente estou sem fome, mas você também não almoçou muito, portanto acho que deve comer alguma coisa antes de deitar.

- Talvez mais tarde, agora quero apenas tomar um banho e descansar um pouco, porque o dia foi puxado.

- É, e amanhã você precisa estar cedo no hospital.

- Verdade, mas só vou trabalhar se você estiver bem, por isso se sentir qualquer coisa me avise, ok?

- Ok.

Minha madrastra esboçou um sorriso, então se aproximou e me deu um beijo antes de avisar que ia subir para tomar um banho. Eu assenti, mas permaneci na sala, não estava com vontade de fazer nada, mesmo assim liguei a TV, comecei a mudar os canais, mas parei quando vi um programa americano de entrevistas no qual estava ninguém menos que o ator Derek Jones, pensei em mudar de canal, afinal ficar vendo o rosto do jovem que passou a me assombrar não era tão empolgante quanto era há dois dias atrás e pensei em como a vida podia ser irônica em certos momentos, porque quando li *Anjo Noturno* me encantei com John Stoker, e desde o início imaginei o personagem com o mesmo rosto e porte físico do ator britânico, por isso sempre lia a respeito do cara e pensava que se o livro fosse adaptado para o cinema ele deveria interpretar o vampiro, mas agora que estava tendo alucinações envolvendo o ator e o personagem fictício não conseguia pensar em nada mais triste para acontecer comigo, então desisti de assistir o programa, desliguei a TV e me deitei no sofá, esperando com isso esquecer a triste realidade.

- Malu, acorde!

Abri os olhos, mesmo sonolenta.

- Oi Kelly.

- Bom dia Malu, como você está?

- Estou com sono.

Respondi antes de bocejar, ainda assim vi minha madrastra sorrir

timidamente.

- Você está bem?

- Estou. – Respondi mais atenta e vi que tinha dormido no sofá, mas estava coberta. – Eu passei a noite aqui?

- Sim, eu desci depois do banho e a encontrei dormindo, fiquei com pena de acordar você, por isso a deixei dormir aqui. Está com o corpo dolorido?

- Não, o sofá é confortável, estou bem, mas preciso levantar e me arrumar pra ir à escola, afinal não posso perder outro dia de aula.

- Não se preocupe Malu, eu já entrei em contato com o colégio e contei que você ficou doente, por isso não precisa ir hoje, fique em casa e descanse, eu vou trabalhar até as dezenove, mas assim que sair do hospital venho pra cá, mesmo assim se sentir qualquer coisa estranha me telefone imediatamente e se não conseguir conversar comigo entre em contato com o Dr. Werneck, ele deixou o número privado dele e eu o anotei num papel, está colado na porta da geladeira se você precisar.

- Obrigada Kelly, mas estou bem, tanto que acho melhor ir ao colégio, afinal não posso ter muitas faltas por causa da bolsa de estudos.

- Não se preocupe com isso, o Dr. Werneck deu um atestado e eu mesma vou entrega-lo a direção do colégio e conversar com a coordenadora pedagógica, explicar a situação, portanto você só vai para a escola na segunda-feira, mas apenas se estiver realmente se sentindo bem.

Tentei não fazer uma careta de descontentamento, mas acho que não consegui, mesmo assim procurei não verbalizar minha insatisfação, afinal não queria causar mais aborrecimento a Kelly e por isso apenas agradeci.

- Não estou fazendo nada demais Malu, apenas o que qualquer madrasta faria no meu lugar, só lamento não poder ficar com você em casa, mas assim que uma das enfermeiras do meu setor retornar das férias, peço alguns dias de licença para ficar aqui.

Pensei em contestar e dizer que não havia necessidade, mas sabia que seria perda de tempo, até porque Kelly falou primeiro.

- Preciso ir, senão chego atrasada ao hospital, mas a noite nos vemos, e se sentir qualquer coisa é só telefonar, combinado?

- Combinado.

Minha madrastra me deu um beijo e partiu. Ainda acenei para ela da janela da sala, mas tão logo eu me virei, levei um susto.

- Ah não! Não acredito!

- Bom dia Malu.

Fechei os olhos na esperança de não ver o que de fato não existia, mas quando voltei a abrir as pálpebras lá estava ele.

- O que você está fazendo aqui alucinação? Não tem o que fazer a não ser ficar me atormentando?

Escutei seu riso baixo antes da alucinação se manifestar.

- Por que você ainda acha que eu sou uma alucinação? Só porque sou um vampiro?

Revirei os olhos, afinal não sabia qual das perguntas era a mais bizarra, de qualquer modo achei melhor responder a primeira.

- Eu acho, ou melhor, eu tenho cem por cento de certeza que você é uma alucinação, porque você não existe! Você é apenas um personagem de livro criado pela escritora Bela Ruthven, sendo assim colabore com a minha saúde mental e desapareça, porque eu realmente não estou afim de começar a tomar antipsicóticos, os efeitos colaterais são vários e eu não quero isso.

Me levantei e caminhei rumo a cozinha, contudo uma ideia me veio à mente e confiante no que aconteceria se permanecesse seguindo na mesma direção eu continuei andando até a alucinação, certa de que conseguiria passar por ela, afinal se a imagem que eu via era apenas fruto da minha mente, eu não teria nenhum obstáculo para ultrapassar. Dei mais dois passos e quando finalmente ia passar através da alucinação ela saiu da minha frente. Irritada eu questionei.

- Por que você fez isso?

- Isso o que?

- Sair da minha frente.

- Ora, se eu não sáísse da sua frente você ia topar comigo.

Estreitei os olhos e desconfiada eu argumentei.

- *Hummm*, você é uma alucinação muito esperta, tentando me ludibriar apenas com o propósito de me fazer acreditar que de fato existe.

Novamente escutei sua risada baixa e depois ouvi.

- Eu já disse que não sou uma alucinação. Quando vai acreditar em mim?

- Nunca, aliás eu nem sei por que estou aqui dialogando com o nada, porque é isso o que realmente está acontecendo, estou falando sozinha no meio da sala de estar.

- Você não está falando sozinha Malu, está conversando comigo.

- Sim, porque minha mente perturbada criou você por algum motivo e agora eu não consigo me livrar disso, mas quer saber? Eu vou agora mesmo ligar para o Dr. Werneck e pedir os antipsicóticos, vou tomar os remédios e você vai desaparecer num passe de mágica, simples assim.

- Malu, eu já disse...

A alucinação era tão real que notei um cansaço vindo da sua voz, como se estivesse realmente entediada por ficar repetindo a mesma coisa para mim, isso até me deixou com uma pontinha de remorso, mas uma porção ajuizada que ainda restava da minha mente me fez ir até a cozinha e pegar o papel com o número de telefone do médico.

- O que você está fazendo?

- Não está vendo? Eu vou ligar para o meu psiquiatra, pedir a receita do remédio, tomar e então me ver livre de você.

- Pare Malu! – Meu punho foi agarrado com força e eu gritei.

- Ai, me solta! Você está me machucando!

- Desculpe, não foi a minha intenção.

A dor foi tão intensa que eu levei alguns segundos para me dar conta do que tinha acontecido, mas quando absorvi o fato meu coração disparou e eu olhei espantada para o fruto da minha imaginação que agora me encarava de maneira estranha.

- Preciso sair daqui!

Não tive tempo de dizer nada, simplesmente porque o cara que eu achava que não existia sumiu num piscar de olhos.

Tentei não pensar no que tinha acontecido, mas foi bem complicado e havia dois motivos que contribuíam para isso.

O primeiro era a dor real que eu estava sentindo no meu punho, além da marca roxa que ficara no local onde a alucinação me segurou, foi por breves segundos, no entanto foi tempo o bastante para me deixar marcada e isso de fato me assustou, porque se John Stoker não existia na vida real, como eu estava machucada? Me senti ansiosa e aflita, será que eu estava tendo algum sintoma diferente e não estava conseguindo perceber o que era? Repassei a conversa com o médico em detalhes e não me lembrei de nada do tipo, a única coisa que se aproximava do que eu estava sentindo agora era a referência a automutilação. Porém, eu não tinha me ferido, não fui eu mesma que segurei meu punho tão forte a ponto de deixa-lo roxo, afinal eu lembrava perfeitamente do momento em que a alucinação veio até mim e me agarrou para eu não pegar o telefone, portanto como meu punho machucado poderia ser mais um sintoma do meu transtorno mental? Não consegui responder e isso me causou uma sensação muito bizarra, que misturava medo e euforia em iguais proporções.

Além da dor, outro fato não me deixava esquecer o episódio, a sensação maravilhosa que tive quando o desconforto físico intenso passou e cedeu lugar a algo bom, algo prazeroso, ser tocada por um cara, mesmo que de uma maneira rude e imperativa. Sabia que isso era errado, eu não podia sentir prazer perante um gesto autoritário, um gesto que tentava me impedir de agir por vontade própria, no entanto eu ainda conseguia sentir a maravilhosa tez da pele dele, ainda que ela fosse fria, era também acolhedora e até reconfortante. Então me lembrei dos olhos do rapaz que eu negava existir, o momento exato em que eu o encarei e o vi assustado, e me perguntei a razão para isso, por que um vampiro teria medo de uma humana? Afinal, de acordo com as lendas e com a própria história do livro *Anjo Noturno*, os vampiros eram seres extremamente fortes e por isso praticamente invencíveis, então o que causou medo nele? E foi por estar realmente com medo que ele partiu daquela forma?

Soltei um suspiro profundo, me sentindo cansada e triste por tudo o que

estava acontecendo.

- Malu?

Fechei os olhos por breves segundos, mas quando os abri novamente, ele estava lá.

- Você está muito machucada?

Escutei o rapaz a minha frente me indagar de maneira preocupada.

- Sim.

- Eu lamento muito Malu, não queria machuca-la, de forma alguma, no entanto quando me dei conta do que você queria fazer, agi sem pensar e por isso não consegui controlar minha força como deveria. Mais uma vez peço perdão.

- O seu pedido de perdão se estende ao estrago que você está provocando na minha mente, ou se limita ao meu punho machucado?

Ele não respondeu, abaixou a cabeça e permaneceu calado.

- Por favor, eu preciso que você vá embora, que você desapareça de uma vez por todas. Eu não quero ficar louca, não quero tomar remédios, não quero ser internada porque vejo coisas que mais ninguém vê.

- É isso! Sei como fazer você acreditar em mim.

- O que?

- Malu, você acha que eu não passo de um fruto da sua imaginação, mas se tiver certeza que todos podem me ver e falar comigo, então você vai acreditar que eu realmente existo, não é?

Soltei uma risada baixa porque era realmente engraçado ouvir minha própria alucinação me propor um jeito de resolver as coisas, por isso perguntei.

- E o que você quer fazer? Sair comigo na rua, conversar esperando que eu responda enquanto as pessoas passam e me olham com medo ao ver que eu estou falando sozinha? Esquece, eu não vou me submeter a isso, passar por essa situação deplorável, posso até estar enlouquecendo, mas ainda tenho um pouco de bom senso e vou me agarrar a ele enquanto puder.

- Malu, por favor! É a única maneira de você acreditar em mim!

- E por que precisa que eu acredite em você?

- Porque eu não quero partir, não quero ficar longe de você!

- Ah, entendi! Você está se divertindo às minhas custas, está achando hilário o meu sofrimento. Realmente você não existe, nem tão pouco é o John Stoker do livro, porque ele nunca teria um comportamento egoísta e maldoso como o seu.

Me levantei do sofá, dei alguns passos, mas apenas para não ver a alucinação, porque estava tão exausta de tudo que eu não queria encarar a realidade, queria apenas chorar e foi o que fiz, deixei as primeiras lágrimas escorrerem pelo meu rosto.

- Você está chorando?

A pergunta saiu num tom preocupado e isso acabou comigo, me senti mais irritada e triste do que em qualquer outro momento, por isso me virei e gritei.

- Sim, eu estou chorando e sabe por que? Porque estou literalmente louca, mas ao mesmo tempo consigo perceber minha sanidade indo embora, minha vida acabar mesmo que eu continue viva, e você, senhor Stoker é o responsável por isso! Portanto obrigada por me matar!

Saí correndo da sala, subi as escadas e entrei no meu quarto, me atirei na cama e lá fiquei entregue ao choro compulsivo.

6 – Real

No fim da tarde estava sentada num banco da pracinha que havia perto da minha casa, olhando um grupo de crianças brincarem de pega-pega quando escutei.

- Oi Malu, tudo bem?

Me virei e vi Heitor, um garoto da minha idade que morava a uma quadra de mim. Esbocei um sorriso, porque o menino era um dos poucos, ou talvez o único que não me olhava como a maioria das pessoas do bairro fazia, ou seja, de forma julgadora e depreciativa.

- Oi Heitor, como você está?

Ele se sentou ao meu lado antes de responder.

- Estou bem, estou estudando e também trabalhando.

- Mesmo? Onde?

- Na loja de vídeo-games da galeria que tem aqui perto.

- Ah, eu sei qual é. E está gostando?

- Estou, porque curto vídeo-game e por isso é bom passar o tempo num lugar onde posso conversar com as pessoas sobre isso, além de ainda ganhar uma grana.

- Então é o emprego perfeito, não?

Heitor soltou uma risada amistosa antes de responder.

- Acho que sim, pelo menos por um tempo, mas não quero ficar o resto da vida trabalhando lá.

- E o que você quer fazer?

- Ainda não sei, minha mãe quer que eu faça faculdade, mas não sei se tenho paciência pra estudar tanto, eu não sou bom aluno como você.

Não havia crítica ou inveja nas palavras de Heitor, mas sim uma tentativa de elogio, por isso sorri ao mesmo tempo em que o incentivei.

- Tenho certeza que se realmente estiver a fim vai conseguir passar no vestibular, afinal é um garoto esperto e inteligente, muito mais que a maioria

daqui.

- Se você está dizendo vou acreditar.

Meu sorriso alargou com a simpatia de Heitor, mas durou poucos segundos, porque ao ouvir meu nome num outro tom de voz masculino gelei. Fechei os olhos e mentalmente pedi aos céus que não tivesse outra alucinação ali, no meio da rua, mas foi em vão e eu escutei.

- Olá, como vai? Você dever ser amigo da Malu, é um prazer conhece-lo.

- E aí, tudo bem?

Abri os olhos ao ouvir Heitor, que não apenas estava respondendo à pergunta da alucinação, mas também estendendo a mão para cumprimentá-la. Fiquei boquiaberta por alguns instantes, tentando absorver o que meus olhos enxergavam, no entanto minha lucidez se esvaiu num segundo e de repente não vi mais nada.

Escutei diversas vozes, algumas diziam o meu nome e outras até soavam familiares, então abri os olhos e vi vários rostos me encarando, dois deles eram conhecidos, mas foi a voz de Heitor que eu escutei primeiro.

- Como *tá* se sentindo Malu? *Tá* melhor?

A preocupação estampava a face do garoto e eu respondi.

- Sim, estou bem. – Falei ao mesmo tempo em que me levantava.

- Deixa que eu te ajudo.

- Eu faço isso!

O jovem que se dizia John Stoker interrompeu Heitor abruptamente ao mesmo tempo em que segurava minha mão e me ajudava a sentar. Encarei seus olhos azuis como o céu e a intensidade deles me deixou hipnotizada, talvez por isso tenha levado alguns segundos para sentir sua pele fria e lisa, mas quando notei que ele ainda me segurava, senti tantas coisas ao mesmo tempo, alegria, ansiedade, apreensão, até ouvir.

- Você me deixou preocupado, tem certeza que está se sentindo bem?

- Tenho. – Respondi ainda presa aos olhos azuis, mas quando ouvi meu

nome, desviei minha atenção para Heitor.

- Bom Malu, se você *tá* legal, então vou embora, mas se precisar de ajuda...

- Eu a ajudarei no que ela precisar.

John, ou sei lá quem ele de fato era, falou antes de eu me manifestar e isso me deixou irritada, afinal eu era capaz de responder a Heitor, e vendo o garoto me olhar timidamente perante o que tinha escutado, protestei.

- Eu estou perfeitamente bem, não preciso de ajuda nenhuma. – Disse de maneira ríspida ao rapaz de cabelos negros e pele alva, mas quando voltei a encarar Heitor, abrandei meu tom e prossegui. – Mesmo assim, muito obrigada Heitor, por oferecer ajuda.

- Não há de que. – O garoto deu de ombros visivelmente desapontado, antes de continuar. – Bom, então vou pra casa. A gente se vê. Tchau!

- Tchau Heitor e obrigada mais uma vez.

Acenei para o menino enquanto o via partir, o resto das pessoas que estavam a minha volta quando retomei a consciência também já tinham dispersado e a única que permanecia ao meu lado era o jovem de olhos azuis.

- Então, agora acredita em mim?

A indagação veio num tom desafiador e ainda que estivesse meio tonta com os fatos sabia que ali não era o local mais apropriado para conversar.

- Vamos para a minha casa, lá teremos privacidade.

Comecei a andar sem esperar pela resposta, mas ainda que apressasse meus passos, logo o jovem estava ao meu lado. O encarei por breves segundos e senti tantas coisas ao mesmo tempo que achei melhor não o olhar mais, e só quando passei pela porta da sala da minha casa eu voltei a observar o rapaz.

- Muito bem, você é real, não dá pra negar isso, a não ser que toda a vizinhança tenha tido a mesma alucinação que eu, mas ainda assim não posso acreditar que você é quem afirma ser, portanto eu exijo uma explicação, quero saber quem de fato você é e por que está aqui.

O jovem franziu o cenho e soltou um suspiro, na verdade um grunhido, ou algo do tipo, mas era evidente que ele estava tentando se manter calmo.

- Malu, por que é tão difícil você acreditar que meu nome é John Stoker? Se

eu me chamasse Charles, Tyler, ou tivesse qualquer outro nome seria mais fácil para você?

- O problema não é o seu nome, mas sim quem você diz ser. Eu já falei: você não pode ser o John Stoker, primeiro porque ele é um personagem fictício e segundo porque é um vampiro e vampiros não existem!

- Existem sim, você está errada ao achar que somos apenas uma lenda, porque se soubesse a verdade sobre a minha espécie ficaria espantada.

Soltei uma risada baixa, porque era tão absurdo ouvir aquela afirmação que nada fez mais sentindo para mim do que debochar do fato.

- Você ainda não está acreditando em mim?

- Não!

- Por Deus! Acho que nunca conheci alguém tão tenaz como você. De qualquer modo se precisa de uma prova que eu realmente sou um vampiro, eu posso te dar algumas, mas teremos que sair daqui, ir para um lugar deserto.

- Ah, mas é claro que eu vou sozinha para um lugar deserto com um cara que se diz vampiro, afinal é a maneira perfeita de cometer suicídio, por que quem em sã consciência seria tão estúpido assim?

- Eu não vou te matar, se quisesse teria feito isso há dois dias atrás, no entanto mesmo que seu cheiro seja maravilhoso estou conseguindo me controlar.

O sujeito continuava a afirmar que era um vampiro, por isso eu disse:

- Certo. Então partindo do princípio que você é realmente um vampiro, como pode ser justamente o vampiro criado por Bela Ruthven e aparecer na pele de Derek Jones? Isso não faz o menor sentido, afinal a escritora só descreveu características suas no livro, mas foi a minha mente que imaginou o ator britânico como o personagem.

- Realmente não sei o que dizer a respeito disso, a única coisa que sei é que me chamo John Stoker, sou um vampiro e por isso imortal.

Permaneci perplexa diante do cara, porque ele falava com tanta convicção que era John Stoker que qualquer um acreditaria nele. Até eu estava caindo na sua lãbia, mas um resquício de bom senso me alertou e de repente tive um estalo, a louca da história não era eu e sim o jovem a minha frente e por um

momento senti pena dele, afinal ele era tão lindo e apesar de audacioso era também cortês, por isso não merecia acabar internado num hospício, assim eu falei:

- Ok, você pode realmente se chamar John, até seu sobrenome pode ser Stoker, mas definitivamente você não é um vampiro, certo? Simplesmente porque vampiros não existem, portanto você é um cara normal, ou quase isso, afinal caras normais não saem por aí afirmando que são vampiros, mas de qualquer modo o que quero dizer é que você é como qualquer jovem da sua idade, ou seja, se alimenta de comida comum, dorme, vai ao banheiro, sente raiva, fica feliz, enfim... faz o que qualquer pessoa nesse mundo faz.

- Não Malu, eu não sou humano, não mais, porque me tornei um vampiro, por isso eu não me alimento de comida e sim de sangue, também não durmo, nem vou ao banheiro, porque sou um morto-vivo, meu coração parou de bater há séculos e desde então nunca mais envelheci, eu parei no tempo em que fui criado.

- Em 1498?

- Como sabe o ano em que fui criado?!

- Eu li sua “biografia”. – Expliquei sem esconder a ironia, ainda assim ele falou.

- Você está se referindo ao livro Anjo Noturno?

- Sim...

- Bem, eu não costumo ler livros sobre vampiros, acho deprimentes demais, no entanto segundo você esse livro conta a estória de um vampiro com o mesmo nome que o meu, não é?

- Exatamente, um vampiro chamado John Stoker, que nasceu na Idade Média e foi transformado pelo...

- Sua madrasta está chegando, ela pode me ver aqui?

Fui interrompida abruptamente, mas antes que tivesse chance de reclamar ou responder, ouvi.

- Tudo bem, é melhor eu ir.

- Como?

Minha pergunta saiu mais lenta que a ação do jovem, que se moveu tão rápido rumo a cozinha que fiquei estupefata, achando que tinha visto o The Flash passar por mim. Permaneci boquiaberta, o coração batendo descompassadamente, mas antes que tivesse chance de assimilar o fato, vi a porta ser aberta.

- Oi Malu, tudo bem?

- Sim. – Respondi tentando manter o nervosismo e ansiedade sob controle.

- Tem certeza? Você está pálida! – Minha madrasta se aproximou, me deu um beijo, mas logo falou. – Malu, você está gelada! Meu Deus! Não deve estar bem, sente-se aqui, vou pegar um copo d’água pra você.

- NÃO! – Protestei alto, apavorada com a possibilidade de Kelly encontrar o cara que dizia ser um vampiro, mas ao ver a expressão no rosto dela, tentei me acalmar e prossegui. – Fique aqui, vamos conversar.

Kelly continuou me olhando preocupada.

- Malu, você não está bem! Teve mais uma alucinação? Ou algum outro sintoma diferente?

Pensei no que tinha visto um pouco antes de Kelly entrar e me questionei se de fato o cara que estava comigo podia ser tão veloz a ponto de desaparecer no ar como se fosse fumaça, e se eu não tivesse plena convicção de que Heitor e mais alguns vizinhos viram e falaram com o jovem, eu diria sim que tinha tido mais uma alucinação, porque era humanamente impossível alguém ser tão rápido assim, nem mesmo o atleta Usain Bolt era tão veloz. De qualquer modo falei:

- Estou bem, não tive nenhuma alucinação... – Interrompi minha afirmação ao me lembrar do meu desmaio no final do dia e imaginando que Kelly poderia saber do ocorrido através dos vizinhos, achei melhor contar o fato. – ...só que há uma hora atrás desmaiei novamente.

- Ah Malu! – O olhar de preocupação da minha madrasta me causou remorso e eu me arrependi de ter mencionado o fato, pensei em contar a verdadeira razão para ter perdido a consciência novamente, mas se fizesse isso as coisas só ficariam mais complicadas e para confirmar minha hipótese ouvi.

- Vou ligar para o Dr. Werneck e contar o que aconteceu.

- Não precisa Kelly, agora eu estou bem.

- Malu, é a segunda vez que você desmaia em três dias, portanto precisamos averiguar o que está acontecendo, talvez apenas a avaliação do psiquiatra não seja o bastante para fechar um diagnóstico, precisamos investigar se há uma causa orgânica para os seus sintomas.

- O que você quer dizer com isso?

A expressão da minha madrastra se tornou ainda mais melancólica e percebi que ela estava relutante em falar, por isso insisti.

- Fale Kelly! O que você está pensando?

- Não quero pensar em nada ruim, nem tão pouco preocupar você, mas talvez seja melhor fazer uma ressonância magnética a fim de pesquisar mais a fundo o que está acontecendo no seu cérebro.

- Por que? Você acha que eu posso estar com algum tumor?!

Minha madrastra não respondeu, no entanto seus olhos ficaram marejados, então ela me abraçou e disse:

- Não vamos pensar no pior, vamos apenas fazer o que for preciso para cuidar da sua saúde.

7 – Considerações

Na sexta-feira de manhã, fui com Kelly até o hospital onde ela trabalhava, mas dessa vez não para me consultar com Dr. Werneck e sim para fazer uma ressonância magnética, contudo para o meu azar o aparelho quebrara de madrugada, por isso não poderia realizar o exame pelos próximos dias, porém, minha madrastra estava tão preocupada que conversou com um neurologista do Pronto Socorro explicando a situação, citou minhas alucinações e desmaios e pediu ao médico que solicitasse uma tomografia computadorizada, apesar de me explicar que o exame feito por esse aparelho não era tão preciso quanto o primeiro e a grosso modo, ela fez a seguinte analogia para que eu entendesse as diferenças.

- A tomografia é como abrir o capô de um carro e olhar por cima apenas, já na ressonância, o motor do carro é retirado e examinado detalhadamente para averiguar qual é o problema existente. Mas enquanto o aparelho de ressonância não for consertado é melhor você fazer a tomografia, porque se algum...bem, se algo realmente visível estiver presente, o exame irá detectar.

- Você está se referindo a algum tumor maligno? Algo grande que não passaria despercebido?

- Sim, afinal é preciso averiguar o quanto antes as causas dos seus desmaios.

Pensei nas duas situações que me fizeram perder a consciência e não achei que meus desmaios estivessem fora de sintonia com os episódios, afinal na primeira vez eu desmaiei quando vi um jovem que era a cópia fiel do ator Derek Jones, e na segunda vez que perdi a consciência foi quando testemunhei o momento em que Heitor cumprimentou com um aperto de mão o suposto vampiro, portanto era totalmente justificável eu desmaiar, mas confesso que senti medo, porque se o resultado do exame mostrasse algo, isso significaria o que? Que eu iria morrer em breve?

Meus olhos ficaram marejados e eu pensei nos fatos recentes ao mesmo tempo em que lembrava de um ditado popular, *cuidado com aquilo que deseja porque pode se realizar*. Soltei um suspiro ao imaginar novamente meu pedido de aniversário e não deixei de pensar no quanto de complicação algo tão ingênuo trouxe para mim.

Por sorte, meu exame não acusou nada, aparentemente tudo estava em ordem no meu cérebro, por isso voltei para casa mais confiante, talvez pelo menos eu não fosse morrer, talvez apenas enlouquecesse, mas com o tratamento adequado e terapia talvez eu conseguisse levar uma vida relativamente normal.

No entanto, essa suposição me fez pensar novamente no que tinha acontecido na praça no dia anterior quando o suposto vampiro apareceu e conversou com Heitor. Se aquilo tinha mesmo acontecido e eu tinha certeza que sim, então a maluca da história não era eu e sim o cara que afirmava ser John Stoker, porém, ao imaginar aquele cara tão lindo e jovem doido de pedra me senti triste, afinal ele parecia ser uma boa pessoa, era educado, aparentemente protetor e isso causou uma dor intensa no meu peito, afinal se o rapaz era mesmo louco eu deveria ajudá-lo, mas de que maneira? Contar a Kelly o que estava acontecendo? Não, era totalmente inadequado, até porque ela tinha motivos o suficiente para se sentir paranoica com um provável maníaco.

Lembranças pavorosas tentaram eclodir da minha mente, mas eu as bloqueie com eficácia e segurei as lágrimas que tais recordações sempre provocavam, por sorte, batidas na porta do meu quarto me ajudaram a esquecer o passado e eu falei:

- Está destrancada, pode entrar.
- Oi Malu, tudo bem?
- Sim, estou bem.
- Que bom! Fiquei preocupada que sentisse alguma coisa depois do exame, ainda bem que isso não aconteceu.
- Verdade, mas fazer uma tomografia não é algo divertido, por isso espero não precisar repetir o exame tão cedo.
- Acredito que não irá precisar Malu, mas de qualquer modo, vamos continuar investigando e tratando seu problema de forma apropriada, por isso vim aqui conversar e dizer que consegui um horário para você com uma psicóloga do hospital. Você passará com ela duas vezes por semana, só que

no consultório particular onde ela atende, porque no hospital ela não tinha horário.

- Então as consultas serão pagas?!

- Sim.

- Kelly, isso vai ficar muito caro! Como você vai pagar?

- Eu fiz um acordo com a psicóloga, não se preocupe, o que importa mesmo é você fazer terapia, porque independente do que está acontecendo, a adolescência é um período conturbado e levando em conta as coisas pelas quais passou dois anos antes, acho que será bom pra você.

Soltei um suspiro e mais uma vez pensei no cara que agora eu sabia que existia de fato, novamente me indaguei se falar a verdade para minha madrastra era o melhor caminho, mas ao lembrar das dificuldades do sujeito, achei que eu mesma sozinha poderia ajudá-lo, por isso mantive meus pensamentos ocultos até escutar.

- Malu, nesse final de semana terei que dar plantão no sábado e no domingo, no entanto, não quero que fique sozinha, por isso gostaria de leva-la para Petrópolis para passar esses dois dias com minha tia Lourdes.

- Não precisa Kelly, eu estou bem.

- Eu sei, mas tenho receio que se sintam mal quando estiver sozinha.

- Kelly, eu não vou passar mal, tenho certeza, além do mais não gosto de ficar na casa de pessoas que conheço tão pouco.

- Eu entendo, mas minha tia é um amor de pessoa, uma mulher cuidadosa ao extremo. Eu já te contei o quanto ela me ajudou quando perdi meus pais, por isso tenho certeza que vai olhar por você como se fosse sua avó.

Pensei na mulher em questão, ela era mesmo uma pessoa agradável e nas poucas vezes que nos vimos foi muito simpática comigo, porém tia Lourdes tinha um neto que era o oposto dela e eu acabei falando.

- O problema é que além de não me sentir à vontade na casa de uma pessoa que não é minha parente de fato, ainda tem o Liam, eu não vou com a cara dele.

- Eu sei Malu, afinal o neto da tia Lourdes não é uma pessoa fácil, mas deixar você aqui dois dias inteiros sozinha, eu realmente fico preocupada, por

isso preferiria que fosse para Petrópolis sim.

Torci o nariz perante o excesso de zelo de Kelly, no entanto não poderia ser egoísta e pensar apenas em mim, afinal minha madrastra era uma pessoa tão legal comigo que o certo a fazer era concordar com ela.

- Ok, se acha melhor eu ficar em Petrópolis vou arrumar minhas coisas.

- Que bom Malu, não sabe como fico aliviada por ouvir isso. Vou agora mesmo avisar tia Lourdes que você concordou.

Kelly saiu do meu quarto sorrindo, já eu soltei um longo suspiro ao pensar no fim de semana que estava por vir.

8 – Família Postiça

A viagem para Petrópolis foi rápida, em menos de uma hora Kelly atravessou o pátio da cidade e dirigiu rumo a casa da sua tia, uma mulher de setenta anos, muito educada e também muito rica, por isso ela vivia num local nobre e imenso, na verdade o terreno onde sua casa fora construída ficava numa área de mais de mil metros quadrados e era cercada pela vegetação nativa, portanto o verde das copas das árvores e o ar puro das montanhas eram as características dominantes. Contudo, mesmo que o lugar fosse lindo e tranquilo, eu não gostava de visitar tia Lourdes, e a principal razão sempre foi a presença do seu neto Liam, atualmente um jovem de vinte anos, mas que vivia com ela desde bem pequeno, porque perdera os pais muito cedo e quem ficou responsável por ele foi tia Lourdes.

Porém, ainda que a avó tenha tentado fazer do neto uma boa pessoa, não conseguiu, porque o cara fazia o estilo *bad boy*, sempre saindo com más companhias, arrumando confusão, depreciando os demais, enfim, infernizando a tudo e a todos, inclusive a mim, que nas poucas vezes que estive com ele sempre fui atormentada por suas piadinhas sem graça e seus olhares debochados.

Por isso ele não figurava entre os familiares de Kelly mais queridos por mim, no entanto, em consideração a sua avó eu procurava ser indiferente e torci para que nesses dois dias conseguisse ser neutra como sempre. De qualquer modo não comentei sobre o fato com Kelly, afinal não queria aborrecê-la ou preocupá-la, mas quando vi minha madrastra parar o carro em frente à casa da sua tia inibi um suspiro.

- Kelly, há quanto tempo não nos vemos, estava com saudades. – Tentei sorrir ao ver tia Lourdes e ao lado de Kelly fui ao seu encontro.

- Oi tia, também senti sua falta, mas sabe como é, o dia a dia é corrido, portanto não sobra muito tempo pra fazer uma visita.

Minha madrastra se justificou ao mesmo tempo em que abraçava sua tia, depois foi a minha vez de cumprimentá-la, e após uma acolhida breve em seus braços, ouvi.

- E você Malu, está bem? Kelly contou que teve alguns probleminhas de

saúde, mas tenho certeza que passar dois dias aqui irá ajudar você a se recuperar, afinal o ar de Petrópolis é bem melhor que o da capital.

- É sim, de qualquer modo obrigada por me receber.

- Você será sempre bem-vinda meu bem, esteja certa disso, mas vamos entrar, eu pedi a empregada que preparasse um lanchinho, afinal devem estar com fome.

Tia Lourdes comentou de forma simpática ao mesmo tempo em que nos conduzia para o interior da sua bela casa e enquanto nos sentávamos Kelly perguntou.

- E o Liam está em casa?

- Não, ele viajou para Cabo Frio com alguns amigos, acho que vai ficar lá até domingo, isso se não mudar os planos, porque é sempre muito volúvel.

Tentei não sorrir, mas não sei se consegui, de qualquer maneira saber que não veria o neto de tia Lourdes era um bônus que eu não esperava, por isso me senti mais relaxada e consegui até participar da conversa que Kelly e a tia mantiveram por alguns minutos. Os assuntos foram parentes que minha madrastra não via há tempos e após nos inteirmos da vida alheia e tomarmos um belo lanche da tarde, tia Lourdes sugeriu irmos até o quarto de hóspedes para eu levar minha mochila.

Claro que o dormitório era maravilhoso, decorado de forma elegante e acolhedora, e a vista da janela do quarto era mais espetacular ainda, porque estávamos num ponto alto da cidade e com isso era possível ver as montanhas ao longe criando um cenário cinematográfico, no entanto, não consegui me sentir feliz mesmo perante tanta beleza e a razão principal foi saber que em breve eu estaria sozinha, ou melhor, tia Lourdes estaria lá, além dos empregados, contudo Kelly não, e quando chegou o momento dela partir me segurei para não chorar, afinal não podia dificultar as coisas para ela, e fingindo satisfação eu acenei adeus enquanto via o carro da minha madrastra deixar a propriedade rumo a capital. Olhei para o céu, já era noite, mas ainda que estivesse escuro, a iluminação artificial da propriedade juntamente com o luar de verão e as estrelas brilhando, conferiam ao local uma monótona melancolia que pouco a pouco se estendeu para o meu peito fazendo as primeiras lágrimas escorrerem pela minha face.

Acordei bem disposta apesar de tudo, e após passar uma hora conversando com tia Lourdes me animei a dar uma volta pela propriedade. Caminhei até os limites da entrada e como estava me sentindo bem, achei que estender meu passeio pelos arredores seria prazeroso, então segui em frente, andando pela estrada e vendo as residências elegantes que faziam parte do lugar, imaginei que uma casa ali devia custar uma fortuna e sem me dar conta comecei a calcular quanto de dinheiro a tia de minha madrastra herdara do seu falecido marido, um empresário muito bem sucedido da indústria automobilística; de qualquer modo não cheguei a nenhuma cifra que não envolvesse muitos e muitos dígitos na conta bancária, mas ainda assim pensei se ter tanto dinheiro podia trazer felicidade, afinal pelo que sabia tia Lourdes perdera a única filha num trágico acidente de helicóptero e mesmo que tivesse buscado forças para criar Liam, o neto órfão, não achava que de fato a presença do menino tivesse suprido a ausência da filha.

Meus pensamentos foram dispersos quando eu me dei conta do quanto tinha me afastado da propriedade e ansiosa por voltar não percebi quando um carro esporte parou perto de mim, mas ao ouvir meu nome me virei para ver quem era.

- Malu, é você?!

- Liam?! – Indaguei o jovem de óculos escuros dentro do carro.

- O próprio!

Liam tirou os óculos e sorriu, um sorriso levemente malicioso, mas que ainda assim conseguiu me incomodar, de qualquer forma tentei não demonstrar meu desconforto e comentei apenas.

- Achei que estivesse em Cabo Frio, sua avó contou que tinha ido pra lá passar o fim de semana.

- Fui sim, mas as coisas estavam um saco, por isso voltei antes.

- Ah entendi! Bom, é uma pena, de qualquer modo agora que está de volta na sua casa as coisas podem melhorar.

- Talvez, quem sabe. – Liam comentou me medindo da cabeça aos pés, não

gostei do seu olhar, por isso falei:

- Bom, a gente se vê depois então, até.

- Como assim Malu? Aonde você vai? - Nesse momento Liam saiu do carro e veio na minha direção. – Vai dar uma volta no centro?

- Não, na verdade estava apenas andando por aí, mas acabei me distraindo e não me dei conta do quanto tinha me afastado da casa da sua avó, de qualquer forma daqui a pouco volto pra lá.

- Se você vai pra lá então suba no carro, eu também estou indo pra casa.

- Obrigada Liam, mas quero andar mais um pouco.

- Sendo assim, posso te fazer companhia? Conheço uma trilha bem legal, podemos ir pra lá se quiser.

- Não, realmente não estou afim.

- Tudo bem, então vamos pra casa.

Liam me segurou pelo cotovelo e tentou me levar para o seu carro, não me mexi e protestei.

- Não precisa, prefiro ir andando.

- É uma boa caminhada, além do mais minha avó não irá me perdoar quando eu disser que a deixei aqui para voltar a pé.

- Se o seu receio é que eu reclame com sua avó por isso, pode ficar tranquilo, não vou me queixar de você pra ninguém.

- Que bom, por isso volto a insistir, vamos embora juntos, em menos de cinco minutos estaremos na casa da minha avó.

Tentei não torcer o nariz com a insistência de Liam, apesar de estar achando muito chata a sua atitude, por isso para me ver livre do cara acabei falando.

- Tá, tudo bem, vou com você, até porque estou cansada e o sol está forte.

- Sábia escolha Malu, tenho certeza que não vai se arrepender. Vamos?

Liam abriu a porta do carro e eu entrei, me ajeitei no banco do passageiro enquanto ele se acomodava em frente ao volante.

- Quer ouvir música?

- Claro, do que você gosta?

- De barulheira, como minha avó costuma dizer, mas acho que você pode ter sua própria opinião sobre o estilo de música que eu curto.

Liam respondeu ao mesmo tempo em que ligou o carro e o som de guitarras pesadas preencheu de forma ensurdecadora o interior do veículo, acabei fazendo uma careta e ouvi uma risada.

- Acho que não é o seu estilo, melhor desligar.

O silêncio substituiu o som das guitarras e eu respirei aliviada.

- Obrigada, realmente não curto esse tipo de música.

- Imaginei.

Liam comentou com um leve sorriso e então voltou a falar.

- O que você tem feito Malu?

- Nada de especial, estou estudando apenas, me preparando para o vestibular.

- Bom, você pode até achar que estudar não é algo especial, mas se eu fizesse isso minha avó daria pulos de alegria.

Ele comentou rindo e eu perguntei.

- Você não está fazendo faculdade?

- Eu?! De forma alguma, porque odeio ficar enfurnado numa sala de aula ouvindo um monte de coisas sem graça, por isso foi tão chato terminar o ensino médio, dirá ir para uma universidade.

- Bom, o colegial tem matérias que são mesmo enfadonhas, mas independente disso, se fizesse um curso superior seria algo do seu interesse, portanto não seria tão ruim assim.

- Talvez pra alguém como você; mas pra mim? Não mesmo! O que eu quero é curtir a vida!

- Mas uma coisa não exclui a outra, você pode se divertir e estudar, basta saber dividir seu tempo.

- O fato é que eu não quero dividir meu tempo.

- E o que pretende fazer no futuro?

- Sei lá, continuar gastando a grana da minha avó, afinal ela já está velha,

portanto não precisa mesmo de muito dinheiro, por isso é melhor usá-lo de uma maneira divertida.

As palavras de Liam me irritaram profundamente, porque além de evidenciarem sua falta de perspectiva com o próprio futuro, ainda eram extremamente desrespeitosas com a mulher que o criou.

- Acho que você deveria ter mais consideração pela sua avó, afinal ela acolheu você num momento muito triste da sua vida.

- Na verdade ela não fez nada além da obrigação dela e só pra você ficar ciente, não foi fácil conviver com meu avô, porque ele era um tirano e se algo não era do agrado dele conseguia fazer da vida da pessoa um inferno, no caso a minha vida foi um inferno, portanto quando ele morreu foi um alívio para mim e acho que até mesmo para minha avó, apesar dela não falar isso com todas as letras.

Novamente me senti incomodada, porque mesmo que já tivesse escutado Kelly mencionar o temperamento difícil do seu tio, ainda assim achava que a memória dele merecia ser respeitada e mais uma vez protestei.

- Liam, por mais complicado que seja conviver com alguém, em certos momentos precisamos ceder, porque senão as coisas não fluem, entende?

- Acho que sim, de qualquer modo, eu não sou desse jeito, não sou o tipo de cara que leva desaforo pra casa.

- Um pouco de paciência não faz mal a ninguém.

Comentei na esperança de alertar o cara para as consequências que um temperamento como o dele poderia trazer com o tempo, ele não disse nada, permaneceu dirigindo em silêncio, por isso me calei também e voltei minha atenção para o exterior do carro, quando percebi que passávamos direto pela entrada da casa de tia Lourdes.

- Liam, o portão da casa da sua avó ficou pra trás.

- Vamos entrar por outro lugar.

- Que lugar?

- A propriedade é bem grande e não tem apenas uma entrada, por isso acho que você deveria conhecer o restante do terreno.

- Hoje de manhã eu andei bastante pelo lugar e não me lembro de ter visto

nenhuma entrada além da principal.

- Por que está falando isso Malu? Não está acreditando em mim? Acha que estou mentindo?

- Não foi isso o que eu disse.

- Mas pareceu.

O tom de Liam foi seco e eu me arrependi de ter sido grossa, por isso falei:

- Desculpe, não foi minha intenção chamar você de mentiroso.

- Tudo bem, não precisa se preocupar com isso.

Liam comentou enquanto fazia a curva na estrada e seguia rumo a um novo portão, imaginei que ali era a outra entrada da propriedade, porém Liam não parou quando aproximou o carro do local e continuou dirigindo em silêncio. Me senti aflita e perguntei.

- Para onde estamos indo?

- Achei que você gostaria de conhecer mais a região, então estou te levando para um passeio.

Ele desviou os olhos da estrada por breves segundos e me encarou, não gostei nada da sua expressão e apreensiva pedi.

- Vamos voltar, não quero ficar zanzando de carro por um lugar que eu não conheço.

- Por que Malu? Achei que você curtisse a natureza, afinal me parece tão introspectiva, o tipo de pessoa que gosta da solidão e de lugares que possibilitem isso.

- Sim, eu gosto mesmo de ficar sozinha, mas isso não significa que quero ir para um lugar distante com você.

Ele não disse nada, apenas saiu da estrada e quando parou o carro no acostamento tive a esperança de que ia retornar, contudo Liam desligou o motor.

- Sabe Malu, desde que te conheci não fui com a sua cara, mas não posso ser hipócrita e dizer que não te acho uma gata, porque na verdade você é uma garota bem bonita e acredito que seja gostosa também, mas é claro que só posso ter certeza se provar.

- Como é que é?!

Foi a única coisa que consegui falar antes de Liam vir para cima de mim, ele segurou meu pescoço com uma das mãos e com a outra agarrou minha coxa, ao mesmo tempo em que levava sua boca aos meus lábios, consegui desviar, ainda assim senti sua língua na minha bochecha.

- Para Liam! Me solta!

Tentei me desvencilhar, mas ele não deu chance e continuou me agarrando.

- Para! Eu vou gritar!

- Isso, grita bastante porque é assim que eu gosto.

Novamente o repeli, ou pelo menos tentei, quando um som muito estranho chamou minha atenção, olhei em direção ao barulho e arregalei os olhos quando vi a porta do lado do motorista ser arrancada e arremessada para longe, praticamente no mesmo instante Liam foi tirado do interior do veículo e o grunhido de um animal emitido. Também sai do carro para ver o que acontecia lá fora e quando vi Liam ser erguido no ar como se não passasse de um boneco de pano eu gritei:

- **John, Não!**

Olhos vermelhos como sangue me encararam enfurecidos e eu senti medo, ainda assim consegui dizer:

- Você vai mata-lo!

Liam foi jogado no chão, não com a força a qual imaginei que seria, mas o bastante para ele gemer de dor.

- Suma daqui! E para o seu futuro bem estar sugiro que não conte a ninguém o que aconteceu, nem tão pouco apareça na frente da Malu novamente.

Liam olhou aterrorizado para o rapaz que o encarava e sem dizer nada, se levantou e começou a correr pela mesma estrada na qual tínhamos vindo. Eu o observei por breves instantes, até que senti um toque frio na minha pele.

- Vamos sair daqui Malu.

Eu encarei o jovem a minha frente e se até breves instantes atrás achava que ele fosse louco por afirmar ser quem era, naquele instante não tive mais nenhuma dúvida que John Stoker realmente estava ali comigo.

9 – Extraordinário

Consegui caminhar por alguns minutos, embora ainda sentisse a adrenalina percorrer meu corpo, contudo me mantive de pé andando ao lado do jovem que me salvou, mas depois de instantes, deixamos a estrada principal e adentramos para uma espécie de trilha, havia até uma placa sinalizando o nome do lugar, porém, eu estava tão atordoada que não prestei atenção, então parei e disse:

- Preciso descansar, minhas pernas estão tremendo.

- Quer que eu leve você no colo?

- Pra onde? Aonde estamos indo?

- Achei que respirar o ar puro da montanha pudesse ajudar você a se acalmar.

- Sério?! – Indaguei incrédula.

- Malu, sei que está assustada pelo que aconteceu no carro, mas ainda que você não tenha feito nada para estimular o comportamento daquele cretino, foi muita irresponsabilidade sua aceitar a carona dele, ainda mais depois de tudo.

- De tudo o que?

- De tudo o que eu ouvi da conversa que você teve com sua madrastra antes de deixar o Rio, seus lamentos dizendo que não gostava do rapaz, que ele sempre te incomodou, e ainda que eu entenda as preocupações de Kelly, não acho que ela agiu certo ao trazer você aqui.

- Você está condenando as ações dela?! E o que você fez agora pouco? Parou para pensar no que isso vai significar para mim?!

- Não acredito que aquele cafajeste vá falar de mim para alguém, de qualquer modo não posso ser caçado, não por seres humanos medíocres.

- Sim, porque você é um vampiro! – Soltei uma risada irônica perante o absurdo do que tinha falado, mas logo prossegui. – Como isso é possível? Como vampiros podem existir no mundo real? E como você veio parar aqui? Eu não entendo!

- Malu, eu já disse, eu só fui procura-la porque você me chamou.

- Em pensamento! Num momento inocente em que fiz meu pedido de aniversário! Mas nunca eu poderia imaginar que algo surreal fosse acontecer! Que um personagem fictício ganhasse vida e viesse atrás de mim! Simplesmente eu não entendo!

Me calei perante o absurdo da situação e sem saber como me sentia fiquei em silêncio, até escutar.

- E o que você quer, que eu vá embora?

A pergunta saiu melancólica e eu olhei para o jovem a minha frente, me senti triste e ansiosa ao mesmo tempo, por isso respondi.

- Não, eu não quero que você vá embora.

- Que bom! – Ele esboçou um sorriso doce e depois prosseguiu. - Porque eu já não consigo ficar longe de você.

Me surpreendi com sua declaração tanto quanto com seu olhar, porque seus olhos não estavam mais vermelhos como antes, haviam readquirido o azul celeste e amenizado a expressão assassina para ceder lugar a algo acolhedor, suave e doce. Fiquei alguns segundos observando aquelas íris e a intensidade que emanavam, e sem me dar conta verbalizei meu encantamento em voz alta.

- Você é tão lindo! Seu rosto, sua pele, seu cabelo, tudo é perfeito!

- O que você considera perfeito não passa de uma artimanha para atrair presas, afinal eu sou um vampiro, vivo através do sangue que sugo das vidas de inocentes.

- Eu sei que você não mata pessoas, que vive de sangue animal.

- Como você sabe disso?!

Soltei uma risada curta e genuinamente divertida.

- Eu já disse, existe um livro que conta a sua história, eu o li duas vezes!

- E nesse livro havia uma garota tão linda quanto você?

Senti meu peito transbordar de alegria ao mesmo tempo em que a insegurança me dominava.

- Você realmente me acha bonita?

- Bonita não, eu acho você linda! A garota mais linda que vi até hoje. – Ele se aproximou mais de mim, levantou a mão lentamente e apenas as pontas dos seus dedos tocaram meu rosto, fechei os olhos para absorver a sensação maravilhosa que se espalhava pela minha pele e foi simplesmente incrível, um sonho lindo se tornando real.

- Sua pele branca, seus olhos e cabelos castanhos, seu sorriso, na verdade você é maravilhosa.

Abri os olhos assustada e me afastei.

- Que foi Malu, eu machuquei você?

- Não. – Respondi sucintamente enquanto lembrava com exatidão do trecho do livro *Anjo Noturno*, no qual John se declara para Anne e admite que se apaixonou por ela, por isso perguntei. – Onde está Anne?

- Quem?!

- Anne, Anne Lugosi, sua namorada!

Ele soltou uma risada curta antes de responder.

- Eu não tenho namorada, porque sou um vampiro.

- O que?!

- Ah Malu, você não vai começar de novo a duvidar do que eu sou, afinal o que fiz com o carro daquele sujeito é prova suficiente da minha força sobre humana, portanto devemos deixar esse fato para trás e pensarmos apenas no futuro.

Sua fala me deixou ainda mais confusa e tentando ordenar meus pensamentos eu disse:

- Não! Nós não podemos pensar no futuro e sim no presente, afinal por que você não se lembra de Anne?

- Simplesmente porque não existe Anne alguma.

- Existe sim! Ela é a garota humana pela qual você se apaixona loucamente ao mesmo tempo em que deseja o sangue dela na mesma proporção.

Ele abandonou a expressão suave e assumiu um ar mais sombrio.

- Não sei como você foi capaz de fazer isso, mas conseguiu expressar perfeitamente como me sinto em relação a você. Porque a verdade é que eu

quero você de todas as formas e isso inclui o seu sangue também.

Ele se aproximou novamente, mas agora seu olhar era indecifrável, senti medo, ainda assim não consegui me mexer, era como se estivesse presa.

- Seu pescoço, suas veias pulsando sob a pele alva e quente... – Ele tocou meu pescoço, um toque gelado que deveria ser desagradável se não fosse tão sedutor, então se inclinou e eu senti o ar frio saindo dos seus lábios entreabertos. Por uma fração de segundos tive certeza que seria morta, que meu sangue seria drenado extraíndo toda a vida que eu tinha, mas mesmo assim não consegui fugir, reagir de qualquer forma, ao contrário, ansiei desesperadamente pelo momento em que sentiria suas presas afiadas perfurando a minha pele, quase pedi para que ele abreviasse minha agonia, no entanto se eu ia morrer de uma maneira humanamente impossível, então eu poderia sentir até o último instante a sensação magnífica que me consumia.

- Mesmo tendo certeza que seu sangue é maravilhoso, sua vida é ainda mais preciosa, por isso vou me esforçar o quanto puder para mantê-la viva!

As palavras foram ditas quase num sussurro e isso causou um arrepio de prazer que se espalhou pelo meu corpo, no entanto o frisson se esvaiu quando eu notei que ele não estava mais perto de mim. Abri os olhos e observei ao redor, não o vi em parte alguma e uma agonia infinita quis se apoderar de mim e ainda que tivesse dificuldade para dizer o nome dele em voz alta, eu o chamei.

- John!

- Estou aqui.

Sua voz veio de trás de mim e eu me virei.

- Por favor, não vá embora! Não me deixe novamente.

- Não, eu não vou deixar você, enquanto me quiser eu estarei ao seu lado.

10 – Apreensão

Eu não queria ir embora daquele lugar, não sabia exatamente onde estava, mas a companhia supria qualquer desconhecimento, afinal ninguém menos que John Stoker estava comigo! Acabei sorrindo ao me dar conta do fato, como se não fosse loucamente impossível, ainda assim escutei.

- Por que o sorriso?

- Porque ainda estou tentando absorver o que está acontecendo e quando penso em você...bem, é muito bizarro você estar aqui comigo.

- Bizarro?! Definição interessante, ainda assim inapropriada.

- Por que?

- Porque você me pediu para vir, eu já falei.

- Sim, eu sei, mas como isso aconteceu? Quer dizer, como você conseguiu?

- Eu escutei o seu chamado e vim.

- Mas como você ouviu o meu chamado? Eu não falei as palavras em voz alta, apenas pensei no que eu queria, portanto não entendo como algo assim aconteceu.

- E faz alguma diferença entender?

- Talvez, não sei...

Respondi confusa, mas logo ouvi.

- Malu, o que importa é que eu estou aqui e não quero partir, por isso vamos deixar de lado isso e conversar. Me fale sobre você, me conte coisas que eu ainda não sei.

- Você sabe coisas sobre mim?!

- Sim, algumas pelo menos.

- Como o que?

- Bem, seu nome é Maria Luiza Guimarães Rocha, nasceu no Rio de Janeiro no dia dez de abril de 2001, e está no terceiro ano do ensino médio.

Estreitei os olhos e perguntei.

- Como sabe essas coisas?

- Na noite em que fiquei no seu quarto eu olhei seu caderno do colégio, lá estava escrito seu nome completo e apelido, além do lugar onde estuda. Fiquei curioso e por isso mexi em mais algumas coisas suas, então vi sua certidão de nascimento e com isso descobri que é carioca. Também ouvi você falar o nome da sua madrasta quando ela foi se despedir antes de sair para o trabalho, por isso...

- Meu Deus! – Interrompi John bruscamente ao ouvi-lo mencionar Kelly e me levantei. – Preciso voltar para a casa da tia Lourdes, afinal Liam já deve ter contado o que aconteceu e por isso ela deve estar apavorada por não conseguir falar comigo.

- Você quer mesmo ir pra lá?

- Querer eu não quero, mas preciso, porque saí sem o celular e preciso dar notícias, senão a tia Lourdes liga para Kelly e aí as coisas ficarão feias.

John soltou um suspiro antes de dizer.

- Ok. A ideia não me agrada, de qualquer modo vou levá-la.

Em poucos minutos estava de volta à casa de tia Lourdes. John havia me levado no colo e como era muito veloz, o percurso foi rápido. Me surpreendi por ter curtido o meio de locomoção, mas o melhor mesmo foi ter ficado tão próxima de John, sentir sua pele, seu cheiro e ver de perto seus lindos olhos azuis. Fiquei hipnotizada por aquelas duas safiras que enfeitavam seu rosto e acho que meu encantamento me denunciou porque vi um sorriso leve nos lábios do vampiro quando ele me colocou no chão.

- Chegamos.

John falou ao mesmo tempo em que se afastava de mim, não muito, apenas um pouco, mas o bastante para eu desejar tê-lo mais perto. Pensei em protestar, no entanto John falou primeiro.

- Um carro vem vindo, pelo cheiro deve ser sua tia.

- Como?!

Perguntei sem entender, mas antes que tivesse chance de ouvir a resposta vi o portão da propriedade de tia Lourdes ser aberto e apenas alguns segundos depois um sedã parar perto de mim. O vidro traseiro do carro foi aberto e eu vi tia Lourdes.

- Malu, onde você estava? – Ela indagou enquanto desviava seus olhos para John, fiquei alguns segundos sem saber o que dizer, até que ouvi.

- Senhora, como vai? - John acenou levemente com a cabeça fazendo uma reverência educada para tia Lourdes e logo depois prosseguiu. – Me chamo John, sou amigo da Malu há pouco tempo, mas já ouvi falar da senhora, é um prazer conhece-la.

- Obrigada, gostaria de conversar mais com você, no entanto acabei de receber uma ligação do hospital dizendo que meu neto sofreu um acidente, por isso estou indo pra lá.

- O Liam sofreu um acidente?!

Tia Lourdes apenas acenou positivamente ao mesmo tempo em que seus olhos ficavam marejados, senti pena dela, mas também fiquei ansiosa para saber o que de fato havia acontecido. Me virei para John e falei:

- Vou com minha tia para o hospital.

John não pareceu aprovar minha decisão, ainda assim eu ouvi.

- Está bem, mas se precisar de ajuda...

Ele não terminou a frase, contudo eu sabia exatamente a que estava se referindo, de qualquer modo não prossegui com a conversa porque tia Lourdes disse:

- Se você vai comigo Malu, entre de uma vez no carro, porque quero ver meu neto o quanto antes.

- Está bem. – Falei ao mesmo tempo em que John abria a porta traseira do sedã para mim, no entanto antes de eu entrar, perguntei-lhe. – Nos vemos depois?

- Sem dúvida.

Esbocei um sorriso, ainda assim me senti triste por saber que ficaria algumas horas longe dele.

O trajeto até o hospital foi preenchido por uma conversa breve com tia Lourdes, que perguntou de onde eu conhecia John e se tinha combinado de encontra-lo em Petrópolis. Respondi primeiro a segunda pergunta, afirmando que o encontrara por acaso, enquanto pensava no que dizer sobre a origem de John; por fim achei melhor contar que ele era inglês, afinal com aquele nome não daria para dizer que ele era carioca ou de qualquer outra parte do Brasil, mas ao ouvir isso minha tia comentou.

- Ele fala português fluentemente, se apenas conversasse com ele por telefone sem ver sua aparência não diria que não é brasileiro.

Engoli seco ao ouvi-la e tentando contornar a situação eu expliquei.

- Ele vem ao Brasil desde criança, parece até que tem alguns familiares no Rio.

- E Kelly, o conhece?

- Ainda não.

- Malu, eu não quero ser implicante, até porque não sou sua parente de sangue, no entanto sei o quanto minha sobrinha se preocupa com você, por isso acho que você deve contar a Kelly sobre esse rapaz.

- Claro! Vou fazer isso assim que reencontrar Kelly.

- Ótimo, mas até ela vir te buscar espero que você seja responsável o bastante, afinal já basta estar com meu neto hospitalizado, não quero ter problemas extras.

As palavras saíram ligeiramente ríspidas me deixando incomodada, no entanto controlei meu impulso de dizer que minha vida era responsabilidade minha e em consideração ao momento de aflição que a mulher vivia me mantive calada e apenas depois de breves instantes eu perguntei sobre Liam, tia Lourdes soltou um suspiro antes de responder.

- Ele foi atropelado, parece que estava correndo como um louco pela estrada e por isso não viu quando um carro se aproximou, aí... – Ela parou de falar e começou a chorar.

- Calma tia, ele vai ficar bem.

Tentei ser gentil e confiante ao mesmo tempo, ainda assim ouvi.

- Ah Malu, Liam é meu único neto, a pessoa mais próxima da minha filha Paula, da minha querida e saudosa Paula, por isso se algo acontecer com ele...eu, eu...

Ela não conseguiu terminar a frase, porque seu choro se tornou mais intenso, novamente tentei confortá-la, passei o braço sobre seu ombro e disse:

- Não pense no pior, tudo vai dar certo.

Ela não fez nenhum comentário apenas continuou chorando apoiada em mim.

Infelizmente Liam não saiu ileso do atropelamento, teve o braço esquerdo fraturado em dois locais diferentes e ainda sofreu uma concussão cerebral que o deixou inconsciente, tia Lourdes ficou desesperada ao ouvir a notícia, passou mal e precisou ser medicada, por isso me senti péssima, afinal de certa maneira eu era a culpada pelo que tinha acontecido e mesmo depois de Liam tentar se aproveitar de mim, não achei que ele merecesse ficar com sequelas, por isso, quando tia Lourdes se recuperou eu a acompanhei até a capela do hospital e fiquei ao lado dela rezando para seu neto se recuperar por completo, no entanto, quando ouvimos do médico que Liam estava com alguns problemas de memória e bastante confuso, minha aflição aumentou.

- Ah doutor, então meu neto vai ter sequelas?

A pergunta de tia Lourdes saiu preocupada, porém a expressão do médico se suavizou para responder.

- Não acredito que ele fique com sequelas permanentes, porque a ressonância magnética não mostrou nenhuma fratura do crânio ou qualquer lesão no tecido cerebral, ainda assim devemos mantê-lo em observação por doze horas pelo menos e se nesse período ele apresentar qualquer outro sintoma poderemos dar um prognóstico mais preciso, de qualquer forma após sofrer uma concussão é normal que a pessoa se mostre confusa quando acorda e as dificuldades de memória também são frequentes, mas tais dificuldades geralmente envolvem os instantes que antecederam o acidente e não a memória de longo prazo, por isso é provável que seu neto se recupere

plenamente, mas pode sim ter dificuldades para lembrar com detalhes dos instantes que precederam o atropelamento.

- Ah meu Deus!

Tia Lourdes exclamou pesarosamente, já eu não pude deixar de sentir certo alívio com o fato, afinal se Liam realmente não se lembrasse com exatidão do que aconteceu antes de ser atropelado, então eu não precisaria me preocupar com John, porque mesmo que ele afirmasse que nenhum ser humano poderia caça-lo, ainda assim eu tinha receio do que a atitude dele poderia representar para nós dois, até porque tia Lourdes o conhecera e se por algum motivo Liam o visse de novo e falasse o que houve com seu carro, com certeza as coisas ficariam muito mais complicadas do que já estavam. No entanto, por hora, não havia nada mais a ser feito, a não ser esperar.

11 – Preocupações

Voltei para a casa de tia Lourdes com seu motorista apenas, porque a pobre mulher ficou no hospital para cuidar do neto. Também me ofereci para passar a noite com eles, contudo ela disse que não tinha necessidade e insistiu para eu voltar, acatei sua ordem e cheguei a mansão por volta das nove da noite, estava sem fome por isso não jantei e fui direto para o quarto de hóspedes, peguei meu pijama e outros apetrechos pessoais e fui tomar banho. A água ajudou a acalmar as tensões do dia, mas não me fez esquecer John e pensando nele voltei ao quarto.

- Será que vou vê-lo em breve? – As palavras saíram em voz alta sem que me desse conta.

- Quem você quer ver?

Levei um susto, mas logo vi que era John quem falava, ele estava sentado numa poltrona próximo a janela e fui até lá.

- Como você entrou aqui?

- Pela janela, por sorte estava destrancada, afinal não queria arrombar.

- Mas como você sabia que eu estava nesse quarto?

- Senti seu cheiro.

Ele respondeu dando de ombros como se eu tivesse feito uma pergunta óbvia e notei que de fato minha surpresa era boba, afinal ele sendo um vampiro todos os seus sentidos eram muito aguçados.

- Então, como o garoto está?

John interrompeu meus pensamentos e eu respondi.

- Quando saí do hospital ele já estava um pouco melhor, mas ainda está confuso e para sorte nossa não consegue se lembrar da razão para estar correndo na pista um pouco antes de ser atropelado.

- Que pena! Afinal se ele lembrasse de mim certamente não bancaria o engraçadinho com você novamente.

- John não fale assim!

- Por que Malu? O cara foi um canalha e se eu não estivesse seguindo vocês algo muito ruim poderia ter acontecido.

- Você estava nos seguindo?!

- Na verdade estava seguindo você, tenho acompanhado seus passos na maior parte do tempo.

- Mesmo?! E Por que?

John me encarou por breves instantes e só então respondeu.

- Porque não consigo ficar longe de você, é como se você fosse um metal e eu um ímã, por isso a atração é inevitável.

Não fiz nenhum comentário, mas talvez minha expressão tenha feito John dizer.

- Perdoe-me, eu não queria assusta-la, mas não achei outra forma de dizer o quanto me sinto atraído por você.

Esbocei um sorriso e só então expliquei.

- Eu não estou assustada e sim surpresa, afinal como você pôde se interessar por mim?!

- Agora quem está surpreso sou eu, pois não entendo a razão da sua pergunta.

- Não entende?! John, você é perfeito e eu sou...bem, sou apenas uma adolescente sem graça, sem amigos, enfim, a garota tímida e sonhadora que nunca poderia esperar viver algo tão especial.

Os olhos de John se tornaram doces e no mesmo tom ele disse:

- Malu, você está errada em tudo! Primeiro porque eu não sou perfeito, na verdade sou um monstro que mata para sobreviver, e segundo porque você não é sem graça, ao contrário disso, você é linda, já falei, mas além da beleza também é inteligente, e mesmo sendo meiga consegue ser decidida também. Portanto se alguém é perfeito esse alguém é você.

Senti meu rosto esquentar e mesmo sem me ver no espelho sabia que tinha corado, John confirmou minha suposição sorrindo.

- Você fica ainda mais linda quando fica envergonhada, seu rosto assume uma cor magnífica... – John tocou levemente minha face, e eu senti o

contraste entre nós, quente e frio juntos. – ...no entanto, além do lindo escarlate que vejo, eu sinto também um desejo imenso de provar seu gosto.

Os dedos dele deixaram o meu rosto e o próprio John se recolheu na poltrona, aumentando a distância entre nós, me senti frustrada, mas entendi que precisava manter as coisas assim para o bem estar dele, por isso perguntei.

- Quer que eu me afaste de você?

Ele me olhou, eu estava na sua frente ajoelhada e seus olhos se tornaram ainda mais melancólicos.

- Não, nunca! Ao contrário, quero você o mais próximo possível de mim.

John estendeu o braço em minha direção, suavemente segurou minhas mãos e depois disse.

- Se aproxime, por favor.

- Mas isso não vai deixa-lo desconfortável? Ficar tão perto de uma humana?

- Com certeza será o desconforto mais prazeroso que senti até hoje, mas se estiver com medo...

- Eu não tenho medo de você.

- Deveria ter, afinal eu já confessei o quanto seu sangue é convidativo.

- Mas mesmo assim, desde que nos vimos pela primeira vez você não cedeu ao seu desejo.

- Sim, no entanto, só eu sei o esforço que faço para manter você viva.

- Você já quis me matar?

As palavras saíram tão normais que me surpreendi, afinal era como se tivesse perguntado as horas e não algo relacionado ao fim da minha vida. John abaixou a cabeça e permaneceu desse modo por alguns instantes, só depois respondeu.

- Sim, eu já quis matá-la, quando entrei no seu quarto e a vi dormindo, quando senti o cheiro do seu sangue...bem, naquela noite eu me aproximei da cama, me inclinei sobre você e por muito pouco não cedi ao meu instinto. – Novamente ele se calou, fechou os olhos, mas depois voltou a abrir as pálpebras e me olhando prosseguiu. – Até agora não sei como consegui

aquilo, ficar inerte diante da sede que queimava minha garganta, mas o fato é que consegui e por isso você está viva.

- Nossa! – Foi a única coisa que consegui dizer ao imaginar o momento e mesmo que estivesse diante de um vampiro que confessava o quanto desejava meu sangue eu não conseguia me afastar dele.

- Então, agora quer que eu vá embora?

- Não! Por favor, fique comigo, passe a noite aqui, tia Lourdes só irá voltar amanhã cedo.

John esboçou um sorriso lindo, era tímido ao mesmo tempo em que demonstrava satisfação, acabei sorrindo também, mas quando ele segurou minhas mãos com mais força e gentilmente me fez ir para o seu colo achei que fosse desmaiar, afinal eu estava sendo acolhida por John Stoker, fechei os olhos e baixinho eu pedi.

- Por favor, seu eu estiver sonhando não me acorde, mas se eu estiver acordada não me deixe dormir.

- Ah, minha doce Malu!

Senti meus cabelos serem tocados de uma maneira tão boa, era suave, carinhoso e protetor.

- Isso é maravilhoso! – Comentei me aconchegando ainda mais no peito de John.

- Realmente é maravilhoso!

Ficamos assim por algum tempo em silêncio enquanto eu desfrutava da sensação incrível que percorria meu corpo, podia sentir em cada centímetro da minha pele a frieza de John e embora a lógica seria ficar incomodada com a temperatura, o clima quente ajudava a tornar o momento perfeito.

- Você é tão quente Malu! É como se fosse meu sol particular capaz de aquecer minha fria e solitária existência.

A declaração de John me deixou angustiada porque era evidente sua tristeza, e eu não queria isso, ou melhor, não podia suportar que ele sofresse de qualquer forma ou por qualquer motivo, então falei:

- Vou fazer de tudo para que você seja feliz, eu prometo.

John soltou um suspiro e depois perguntou:

- O que quer dizer com isso? Que poderia até me perdoar caso eu perdesse o controle e a matasse?

Pensei por alguns segundos e por fim respondi.

- Sim, eu o perdoaria mesmo que você acabasse com a minha vida.

Fui gentilmente afastada do peito de John, ao mesmo tempo ele me olhou nos olhos e disse:

- Eu prometo usar todas as minhas forças para mantê-la viva e feliz, portanto saiba que se precisar acabar com minha existência para manter essa promessa não hesitarei um instante sequer.

Vi a sinceridade estampada no seu rosto e uma agonia infinita quis se apoderar de mim, no entanto não falei nada, apenas voltei a abraçar John, mas prometi a mim mesma que eu faria tudo, absolutamente tudo para mantê-lo vivo.

Abri os olhos e me vi na cama, sem entender como tinha ido parar lá olhei ao redor, mas ao ver John na poltrona, comentei.

- Puxa, achei que tivesse sido um sonho, que você não estivesse aqui de fato, ainda bem que me enganei.

- Eu não sou um sonho, sou bem real!

- Engano seu, para mim você é um sonho lindo, e que de maneira incrível veio me encontrar.

John sorriu, então se levantou e caminhou em direção a cama, sentou-se ao meu lado.

- Já confessei que quero ficar o tempo todo com você, por isso precisa me dizer o que quer fazer hoje.

Dei de ombros e respondi.

- Não sei o que quero fazer, mas seja o que for quero que esteja comigo.

John sorriu, mas virou o rosto em direção a porta.

- Sua tia está chegando, depois eu volto.

Então num piscar de olhos ele desapareceu, foi tão rápido que achei que ainda estivesse dormindo, mas escutei batidas na porta e falei:

- Está destrancada, pode entrar.
- Bom dia Malu.
- Oi tia, bom dia, tudo bem?
- Sim, considerando o que aconteceu, acho que agora está tudo bem, afinal meu neto está vivo e apesar de ainda confuso está melhor.
- Ele ainda está no hospital?
- Não, teve alta hoje de manhã e já está aqui.
- Que bom! Fico feliz que tudo tenha dado certo.
- Bem, Liam ainda não sabe dizer precisamente o que provocou o acidente, mas começou a falar coisas estranhas, primeiro afirmou que você estava com ele no carro e que depois disso um animal o atacou, por isso ele saiu correndo pela estrada, porque estava com medo, mas a verdade é que essa história é muito fantasiosa e não faz o menor sentido.

Engoli seco, afinal para tia Lourdes a versão do neto podia ser fantasiosa, mas no fundo era a pura verdade, de qualquer modo eu não poderia confirmar o fato e para proteger John eu comentei.

- Nossa! Que coisa! Pelo visto Liam ainda está bastante confuso, até porque só o vi ontem à tarde no hospital, então por isso não entendo como ele pode me colocar no meio disso tudo.

- Pois é, eu também não entendi e falei que você não estava com ele, que tinha saído de manhã para passear, mas que encontrou um amigo e voltou para cá com o jovem, mesmo assim Liam continua afirmando que vocês estavam juntos antes do acidente.

- Bem tia, a senhora mesma me viu na entrada da sua casa ontem de manhã, portanto só posso dizer que Liam continua confuso sobre os fatos.

- Sim, eu sei, e fico preocupada, apesar do médico afirmar que não há razão para isso, que meu neto está bem e que logo estará totalmente recuperado, mas sabe como é, aquele menino é a minha vida e se algo ruim acontecer com ele eu não vou sobreviver.

Tia Lourdes abaixou a cabeça e mesmo sem ver seu rosto eu sabia o quanto ela estava triste, mas o que eu poderia fazer? Contar a ela que Liam estava ótimo porque dizia a verdade? Não, isso era impossível, mesmo sendo errado sustentar uma mentira era a única maneira de proteger John, por isso eu falei:

- Não se preocupe tia, porque o pior já passou. Liam sobreviveu sem sequelas e ficar confuso sobre o que aconteceu um pouco antes do acidente não é algo tão terrível assim, afinal o médico tinha dito que isso é normal em casos como o dele.

- É, você está certa, preciso mesmo agradecer a Deus pelo meu neto estar vivo e com saúde. – Tia Lourdes afagou minha mão por breves instantes e depois prosseguiu. – Bom Malu, só passei aqui para ver como estava, mas agora vou me deitar um pouco, porque não dormi essa noite e preciso descansar.

- Claro, eu entendo. Fique sossegada que eu estou bem.

A mulher esboçou um sorriso, mas era melancólico, senti pena, ainda assim não disse nada apenas aguardei que ela saísse do quarto, mas quando me vi sozinha novamente percebi o quanto estava aflita, o coração quase saindo pela boca devido a ansiedade e por isso não percebi quando John voltou.

- Então o garoto acha que foi atacado por um animal, ele não deixa de ter razão!

John comentou de forma debochada e me senti irritada com sua postura.

- Você está fazendo piada?! Por acaso está se divertindo com isso?!

- Não posso negar que a situação é engraçada.

- A situação não é engraçada John, e sim preocupante!

- Por que?

- Porque se Liam falar sobre você ou lembrar com exatidão do seu rosto, nós teremos sérios problemas.

- Não vejo quais problemas nós podemos ter, afinal o que o garoto pode fazer? Me caçar? Nem ele, nem qualquer ser humano é capaz disso, e quanto ao fato de vir atrás de você tenho certeza que depois do susto que passou não vai querer se aproximar novamente.

- Não sei John, realmente não sei se você está certo.

- Malu, não se preocupe, nada de ruim vai acontecer com você, eu prometo.

- Eu não estou preocupada comigo e sim com você.

- Comigo?! – John riu e só depois prosseguiu. – Por que? Já falei que o garoto não pode fazer nada contra mim, já eu posso acabar com a vida dele num piscar de olhos.

- John, pelo amor de Deus! O que quer dizer com isso? Você não pretende matar Liam, não é?

- Não Malu, não pretendo fazer isso, mas não posso negar que a primeira coisa que tive vontade de fazer ontem foi acabar com aquele infeliz, no entanto consegui me controlar, mas se o garoto se aproximar de você mais uma vez não serei tão bonzinho novamente.

Estremeci, afinal John poderia até aparentar calma e serenidade ao fazer tal declaração, mas o fato é que eu estava preocupada com o que ainda estava por vir.

12 – Consequências

Tomei o café da manhã sozinha, tia Lourdes e Liam estavam dormindo, por isso sorri, afinal se ambos permanecessem em seus quartos não notariam minha ausência. Assim, eu poderia passar o dia com John, ou pelo menos parte dele. Me senti eufórica com a possibilidade e já estava levantando da cadeira quando uma das empregadas passou por mim e foi em direção a porta da sala. Dei uma espiada para ver quem entrava ao ouvir uma voz grave de homem, mas ao mesmo tempo escutei passos na escada e vi tia Lourdes surgir. Ela caminhou em direção ao sujeito e estendeu a mão para cumprimentá-lo.

- Senhora Lourdes Gouveia, como vai? Sou Humberto Magalhães, investigador da polícia civil e gostaria de conversar sobre seu neto.

- Sim, claro! Por favor sente-se. O senhor aceita um café, suco ou água?

- Um café se não for incômodo.

- De forma alguma. Solange, traga um café para o policial.

Vi minha tia ordenar a empregada enquanto se ajeitava no sofá, logo a jovem passou por mim quando foi para a cozinha, mas não comentou nada ao me ver de pé olhando para a sala de estar. Como não tinha sido notada por tia Lourdes achei melhor permanecer onde estava, voltei a sentar e fingi que ainda tomava café.

- Senhora Gouveia, encontramos o carro do seu neto.

- Mesmo? Onde?

- Não muito longe daqui, na verdade foi localizado a dois quilômetros da entrada da sua propriedade. – O sujeito contou de maneira polida, mas ao prosseguir com a narração sua voz assumiu um tom pesado. – Bem, há duas coisas que a senhora precisa saber. A primeira é que de maneira inacreditável a porta dianteira do lado do motorista foi arrancada e encontrada com a maçaneta totalmente danificada e distante do carro mais de quinhentos metros à frente.

- Como?!

- Foi o que ouviu, o veículo que seu neto estava dirigindo ontem teve a porta arrancada e arremessada para longe.

- Mas como uma coisa assim pôde acontecer?

- Sinceramente eu não faço ideia, porque nunca vi nada do tipo em mais de vinte anos de profissão, além disso não encontramos digitais na maçaneta ou em qualquer outro local da porta, no entanto, foram encontradas digitais além das do seu neto no interior do carro.

- E de quem são essas digitais?

- Ainda não sabemos, mas nossos peritos estão trabalhando para identificá-las.

Senti o sangue gelar e não sei como não perdi a consciência, ainda assim tentei me manter calma perante a gravidade da situação, até que o policial voltou a falar.

- Além do que contei senhora, outro fato importante é que encontramos isso no porta-luvas do carro do seu neto.

O homem estendeu um saco plástico lacrado e mesmo um pouco longe eu consegui ver vários pacotes pequenos dentro.

- Isso é o que estou pensando que é? – Tia Lourdes indagou pesarosamente.

- Se a senhora pensou em drogas, pensou certo, aqui dentro há maconha, cocaína e ecstasy.

A mulher fechou os olhos e soltou um suspiro.

- Seu neto é usuário, presumo.

- Infelizmente, eu achei que ele tivesse abandonado o vício, mas percebo agora que me enganei.

- Bem, pela quantidade talvez ele não seja apenas um usuário.

- O senhor está dizendo que meu neto está envolvido no tráfico de drogas?

- Possivelmente, por isso preciso conversar com ele e saber com exatidão onde conseguiu as drogas e com que objetivo, se era apenas para consumo próprio ou se pretendia revender.

- Bem, ele está descansando agora, como o senhor sabe foi atropelado e sofreu uma concussão, por isso também está confuso, falando coisas sem

sentido, dizendo que foi atacado por um animal antes de sair correndo pela estrada, além de afirmar categoricamente que a enteada da minha sobrinha estava com ele.

Meu coração deu um salto no peito e achei que dessa vez fosse desmaiar, ainda assim consegui me manter consciente e vi o momento em que o policial desviou a atenção de tia Lourdes para mim.

- A senhora está se referindo aquela jovem sentada na sala de jantar?

O policial apontou na minha direção, tia Lourdes me olhou também antes de responder.

- Sim, o nome dela é Maria Luiza Guimarães Rocha e vivi com minha sobrinha Kelly Martins no Rio há dois anos, desde que Kelly se casou com o pai da garota.

- E sua sobrinha, o marido e a enteada estão hospedados aqui?

- Não, apenas Malu, quer dizer Maria Luiza. Minha sobrinha está trabalhando e por isso me pediu para olhar pela enteada, porque nessa semana Malu passou mal, precisou fazer exames médicos e com receio de deixar a garota sozinha Kelly me pediu esse favor.

- E o pai da garota, onde está?

- Ele faleceu há dois anos, logo depois que se casou com Kelly, se não me engano eles permaneceram casados por apenas três meses, antes de Douglas Rocha ser brutalmente assassinado, um episódio terrível que até hoje não foi esclarecido, de qualquer maneira minha sobrinha permaneceu vivendo na casa do marido junto com Malu e praticamente adotou a menina como filha, já que a mãe biológica dela também está morta.

- Entendo, então a jovem é como se fosse da família.

- Malu é da família, pode não ter o nosso sangue, mas é querida por todos nós.

- Claro, me perdoe pelo comentário indelicado. De qualquer maneira gostaria de saber se a jovem estava mesmo com seu neto ontem de manhã?

- Não, Malu não esteve com Liam ontem de manhã, até porque ele não estava em Petrópolis, tinha ido para Cabo Frio passar alguns dias e disse que só voltaria hoje à noite, portanto foi uma surpresa para mim quando recebi o

telefonema do hospital comunicando o acidente, fiquei tão apavorada que achei que ele ainda estivesse em Cabo Frio, mas só quando a funcionária do hospital me passou o endereço me dei conta que meu neto tinha voltado para cá.

- Certo, mas pelo que entendi ele não avisou que estava voltando, é isso?

- Sim, isso mesmo.

- Nem tão pouco falou se havia alguém com ele?

- Não...quer dizer, hoje de manhã ele começou a falar que Malu estava com ele, mas com certeza ainda está confuso, porque Malu saiu ontem de manhã para dar uma volta e acabou encontrando um amigo, tanto que quando eu estava saindo de casa a vi junto do rapaz, assim a versão do meu neto de que Malu estava com ele não passa de um delírio, ou confusão mental. O neurologista que o atendeu disse que é normal algo assim acontecer após uma concussão.

- Entendo, de qualquer modo gostaria de conversar com a jovem, a senhora se importa?

Estremeci e por pouco não sai correndo da sala de jantar, até ouvir.

- Senhor Humberto, acho mais apropriado que tenha essa conversa na presença de Kelly, afinal ela é a madrastra de Malu, e não quero que uma menor de idade seja interrogada sem estar com a responsável legal por ela presente.

- Claro, entendo perfeitamente sua posição e vou esperar para falar com a garota, mas por hora gostaria de conversar com seu sobrinho, a senhora pode chama-lo?

- Prefiro que meu advogado esteja presente durante a conversa, portanto vou entrar em contato com ele antes de pedir a Liam que desça para conversar.

- Como desejar.

O policial falou de forma polida e logo depois tia Lourdes pediu licença e se retirou, a vi caminhar em direção a biblioteca que havia próximo a sala de estar, então aproveitei o momento e saí também, mas pela cozinha, afinal não queria correr o risco de ser abordada pelo investigador.

Já fora da casa eu corri em direção a entrada da propriedade e depois de

passar pelo portão atravesssei a pista na esperança de ver John na extensa área verde que havia em frente a mansão. Nós tínhamos combinado de nos encontrarmos ali, mesmo assim não havia um ponto certo para o encontro e por isso comecei a chamar por ele.

- John, John, onde você está?

Falei alto, mas achei que não foi o bastante, ia gritar o nome dele novamente quando ouvi.

- Estou bem aqui.

- Ah John! – Me atirei em seus braços sem me dar conta, mas no mesmo instante notei o quanto meu ato impulsivo foi perturbador para o vampiro, me afastei e disse: – Me desculpe, não devia ter te abraçado assim.

- Bem, não posso dizer que foi ruim, mas me pegar desprevenido dessa forma não é uma boa ideia, afinal sua proximidade mexe comigo e eu preciso estar minimamente preparado para isso.

- Me desculpe de novo, mas eu estou tão assustada e preocupada que agi sem pensar.

- Por que está assustada, aquele garoto fez alguma coisa com você?

- Não, eu nem sequer vi o Liam hoje, mas agora pouco um investigador da polícia chegou para conversar com a tia Lourdes, contou que encontrou o carro do Liam sem a porta do motorista e ainda disse que havia drogas no porta-luvas, por isso ele quer conversar com Liam, mas o pior de tudo é que tia Lourdes contou ao cara as coisas que o neto começou a dizer sobre o episódio de ontem, e por isso falou de mim e até de você! E agora o policial quer conversar comigo e o pior é que disse que encontraram digitais no carro do Liam, as minhas digitais, portanto quando a perícia identificar as digitais vai saber que eu estava sim com Liam e que menti e aí...

- Calma Malu, fique calma!

- Como eu posso ficar calma? Você não entendeu o que está acontecendo? A polícia vai descobrir a verdade e eles vão caçar você!

- Malu, ninguém vai me caçar, já falei que sou imbatível, pelo menos para os seres humanos, mas de qualquer modo preciso dar um jeito nas impressões digitais do carro do garoto, portanto vou cuidar disso.

- De que forma?
- Usando meus instintos e habilidades sobrenaturais.
- Mas...

John levou o dedo a minha boca me pedindo silêncio e num tom doce falou:

- Não precisa se preocupar, vou cuidar de tudo, você não será envolvida nessa história, eu prometo. Só preciso que continue afirmando que não esteve com Liam ontem de manhã, mesmo que ele se lembre com exatidão do que ocorreu, será a sua palavra contra a dele, de um usuário de drogas que além de tudo bateu a cabeça e sofreu uma concussão, portanto os fatos estão do nosso lado, ok?

Não respondi, ainda estava tentando assimilar as coisas.

- Malu, você entendeu?
- Sim, entendi, mas...
- Mas nada, não precisa ficar com medo, eu prometi que vou protegê-la e vou cumprir minha promessa sempre.

John tocou meu rosto levemente, um toque suave, porém protetor, então esboçou um sorriso e disse:

- Volte para a casa e se for interrogada pelo policial mantenha a versão que contou a sua tia, está bem?

Acenei sim com a cabeça, mas sem muita convicção, de qualquer modo precisava confiar em John e foi o que fiz, o vi partir enquanto criava coragem para voltar a casa de tia Lourdes.

13 – Desentendimentos

Quando voltei para casa de tia Lourdes me surpreendi ao ver outro homem junto com ela e o policial, e posicionada na sala de jantar espichei a cabeça para ver melhor o sujeito, mas não consegui identifica-lo, porém a empregada passou por mim com uma bandeja e eu chamei.

- Ei, quem é aquele cara?

- É o doutor Varella, advogado da dona Lourdes, ele chegou nesse instante.

- Para acompanhar o depoimento do Liam?

- Acho que sim.

- Puxa, mas eu fiquei fora apenas alguns minutos, como tia Lourdes conseguiu chamar o advogado e ele vir tão depressa?

- Provavelmente dona Lourdes já devia ter entrado em contato com ele quando soube da chegada do policial, porque sempre que o neto se mete em confusão o doutor Varella é o primeiro a aparecer.

- Entendi.

Disse sucintamente enquanto a empregada pedia licença para ir até a sala e servir café e água aos homens, no mesmo instante ouvi passos na escada e olhei para ver quem era. Liam estava chegando ao último degrau, caminhava sem dificuldades, porém o braço estava engessado e a expressão no seu rosto não era nada amistosa. Me encolhi ainda mais com medo de que ele me visse, mesmo assim fiquei onde estava para ouvir a conversa.

O neto de tia Lourdes cumprimentou os homens e logo começou a narrar os fatos da véspera e com tal precisão que eu entrei em pânico, principalmente ao ouvir meu nome.

- É como estou dizendo policial, eu estava com a Malu, quando um sujeito arrancou a porta do meu carro e a arremessou longe, então me segurou pelo colarinho, me tirando do carro e me ameaçou.

- Por que ele te ameaçou?

- Porque o cara é um psicopata, por isso, além de ser muito forte, apesar de não aparentar.

- Então você está afirmando que um rapaz de uns vinte anos no máximo, magro, alto e de olhos vermelhos arrancou a porta do seu carro e depois ameaçou você?!

- Sim, isso mesmo.

- Bem Liam, não é fácil acreditar na sua história, até porque encontramos isso no porta-luvas do carro. Isso é seu, não é?

Olhei para ver o que era, apesar de ter certeza que se tratava do pacote com drogas, não me enganei, mas escutei Liam protestar.

- Não, isso não é meu.

- E de quem é então?

- Deve ser de um *carinha* para quem eu emprestei o carro em Cabo Frio.

- Um *carinha*? E esse *carinha* tem nome?

- Claro, mas eu não me lembro, quando emprestei o carro ao sujeito estava meio alto, tinha bebido um pouco e não me importei que o cara dirigisse.

- Estou confuso sobre isso, você pode esclarecer melhor o que houve?

- Olha, eu não me lembro do nome do cara, mas posso falar depois, quando conversar com um amigo que estava em Cabo Frio. O fato é que as drogas não são minhas e eu também não usei nada ontem de manhã, estava limpo, por isso não fique achando que eu estou imaginando coisas quando digo que um psicopata me ameaçou, porque isso realmente aconteceu e se você tem alguma dúvida basta conversar com a Malu, ela estava comigo e vai confirmar o que houve.

Estremeci e apavorada pensei em ir para o quarto, me trancar lá e não sair mais, no entanto a única forma de fazer isso era passando pela sala onde todos estavam, então sem muitas alternativas fui para a cozinha. Uma empregada lavava legumes e ao me ver perguntou:

- Está precisando de alguma coisa dona Malu?

- Não, obrigada.

- Se precisar é só dizer.

Eu assenti, mas não falei mais nada, apenas me sentei e tentei ouvir a conversa que acontecia na sala, mas com a porta fechada foi impossível, por

isso minha ansiedade só aumentou e eu pensei no que fazer. Sustentar a mentira que contara a tia Lourdes? Afirmar categoricamente que não estava com Liam? John havia dito que era o melhor a ser feito, porém eu estava com medo, afinal se alguma coisa desse errado, se de alguma maneira a verdade viesse à tona quem ficaria em maus lençóis seria eu. Por outro lado, também não podia falar sobre John, contar que ele era um vampiro que deixou as páginas do livro e veio me encontrar, isso só faria eu ser internada num manicômio, e totalmente perdida fiquei ali sentada esperando um milagre acontecer.

Um toque de telefone foi emitido me distraíndo, e eu vi quando a empregada atendeu o aparelho e falou:

- Ela está aqui na cozinha dona Lourdes. – A empregada se calou e depois de segundos disse: - Está bem, vou pedir a ela para encontrá-la.

A ligação foi encerrada e a empregada me olhou.

- A dona Lourdes quer que você vá até a sala, para conversar com o policial.

- Ela quer?!

- Sim, foi o que ela disse.

- Es...está bem...

Gaguejei enquanto me levantava, no entanto precisei me firmar na mesa por alguns segundos antes de ir, porque minhas pernas tremiam. Engoli seco e tentando criar coragem eu fui em direção a porta. Caminhei até a sala com o coração batendo descompassadamente e me lembrando o tempo todo que deveria aparentar calma. Não sei se consegui, de qualquer modo pelo menos não gaguejei ao dizer:

- Bom dia.

- Malu, fale pra esse policial que você estava comigo ontem de manhã, que você viu...

- Ei, calma rapaz, deixe a garota se sentar primeiro.

O policial repreendeu Liam, que fez uma careta de descontentamento, ainda assim ele se calou e quem falou em seguida foi tia Lourdes.

- Malu, o Liam insiste no fato de que você estava com ele ontem quando ele foi atacado, isso é verdade?

- Não, não é verdade! – Tentei soar convincente, mas estremeci ao ouvir o grito de Liam.

- O que?! Como pode mentir sobre isso? Você estava comigo sim!

- Não Liam, eu não estava.

- Como não? Eu me lembro muito bem que te encontrei na estrada e te dei carona, nós seguimos de carro por alguns minutos antes de pararmos e aquele psicopata nos atacar!

Soltei uma risada curta, mas era nervosa, a tentativa de não desmoronar perante minha mentira e voltei a dizer:

- Liam, você está imaginando coisas. Está confuso porque bateu a cabeça, o médico falou que isso poderia acontecer, mas a verdade é que eu só vi você ontem à tarde no hospital quando fui pra lá acompanhando sua avó.

- Sua fedelha mentirosa! Por que está fazendo isso? Está com raiva de mim? Se ressentido pelo fato de eu nunca ter trepado com você?

- Liam! – Tia Lourdes chamou a atenção do neto energicamente e no mesmo tom prosseguiu. – Peça desculpas agora para a Malu, ela não merece ser desrespeitada dessa forma.

- Vó, você está defendendo essa garota?! A única pessoa que pode confirmar que eu estou falando a verdade?

- A questão não é essa, a questão é você respeitar as pessoas.

- Respeitar uma vadia mentirosa? Não mesmo! Nem agora, nem nunca!

O jovem gritou furioso e saiu pisando duro.

- Liam, onde você vai? Volte aqui!

Tia Lourdes ordenou ao neto, mas foi inútil, ele não deu ouvidos, foi embora deixando todos estarecidos.

14 – Farsa

Depois da saída tempestuosa de Liam fui conversar com o investigador de polícia, não me senti à vontade por sustentar uma mentira, mas o fato era que não havia mais volta, não tinha como dizer a verdade para ninguém e mesmo que visse o quanto tia Lourdes ficou desapontada e triste, eu não fiz nada para mudar a situação. Ainda assim me senti mal e também aflita, porque se minhas impressões digitais fossem identificadas no carro de Liam eu teria muito o que explicar.

- O que eu vou falar para as pessoas? Como vou contar a Kelly sobre John?

- Malu.

Me virei ao ouvir meu nome e vi John na janela do quarto onde eu estava hospedada.

- Ficou maluco? Alguém pode ver você. Entre logo!

Ele pulou rapidamente e sorriu.

- Fique tranquila, ninguém me viu.

- Tem certeza? A propriedade tem câmeras de segurança, talvez tenha passado por alguma sem perceber.

- Malu, bobinha, eu sou um vampiro!

- E daí? Está dizendo que não pode ser filmado, ou que seu reflexo não aparece no espelho?

John riu mais alto.

- Não, nada disso, toda essa estória sobre vampiros não terem reflexo é mito, como tantos outros, mas quando afirmo que ninguém me viu é porque sou bom em me camuflar, já disse isso, aliás se não tivesse essa habilidade não teria sobrevivido por tanto tempo.

- Como assim? Não entendi.

- Em outro momento eu explico, por hora é melhor conversar sobre o episódio de ontem. Eu vim aqui para avisar que você não precisa se preocupar mais com as impressões digitais no carro do garoto, porque eu já as eliminei.

- Como? O que você fez?

- Eu fui até a delegacia e rastreei as provas envolvendo o caso de Liam, eliminei suas impressões digitais e por isso não há nada mais que comprove que você esteve com aquele delinquente ontem. Pode ficar tranquila.

Não fiquei, ao contrário, me senti mais ansiosa.

- Você, você ... – Não conseguia completar a frase, mas por fim disse: - Alguém morreu por causa disso?

- Não, é claro que não! Eu não sou um assassino descontrolado...quer dizer, não mais, já fui e me arrependo das mortes que provoquei, mas há muito tempo eu não mato pessoas para sobreviver, nem para me vingar.

Parte de mim respirou aliviada, afinal ouvir isso era um bônus em meio ao desconforto que eu causara em tia Lourdes, mas ainda assim o remorso por ter mentido estava me consumindo e acabei desabafando.

- Ah, John! Eu não queria nada disso! Juro que não! Sei que Liam não é um cara legal, pelo contrário, é bem cafajeste, mas a avó dele sempre foi bacana comigo e sei também o quanto ela é importante para a Kelly, é como se tia Lourdes fosse a segunda mãe da minha madrastra, entende? Por isso quando a Kelly souber o que aconteceu vai ficar mal e eu não queria isso.

- Eu entendo Malu, mas infelizmente as coisas saíram do controle...eu saí do controle quando deixei meu impulso falar por mim, mas por outro lado não me arrependo, porque se não estivesse seguindo você, provavelmente aquele garoto teria...bem, você sabe o que teria acontecido, por isso não posso afirmar que estou totalmente arrependido, só posso pedir que me perdoe mais uma vez por causar sofrimento a você. Eu juro que não queria vê-la triste ou angustiada, mas infelizmente você terá que conviver com isso.

Inibi um suspiro ao pensar nas palavras de John e constatar o quanto ele estava certo, afinal eu não tinha saída, ou voltava atrás na minha versão para os fatos e expunha John, ou sustentava uma mentira e via pessoas queridas sofrerem por isso. Era uma decisão difícil, mas não a ponto de colocar John em risco, por isso eu disse:

- Bem, o que está feito está feito, não há como mudar, só espero que não haja mais consequências ruins por conta de ontem.

- Não acredito que surgirão mais problemas, mas até onde imagino Liam

deverá responder a polícia por porte de substâncias ilícitas, entretanto, se for esse o caso você não deve se sentir angustiada, afinal não foi você que colocou as drogas no carro dele, portanto o garoto deverá assumir os próprios atos.

- É, nesse ponto você tem razão, mas ainda assim me sinto mal pelo que houve.

- Você também se sente mal com a minha presença?

A pergunta de John saiu quase num sussurro, evidenciando sua insegurança, me senti aflita, por isso respondi.

- Não! De maneira alguma sua presença me deixa infeliz, ao contrário, fico extasiada ao seu lado. Claro que quando você surgiu do nada, eu quase pirei, mas agora...bem, não posso pensar em nada melhor acontecendo na minha vida.

John sorriu, um sorriso singelo e cativante, se aproximou de mim e falou:

- Sabe, eu já me apaixonei uma vez, por uma humana, no entanto não achei que pudesse acontecer novamente, mas agora que aconteceu, agora que conheci você, não posso mais viver se não estiver ao seu lado.

John tocou meu rosto suavemente e não sei como consegui me manter de pé, porque estava tonta com sua declaração, acho que por isso levei alguns instantes para perguntar.

- Você está dizendo que está apaixonado por mim?

- Sim, é exatamente o que estou dizendo, eu me apaixonei por você Malu e só sairei do seu lado se você me pedir isso, caso contrário estarei sempre com você, sendo seu cúmplice, amigo, protetor e... – John abaixou os olhos, permaneceu assim por breves segundos, só depois voltou a me encarar e com uma voz doce prosseguiu. – estarei ao seu lado de todas as formas que precisar de mim, inclusive como seu namorado.

Me senti como manteiga derretendo, fechei os olhos esperando ser beijada, no entanto escutei.

- Sua madrasta.

- O que?! – Abri os olhos e não vi John, estava prestes a chama-lo quando batidas na porta do quarto me impediram e segundos depois vi Kelly.

- Malu?

- Oi.

- Como você está?

Pensei por alguns instantes, estava sentindo tantas coisas ao mesmo tempo, angústia, remorso, apreensão... e estase pela declaração de John, mas acabei dizendo apenas o que era compatível com os fatos.

- Estou aflita, aborrecida.

- Ah Malu! Eu lamento muito, não queria te deixar ainda pior, afinal sugeri que viesse pra cá para se sentir bem, mas no fim deu tudo errado.

- Tia Lourdes contou o que houve?

- Sim, ainda por telefone ela falou que Liam tinha sido atropelado, que por isso estava confuso e dizendo coisas sem sentido, então me pediu para vir mais cedo busca-la. Cheguei a meia hora atrás, conversei com tia Lourdes e ela me deu todos os detalhes.

Engoli seco, afinal agora mais do que nunca tinha que continuar minha farsa, apesar de parte de mim estar verdadeiramente mal por mentir.

- Pois é, Liam está muito confuso e por isso está dizendo que eu estava com ele ontem. Acho que é por causa da pancada na cabeça.

- Pode ser, mas como foram encontradas drogas no carro dele é provável que ele já estivesse sob o efeito delas antes, de qualquer modo, a história de que foi atacado por um psicopata e que uma única pessoa foi capaz de arrancar a porta do carro e arremessa-la longe é muito estranha.

- É sim.

Kelly assentiu e depois disse:

- Bem Malu, o melhor agora é você arrumar suas coisas para ir embora, afinal tia Lourdes não está com cabeça para hospedar ninguém.

- Ela está muito brava comigo?

- Brava?! Por que?

Percebi minha falha no mesmo instante e tentando consertar respondi.

- Pelo que houve com o neto antes de você chegar, a polícia estava tomando

o depoimento dele, foi quando Liam me viu e me pediu para confirmar que estávamos juntos, eu disse que ele estava confuso, mas aí ele ficou louco de raiva, gritou e foi estúpido comigo.

- Malu, querida, ninguém além do Liam está com raiva de você, nem eu nem tão pouco tia Lourdes, ao contrário, ela chegou a me pedir desculpas pelo comportamento do neto, portanto não se preocupe com isso.

As palavras de Kelly deveriam me tranquilizar, no entanto me deixaram ainda pior. Acabei abaixando a cabeça envergonhada e com um fio de voz eu disse:

- Eu sinto muito, de verdade não queria que nada disso tivesse acontecido.

Kelly segurou meu queixo delicadamente me obrigando a encará-la.

- Malu, por que está se sentindo tão mal com tudo isso? Por acaso existe a possibilidade de Liam estar dizendo a verdade?

Apreensiva com a pergunta apenas acenei que não.

- Malu, por acaso você teve algum desmaio ontem, ou sentiu alguma coisa estranha, diferente do que sentiu nessa última semana?

- Está perguntando se tive alguma alucinação novamente?

- Alucinação, confusão mental ou lapso de memória? Algum desses sintomas aconteceram e você não quer contar?

- Não Kelly, nada disso aconteceu.

- Tem certeza?

- Absoluta.

Kelly me analisou por alguns instantes e só depois prosseguiu.

- Malu, você não precisa ficar com vergonha ou medo, no entanto se teve algum sintoma ontem precisa me contar, não apenas por causa do Liam, mas principalmente por sua causa.

- Não Kelly, eu juro que não tive nenhuma alucinação nem lapso de memória.

- Está bem então, se está dizendo eu acredito, mas quero que saiba que pode confiar em mim, eu só quero o seu bem, por isso se sentir qualquer coisa estranha avise, ok?

- Claro, pode deixar.

Kelly esboçou um sorriso, deveria ser encorajador, mas não senti isso, de qualquer modo ela apenas me pediu para arrumar minhas coisas para voltarmos para casa, depois me deixou sozinha no quarto.

15 – Retorno

Voltei com Kelly para o Rio no final da tarde de domingo, nós duas caladas no carro, sem muito o que dizer após o desastroso fim de semana, até que minha madrastra se pronunciou.

- Malu, eu estava pensando e acho melhor vermos o Dr. Werneck ainda hoje.

- Hoje?! Por que?

- Para contar o que houve.

- Mas por que? Eu não entendo, você disse que tinha acreditado em mim, agora está achando que estou mentindo, que não estou falando a verdade sobre o Liam?

- Não é isso Malu, eu acredito em você, mas sei também que você pode ter tido um lapso de memória e não se lembrar do que houve, como se seu cérebro precisasse apagar as lembranças ruins, entende?

Claro que eu entendia, mas sabia também que se minha madrastra começasse a investigar o episódio a fundo as coisas poderiam ficar complicadas, por isso tentei desmerecer a versão de Liam sobre os fatos.

- Kelly, eu sei que não estive muito bem nos últimos dias, mas ainda assim você acredita no que Liam contou? Que um único cara arrancou a porta do carro dele e a arremessou longe? Você realmente acredita que isso é possível?

- Não, é claro que não! Mas por outro lado fico pensando, como algo assim foi acontecer e por que Liam afirmou que estavam juntos, justamente quando você está apresentando problemas de saúde?

- Provavelmente porque quem está com problemas de saúde é ele por usar drogas. Talvez até estivesse usando alguma coisa quando foi atacado, sei lá. Ou quando achou que foi. Aí saiu correndo pela estrada e acabou atropelado, bateu a cabeça e quando acordou estava mais maluco que antes.

- Sim, o que você diz faz sentido, mas como a porta do carro dele foi arrancada e arremessada pra longe? Eu não entendo isso!

- Eu também não, ou melhor, entendo sim, provavelmente um bando de

traficantes barra pesada foi atrás dele e para assusta-lo arrancou a porta e a arremessou longe, porque essa é a única versão coerente para o fato.

- Pode ser, mas como não foram encontradas digitais na porta?
- Porque os traficantes limparam tudo, para não deixarem rastros.
- É...talvez; mas ainda assim acho melhor irmos até o consultório do Dr. Werneck, só pra ele ver você, dizer se está tudo bem.

A insistência de Kelly estava me irritando, ainda assim consegui manter meus nervos sob controle para argumentar.

- Eu estou bem, por isso não quero ir ao médico hoje, só quero voltar pra casa e descansar.

- Tá, tudo bem, não vou insistir, mas por favor Malu me prometa que vai falar a verdade sempre, se sentir qualquer coisa estranha vai dizer. Eu gosto muito de você e não quero que nada ruim aconteça novamente na sua vida, afinal você já sofreu muito por causa da morte do seu pai e eu tenho receio de que aquele episódio horrível tenha deixado marcas em você.

Tentei afastar as terríveis lembranças da noite em que meu pai foi morto, mas não tive sucesso, meus olhos ficaram marejados e tentando não chorar falei:

- Está bem Kelly, se eu sentir qualquer coisa estranha aviso você.

Já estava deitada quando ouvi meu nome e mesmo cansada esbocei um sorriso, acendi a luz do abajur e vi John.

- Oi. – Ele falou timidamente e seu gesto só fez meu sorriso crescer.

- Oi.

- Fiquei na dúvida se deveria vir aqui agora a noite, mas como não conversamos após sua madrastra aparecer em Petrópolis, achei melhor passar para ver como você está.

- Levando em conta os acontecimentos estou relativamente bem.

- Eu ouvi a conversa que teve com Kelly em Petrópolis, por isso escutá-la afirmar que está bem me deixa mais tranquilo, ainda assim não posso deixar de me culpar por ter feito o que fiz, mais uma vez peço perdão.

Ele abaixou a cabeça visivelmente mortificado e me senti mal por isso.

- Não há o que perdoar, ao contrário, só posso agradecer por você ter me salvo do Liam, afinal se não estivesse nos seguindo talvez agora eu estivesse lamentando por algo muito mais grave.

- Só em imaginar isso, eu fico furioso, tenho vontade de esquecer tudo e ir atrás daquele marginal.

- Não John, por favor nunca faça isso! Sei que Liam é um idiota prepotente, no entanto ele também é vingativo e se você for atrás dele eu tenho medo do que ele poderá fazer com você.

John riu antes de declarar.

- Malu, o garoto é apenas um humano insignificante, ele não tem poder para fazer nada contra mim, aliás nenhum mortal tem, na verdade são poucos os seres que realmente podem derrotar um vampiro.

A afirmação de John me deixou curiosa e embora achasse que sabia algumas coisas sobre vampiros através do livro Anjo Noturno, resolvi perguntar.

- Quem são os seres capazes de derrotar um vampiro? E de que forma?

John inflou as narinas e sua expressão se tornou dura.

- Na verdade, após ser transformado eu só tive que combater um inimigo, Lord Polidori.

- O que?! Quer dizer que Lord Polidori existe de fato?

- Já ouviu falar dele?

- Na verdade já li sobre ele. – Esbocei um sorriso ao responder, John revirou os olhos e comentou.

- Ah , sim... o tal livro que conta a minha história.

- Anjo Noturno, o primeiro livro da série Lendas.

John balançou a cabeça descrente ao mesmo tempo em que pediu.

- Me fale sobre o tal livro. Como é a estória?

- Bem, na verdade quem narra a trama é Anne Lugosi... – Parei de contar ao mencionar a garota e fiquei apreensiva esperando John se manifestar perante

o nome da menina que era sua paixão, porém ele não demonstrou nenhum sentimento e apenas disse:

- Continue, por que parou?

- Porque achei que você fosse se emocionar ao ouvir o nome de Anne Lugosi.

John olhou para a porta do meu quarto e disse rapidamente.

- Hora de partir.

Então sumiu tão rápido que levei alguns segundos para entender que ele não estava mais ali, porém batidas na porta me fizeram entender a situação quando vi Kelly.

- Oi, está tudo bem?

- Está sim.

- Achei que já estivesse dormindo.

- Não, estava lendo um pouco, e você, perdeu o sono também?

- Mais ou menos, estava na sala vendo TV e acabei cochilando, acordei agora pouco e subi, mas ao passar pela porta do seu quarto e ver a luz acesa achei melhor averiguar como você estava.

- Eu estou bem, Kelly, não se preocupe.

- Que bom! Mas ainda assim gostaria que fossemos novamente ao consultório do Dr. Werneck.

A apreensão estampava o rosto da minha madrastra e por isso acabei dizendo.

- Tudo bem então, se você acha melhor eu passar em consulta mais uma vez, eu concordo em ir ao psiquiatra, pode marcar.

- Ok, vou fazer isso, mas só amanhã, até porque está tarde e nós duas precisamos dormir. – Fui beijada na testa e depois ouvi. – Boa noite Malu.

- Boa noite Kelly.

Ela acenou tchau ao sair do meu quarto, imitei o gesto, mas não me deitei, fiquei esperando a porta se fechar para rever John, no entanto mesmo depois da luz do corredor ser apagada ele não apareceu, aguardei alguns instantes

antes de sair da cama e ir até a janela, ela estava aberta, mesmo assim não enxerguei nenhum vulto no quintal, por isso achei melhor voltar para cama. Deitei, porém não consegui dormir, fiquei relembrando os acontecimentos bizarros desde o surgimento de John.

Um misto de emoções me agitou, aflição pelo fim de semana em Petrópolis, apreensão por ter mentido para a polícia, remorso por esconder a verdade de Kelly, mas principalmente alegria por ter John comigo. Essa sensação aumentou ao me lembrar do momento em que ele declarou sua paixão por mim, entretanto no mesmo instante pensei na sua estranha indiferença ao ouvir o nome de Anne Lugosi e me questionei o porquê disso, afinal ele próprio afirmou que já se apaixonara por uma humana antes de mim e supondo que a história contada em Anjo Noturno fosse realmente verdadeira, então por que razão John pareceu não se importar com Anne?

- Estranho, muito estranho o modo como ele ficou quando falei da garota. – Comentei em voz alta enquanto tentava entender o fato, afinal se Lord Polidori, o alquimista nascido na Idade Média e responsável indireto pela transformação de John em vampiro existe, então Anne Lugosi também deveria existir, porque no livro ela é a filha adotiva de Lord Polidori que atualmente usa o nome de Edward Lugosi, mas ao mencionar Anne John não demonstrou nenhum afeto.

- Será que ele não gosta mais dela? Mas eles estavam tão apaixonados na trama, e se o livro contar mesmo a história de John, então Anne de fato existe, sendo assim ele deveria se importar com a garota.

Falei em voz alta tentando entender a situação, porém me senti confusa e não cheguei a nenhuma conclusão. Torci o nariz perante o fato, mas ao ver as horas achei melhor dormir, afinal já era tarde e se ficasse tentando decifrar o que estava acontecendo perderia o sono completamente e acabaria me atrasando para ir ao colégio na manhã seguinte.

Apaguei a luz do abajur e fechei os olhos esperando dormir.

Kelly me deixou na entrada do colégio antes de quinze minutos da minha primeira aula. Me desejou um bom dia e saiu rumo ao trabalho. Entrei

confiante no prédio, ou pelo menos tentei andar de cabeça erguida e cumprimentar alguns rostos conhecidos, mas ao notar expressões frias, debochadas e até acusatórias dos alunos tive vontade de ir embora, afinal se até uma semana atrás eu era apenas a garota nerd que conseguiu uma bolsa de estudos num excelente colégio carioca, agora eu era não apenas a superdotada vestindo saias, mas sim a sumidade genial que era oficialmente maluca. Minhas suposições foram confirmadas quando entrei na sala de aula e Michele, uma japonesa nada simpática veio falar comigo.

- Está melhor Malu?

Se ela não tivesse sido tão debochada, eu até poderia achar que estava mesmo preocupada comigo, mas eu sabia que não era essa a razão do seu interesse, ela queria apenas me repudiar, me atormentar, de qualquer modo tentei ignorar seu veneno e respondi.

- Estou. Obrigada por perguntar.

- Soube que você se consultou com um psiquiatra, que viu coisas que não existem, deve ser mesmo muito ruim passar por isso.

- Não é agradável, mas agora estou ótima.

- Que bom, mas de qualquer maneira se começar a ver coisas aqui na sala me avise, porque eu não quero correr o risco de ser atacada por nada.

Ela deu um sorrisinho cínico e debochado, só então foi para o seu lugar, me senti tentada a ir embora, porque sabia que a garota não seria a única a me provocar ou perturbar, porém, usei todas as minhas forças para ficar na sala e ignorar os olhares dos demais alunos que me encaravam como se eu fosse uma aberração.

Foi ótimo voltar casa depois da escola, não porque não gostasse de estudar, na verdade eu adorava, mas odiei cada expressão que vi e os cochichos que escutei a meu respeito durante toda a manhã, de qualquer maneira consegui me manter forte e permaneci no colégio até o fim do período, mas quando abri a porta da sala joguei a mochila no canto e resmunguei.

- Droga! Aqueles filhinhos de papai metidos a besta, não passam de um

bando de estúpidos preconceituosos.

- De quem você está falando Malu?

- John!

Corri ao seu encontro e o abracei, não pensei em nada, queria apenas ser confortada por ele.

- O que aconteceu anjo? Está com novos problemas?

Apenas acenei negativamente ainda colada ao seu peito, não queria ficar longe dele porque a sua presença me consolava, porém delicadamente ele me afastou e me olhou nos olhos.

- Que foi Malu? Por que está assim?

Soltei um suspiro antes de responder.

- Por causa do pessoal da escola, dos meus colegas de turma.

- O que houve? Eles fizeram alguma coisa com você?

- Não exatamente, mas ficaram me olhando como se eu fosse uma louca varrida e alguns também falaram isso, quer dizer, eu só ouvi por acaso alguns comentários, mas foram o suficiente para me deixarem mal.

- O que as pessoas falaram?

- Disseram que eu sempre fui maluca e que agora finalmente havia provas sobre isso, já que estou passando por um psiquiatra porque vi coisas que não existem, enfim, de alguma forma a história vazou e agora todo mundo está falando de mim.

- Ah Malu, eu sinto muito, não queria que sofresse ainda mais por minha causa.

- Eu não estou sofrendo por sua causa, na verdade ter você aqui é o que melhor podia ter acontecido, mas o fato é que o pessoal da escola nunca simpatizou comigo, por isso nunca fui aceita lá.

John acariciou meu rosto levemente e então me levou até o sofá, me fez sentar, depois se sentou ao meu lado e me aconchegou no seu peito.

- Você não tem amigos no colégio?

- Não, porque desde o início foi bem difícil me enturmar. Já existiam

panelinhas formadas quando cheguei, afinal a grande maioria dos alunos está lá desde o primeiro ano do ensino fundamental e eu apareci depois porque passei no teste de admissão e ainda consegui a bolsa integral, o que é uma raridade acontecer, porque apesar do colégio oferecer a vaga, isso só acontece se o candidato tiver um desempenho superior a oitenta e cinco por cento no teste aplicado, por isso quando os alunos souberam do meu resultado ficaram espantados e por um tempo me questionaram se eu não tinha fraudado a prova.

- Por que?

- Porque eu acertei todas as respostas em todas as matérias. Não errei absolutamente nada.

- Mesmo? Isso é incrível! Parabéns!

John comentou entusiasmado, isso me animou um pouco, mas não o bastante para se manifestar no meu comentário.

- Obrigada.

- Pelo seu tom de voz e pelo que contou, ter tido um desempenho tão bom não a ajudou muito, não é?

- Não, nem um pouco, ao contrário, só me atrapalhou.

- Por que?

- Porque a maioria dos alunos não gostou do fato, acho que sentiram inveja, sei lá.

- Entendo, então desde o início seus colegas a isolaram?

- Isso mesmo, alguns só se aproximaram de mim em raras ocasiões quando precisaram de ajuda com alguma matéria; a primeira vez que isso aconteceu até me senti esperançosa, achando que conseguiria fazer amigos se fosse legal, se ajudasse, mas depois que a pessoa conseguia se sair bem na prova me esnobava novamente e me tratava como se eu fosse lixo.

- E você nunca reclamou com essas pessoas? Nunca questionou a razão para serem tão cruéis?

- Nas primeiras vezes sim, mas depois deixei de lado, porque percebi que era perda de tempo.

- Mas você estava sofrendo, não podia deixar isso de lado, tinha que ter reclamado com alguém!

Soltei um suspiro e contei.

- Na verdade eu cheguei a falar com meu pai sobre o problema na escola, mas foi poucos dias antes dele falecer.

- Seu pai faleceu?!

- Sim, há dois anos atrás, pouco tempo depois de se casar com Kelly.

- Eu sinto muito Malu, eu não sabia, achei que seu pai... bem, não verdade não sei exatamente o que pensei sobre ele, de qualquer modo me perdoe por não ter perguntado antes.

- Sem problemas John.

Foi a única coisa que consegui dizer antes das lágrimas escorrerem pelo meu rosto. Eu não queria chorar porque sabia que se começasse não pararia tão cedo, no entanto a lembrança do meu pai se tornou intensa a ponto de não conseguir inibir o choro, me fazendo soluçar. John me abraçou forte e disse:

- Calma anjo, um dia essa terrível dor será menor, acredite em mim.

Ainda chorando eu falei:

- Sabe o que é pior?

- O que?

- A forma como meu pai morreu, ele foi brutalmente assassinado e eu vi tudo.

- Ah Malu, eu sinto muito!

Tentei controlar meu choro que se tornou mais intenso a medida em que as lembranças ficavam nítidas na minha mente, não tive muito êxito, ainda assim consegui balbuciar a explicação.

- Na noite em que meu pai morreu nós estávamos juntos voltando pra cá...eu, eu... estava de braço dado com ele, mas mesmo assim alguém me atacou, foi muito rápido e estranho, também estava escuro e gelado, fazia muito frio, por isso não havia ninguém nas ruas, ninguém que pudesse nos ajudar...então de repente tudo aconteceu, um uivo muito esquisito de lobo ecoou ao longe nos assustando, meu pai segurou minha mão e me mandou

correr, na verdade ele quase me arrastou pelo braço de tão rápido que corria, eu mesma me surpreendi por perceber o quanto ele podia ser veloz, mas eu não era, e fui ficando pra trás, foi quando senti um arrepio na pele, como se alguém respirasse bem perto do meu pescoço, então eu caí de mal jeito sentindo uma dor aguda na perna esquerda, urrei de dor ao mesmo tempo em que ouvia um grito, ergui a cabeça, foi quando eu vi um cão enorme em cima do meu pai, o atacando, me levantei e tentei correr na direção dele, mas a dor me impediu, me abaixei para massagear o local ferido na esperança de conseguir correr, foi quando ouvi outro grito, levantei os olhos mas não consegui ver muita coisa, porque estava um breu total, então apenas alguns grunhidos foram emitidos, antes de um novo uivo de dor, depois tudo ficou em completo silêncio e paralisado. Caminhei cambaleante até meu pai, vi ao lado dele o cachorro, na verdade nem sei se posso chamar aquele bicho por esse nome, porque até hoje não sei se era mesmo um cão, ou um lobo, o fato é que ao ver meu pai inerte entrei em desespero e comecei a gritar, caí ao lado do meu pai chorando e em poucos segundos não vi mais nada. Apaguei, e quando acordei já estava num leito de hospital sendo medicada. Perguntei pelo meu pai para a enfermeira que estava no quarto, mas antes mesmo dela responder eu já sabia o que tinha acontecido a ele...a mulher apenas me confirmou que meu pai não havia sobrevivido.

- Ah Malu! Tudo o que eu queria era apagar da sua mente lembranças tão dolorosas, anjo, além de trazer seu pai de volta, mas infelizmente não sou poderoso a esse ponto, lamento.

Tentei sorrir com as palavras de John, mas a dor ainda era forte e não permitiu nem um esboço de alívio, mesmo assim estar em seus braços era reconfortante e eu pedi.

- Só me deixei ficar aqui com você por algum tempo, até a dor e a saudade estarem mais fracas.

Meus cabelos foram acariciados com tanto cuidado ao mesmo tempo em que sentia um toque gelado sobre eles, não olhei, mas tive certeza que os lábios de John tocaram suavemente o alto da minha cabeça num beijo acolhedor. Fechei os olhos e procurei pensar apenas nisso.

16 – Novos Problemas

John permaneceu comigo pelo resto da tarde e foi ótimo tê-lo ao meu lado. Não conversamos mais sobre meu pai, apenas ficamos juntos assistindo TV como dois namorados fariam. Claro que não poderia nos definir dessa maneira, mas de qualquer modo ter John por perto foi a melhor coisa que poderia acontecer, por isso lamentei quando ele disse:

- Sua madrasta está chegando, você vai me apresentar a ela ou eu devo ir?

Pega de surpresa fiquei calada e foi John quem decidiu o que fazer.

- Volto depois.

Então, como já era de costume ele desapareceu rapidamente, em seguida a porta foi aberta e eu vi Kelly entrar.

- Oi Malu, tudo bem?

- Sim. – Respondi sucintamente tentando esconder a melancolia, tanto por relembrar o passado quanto pela partida de John.

- Tem certeza? Você parece triste. Teve algum outro sintoma, ou perdeu a consciência novamente?

- Não, não tive nada, pode ficar tranquila.

Kelly esboçou um sorriso e só depois comentou.

- É bom ouvir isso, eu fiquei preocupada depois do que aconteceu em Petrópolis, por isso gostaria de leva-la ao consultório do Dr. Werneck essa semana.

- Kelly, eu não vejo necessidade, estou bem eu juro!

Minha madrasta torceu levemente o nariz e eu sabia que ela não estava satisfeita com minha recusa, ainda assim escutei.

- Está bem, mas vamos combinar o seguinte: sua primeira sessão com a psicóloga será amanhã após o colégio, depois irá revê-la na quinta-feira e se nessa semana se sentir bem durante as sessões não voltaremos ao psiquiatra antes de um mês, que foi o tempo que ele marcou o retorno, está bem?

Soltei um longo suspiro porque não estava a fim de começar a fazer terapia

nem tão pouco voltar a ver o psiquiatra, afinal agora eu sabia que não era louca, mas obviamente eu não podia dizer a verdade a Kelly, por isso aceitei sua proposta.

- Tudo bem, vou fazer exatamente o que está me pedindo.

Kelly esboçou um sorriso mais confiante.

- É para o seu bem Malu, acredite em mim.

Apenas acenei positivamente, mas não fiz nenhum comentário, até porque Kelly voltou a falar.

- Hoje tia Lourdes me ligou, ela queria saber se Liam esteve aqui.

- Por que?

- Porque ele sumiu, saiu de casa ontem de manhã depois que brigou com você e não apareceu mais, por isso tia Lourdes achou que ele poderia ter vindo pra cá, pra conversar com você.

- Não, ele não veio me procurar.

- Foi o que imaginei e o que disse a ela, de qualquer modo preciso ligar e avisá-la, vou fazer isso agora.

- Ela ligou para o Liam, pra saber onde ele está?

- Sim, várias vezes, mas ele não atendeu nenhuma chamada nem respondeu aos recados que ela deixou na caixa postal, ela também ligou para alguns amigos dele, no entanto, nenhum soube dizer onde o Liam está.

- Puxa! Não fazia ideia que algo assim fosse acontecer.

- Ninguém fazia, acho que nem mesmo tia Lourdes esperava tal comportamento do neto, apesar de já ter tido muita dor de cabeça por causa do garoto, de qualquer modo ela está preocupada.

- Ela acha que ele pode ter feito alguma besteira?

- Como assim? Está perguntando se ele tentaria contra a própria vida?

Acenei positivamente procurando manter a aflição sob controle.

- Não acredito nisso, Liam pode ser irresponsável, imaturo e egoísta, mas também é muito vaidoso e gosta da vida e dos prazeres que o dinheiro pode comprar, portanto ao meu ver ele só saiu de casa para atormentar a avó, para

deixa-la preocupada e com remorso, afinal tia Lourdes foi em sua defesa quando Liam foi grosso com você, por isso ele ficou com raiva e para mostrar sua indignação não está dando notícias.

- Puxa, se tia Lourdes já estava chateada comigo, agora ela ficará com raiva também!

- Malu, tia Lourdes não está chateada ou com raiva de você, ao contrário, ela lamenta o fato do neto ter te envolvido nessa história, afinal ela sabe muito bem que a principal razão para Liam ter contado aquela versão maluca é por estar sob o efeito de drogas e também por ter batido a cabeça.

- Ela disse isso a você?

- Sim, e chegou a me pedir desculpas, eu falei que estava tudo bem, que nem eu ou você estávamos aborrecidas com ela ou com Liam, afinal não queria deixa-la ainda pior, por isso também ofereci ajuda e falei que se ela precisar de alguma orientação referente ao uso de drogas pode contar comigo.

- E o que ela falou?

- Ela agradeceu, mas disse que já tentou levar Liam a um centro de reabilitação quando encontrou drogas com ele há um tempo atrás, no entanto ele recusou e prometeu parar, ela acreditou e achou mesmo que ele tivesse abandonado o vício, mas depois que o policial encontrou as drogas no carro dele tia Lourdes viu que o neto estava mentindo como já tinha mentido em outras ocasiões e por isso ela tem certeza que dessa vez ele está mentindo também, que para se livrar da polícia está colocando você na história.

Engoli seco, afinal quem era a mentirosa agora era eu e não Liam, contudo não comentei nada e ouvi.

- Malu, não fique aborrecida, afinal você não tem culpa de nada, já garantiu que não teve nenhum outro sintoma que poderia afetar sua memória, e além do mais a própria tia Lourdes me contou que a viu com um jovem quando estava saindo de casa para ir ao hospital. A propósito, quem é o rapaz?

Mais uma vez a ansiedade quis se apoderar de mim, porém tentei me manter calma para responder com naturalidade.

- É um amigo, um cara que conheci há pouco tempo.

- Você já tinha falado dele pra mim?! Porque não estou lembrada.

- Não, na verdade não falei.
- E quem ele é?
- O nome dele é John.
- John?! Ele é estrangeiro?
- Sim, é inglês.
- E como você o conheceu?

Engoli seco, não estava preparada para conversar sobre John agora, ainda assim falei a primeira coisa que me veio à cabeça.

- Pela internet.

Kelly não perguntou nada com palavras, mas seu olhar me indicou que ela queria detalhes, então continuei mentindo.

- Eu criei um perfil no Instagram há poucos dias atrás e foi através dele que conheci John.

- Você não tinha falado que tinha entrado numa rede social, por que escondeu isso?

- Eu não escondi Kelly, eu só esqueci de contar, até porque foi muito recente.

- Mas mesmo assim conheceu um cara estrangeiro e se encontrou com ele em Petrópolis. Ele mora lá, ou está passando férias no Brasil?

Senti gotas de suor brotarem na minha testa, passei a mão para secá-las enquanto pensava no que responder, mas por sorte o celular de Kelly tocou, ela olhou o visor e disse:

- É meu chefe, preciso atender.

Kelly se levantou do sofá enquanto atendia o celular e eu aproveitei para sair da sala, fui até o lavabo que havia no térreo do sobrado e tranquei a porta.

- Droga! E agora? O que vou falar pra Kelly sobre John?

Me questionei em voz baixa enquanto pensava nas opções. Falar de John me levava inevitavelmente a mentir, mas o que eu poderia fazer? Contar que um personagem de livro ganhou vida e veio ao meu encontro? Dizer que ele era

um vampiro transformado pelo próprio pai em 1498 quando estava com dezoito anos e que desde então não envelheceu mais? Que ele não se alimentava de pessoas porque usava uma fórmula criada pela poderosa feiticeira Valentina Stoker que o ajudava a abrandar a sede por sangue humano?

- Ah meu Deus, a Kelly vai me internar na mesma hora! Vou passar o resto da vida num hospício!

- Malu, está tudo bem?

Kelly perguntou enquanto batia levemente na porta, arfei e tentando manter a ansiedade sob controle respondi.

- Está.

- Ok, então eu vou subir, tomar um banho e depois jantamos, está bem?

- Está.

Foi a única coisa que consegui dizer antes de me sentar no vaso sanitário e pensar no novo problema que tinha surgido.

Aproveitei que minha madrastra estava no banho para pensar, afinal quando fôssemos jantar ela iria me questionar novamente sobre John e eu tinha que ter algumas respostas na ponta da língua. Para ajudar a organizar os pensamentos me sentei em frente a escrivaninha do meu quarto e peguei uma folha e caneta para escrever o que poderia falar sobre John.

- Malu.

- John! O que está fazendo aqui?

- Vim ajudá-la.

- Como assim?

- Eu escutei sua conversa com Kelly, por isso estou aqui, acho melhor me apresentar a ela, dizer que sou seu amigo.

- Não, é melhor não!

- Mas Kelly quer saber mais a meu respeito e pelo tom de voz que ouvi, ela

está desconfiada e apreensiva com o fato de você ter um novo amigo, portanto se eu me apresentar e conversar com ela, tudo ficará bem.

Pensei por alguns instantes na proposta de John e cheguei a considerar uma boa solução, no entanto sabia que sua aparição repentina em casa seria razão para Kelly ficar aborrecida, afinal havia um acordo entre nós, nenhuma levaria um conhecido até lá sem antes informar a outra e por isso falei:

- Vamos deixar o encontro para outro dia, hoje é melhor eu só falar sobre você.

- Por que?

- Porque a Kelly pode ficar aborrecida por você aparecer aqui sem ser convidado, além do mais se ela está apreensiva com o fato de eu ter encontrado um estranho em Petrópolis ficará ainda mais aflita por você estar aqui.

- Entendi, mas então o que vamos fazer?

- Você não vai fazer nada, a não ser ir embora, quanto a mim vou dizer que o conheci através do Instagram, que você está de férias no Rio e que quando soube que eu estava em Petrópolis foi pra lá para nos conhecermos pessoalmente.

- Tem certeza que isso é o melhor a ser feito?

- Claro! Afinal eu não posso dizer a verdade sobre você.

John permaneceu pensativo por alguns instantes e por fim disse:

- Está bem, se você acha que essa é a melhor solução eu concordo, mas há um problema.

- Qual?

- Você disse a Kelly que nos conhecemos através da internet, mas eu sequer tenho um celular, portanto se sua madrastra resolver procurar pelo meu perfil não achará nada.

- Você não tem celular?! Como assim? Até eu tenho celular, como você não tem? Aliás, onde você vive? E suas roupas? Ai meu Deus, só agora estou me dando conta disso tudo!

Passei a mão pelos cabelos aflita, afinal se Kelly quisesse mesmo conhecer

John alguns aspectos práticos teriam que ser resolvidos, no entanto agora não havia tempo de pensar nos detalhes, por isso me limitei a dizer:

- Vamos resolver essas coisas depois, por hora vamos manter a versão que você está passando férias aqui, está bem?

- Está, mas não acho que deve dizer a Kelly que fui para Petrópolis encontra-la, ela pode ficar apreensiva, achar que sou um maníaco ou que não sou confiável.

- É, tem razão, é melhor dizer que nos encontramos por acaso, afinal Petrópolis também é uma cidade turística e você poderia ter ido pra lá justamente quando eu também estava na cidade.

John inclinou a cabeça como se estivesse ponderando a situação, pensei em questioná-lo, no entanto ele falou:

- Kelly já saiu do banho, vou embora.

- Ok.

Assenti enquanto via John partir e reunindo toda minha coragem me preparei para ir ao encontro da minha madrastra.

Quando cheguei a cozinha Kelly estava terminando de arrumar a mesa.

- Oi, já ia chama-la para jantar, acabei de esquentar aquela torta de frango que você adora.

- Ah, você fez o jantar? Foi mal, hoje era meu dia de cuidar da comida, mas acabei esquecendo, desculpe.

- Sem problemas Malu, até porque não fiz nada a não ser colocar a torta no forno, quem fez mesmo foi a *rôtisserie* ao lado do hospital.

Kelly comentou sorrindo ao mencionar um dos locais onde sempre comprava comida pronta, eu também tentei sorrir apesar da apreensão, afinal logo começaria a sabatina sobre John. Não me enganei, porque assim que Kelly colocou a torta na mesa pediu.

- Então, me fale mais sobre esse rapaz que conheceu no Instagram.

Me servi de um pedaço de torta para ganhar tempo e coragem, até conseguir

dizer.

- Bem, não há muito o que falar. Apesar de termos nos encontrado em Petrópolis não falamos muito sobre nós mesmos e sim sobre as nossas terras natais, sabe como é, ele está visitando o Rio pela primeira vez, também não tinha ido a Petrópolis antes, portanto quis saber o que poderia fazer para se divertir.

- E você lhe deu dicas?

- Claro! Não apenas sobre os pontos turísticos tradicionais, mas também sobre lugares que a maioria das pessoas nem sabe que existe.

- Entendi; mas esse rapaz... John, não é? - Assenti enquanto Kelly me encarava, ela prosseguiu. – Ele mora onde?

- Em Londres.

- Sozinho, ou tem família?

Mastigando lentamente aproveitei os preciosos segundos para pensar, se dissesse que ele não tinha família Kelly poderia ficar ainda mais apreensiva, porém mentir sobre isso também era complicado, por isso resolvi contornar a situação.

- Ele tem família, mas assim como eu os pais já morreram e ele foi criado por uma tia, junto com primos e primas, mas hoje em dia vive sozinho.

- Mesmo?! Quantos anos ele tem?

Fiz as contas mentalmente e me espantei ao constatar que John existia há mais de quinhentos anos, de qualquer modo era inadmissível dizer a verdade, portanto respondi.

- Ele tem dezoito, mas parece ter mais, não porque seus traços sejam de um cara mais velho e sim porque é mais maduro que a maioria dos jovens da idade dele, talvez porque perdeu os pais cedo e foi criado por parentes, pelo menos é o que penso.

- Sim, faz sentido, a maioria das pessoas que se vê sozinhas muito cedo são obrigadas a aprender as coisas por conta própria, mas nem sempre isso é bom, se a pessoa não teve uma formação adequada nos primeiros anos de vida pode se tornar um marginal.

- Verdade. – Me limitei a concordar ao lembrar a história de John, pelo

menos aquela contada no livro, de qualquer modo agora que ele estava aqui percebi que precisava saber como havia vivido.

- E o que o seu amigo faz da vida? Trabalha, estuda?

Engoli com dificuldade o pedaço de torta que estava mastigando, tomei um gole de suco e só depois respondi.

- As duas coisas, trabalha e estuda.

- Onde?

- Ele falou o nome do colégio onde estudou, mas não me lembro, quanto ao trabalho arranjou um emprego numa livraria a pouco tempo.

- Ele trabalha numa livraria a pouco tempo e já conseguiu viajar de férias para outro país?!

Droga! Que mancada minha!

- Ah Kelly, sabe como é, ele ganha em libras e em comparação ao real o salário dele é bem alto, portanto não deve ter sido difícil juntar dinheiro para viajar, de qualquer modo não ficamos conversando sobre isso.

- E sobre o que conversaram?

- Sobre o Rio, Petrópolis, Londres, e outros países que ele conhece.

- Ele viaja com frequência e sempre sozinho? Ou está com alguém aqui no Rio?

- Não sei se ele viaja muito, mas conhece outros lugares além de Londres, e aqui no Rio veio sozinho.

Kelly não comentou nada, porém ficou me observando, não gostei do seu olhar, era analítico demais, preocupado em excesso e fiquei receosa que ela fizesse outras perguntas que eu não saberia responder. Por isso aproveitei que tinha terminado a torta e disse:

- Bom, já acabei, vou subir e escovar os dentes, mas pode deixar que depois lavo a louça.

Levei meu prato a pia e já estava prestes a sair da cozinha quando ouvi.

- Malu.

- Sim.

- Você vai encontrar novamente esse rapaz?

- Talvez, não sei.

- Malu...

Kelly disse meu nome me repreendendo e eu acabei falando.

- Talvez ele apareça aqui nos próximos dias, mas não tenho certeza.

- Você deu seu endereço a ele?! - A expressão de Kelly me mostrou sua desaprovação antes dela prosseguir. – Malu, eu não quero ser chata ou implicante, mas você acabou de conhecer um cara pela internet, um garoto de dezoito anos que vive sozinho do outro lado do mundo, que contou pra você que está de férias aqui mesmo sendo vendedor numa livraria, que encontra você em Petrópolis quando eu não estou lá, então por tudo isso foi no mínimo precipitado da sua parte dar seu endereço a ele, se você queria reencontrá-lo deveria ter marcado num lugar público e ter me avisado evidentemente, afinal mesmo que vá vê-lo num shopping ou na praia, depois estará sozinha e vulnerável.

Tentei não torcer o nariz perante o sermão de Kelly, até porque eu sabia que ela estava totalmente correta, mas o fato era que a verdade não podia ser dita, por isso falei o que qualquer adolescente diria numa situação como essa.

- Tá, tudo bem, eu errei, não deveria ter dado meu endereço, mas você vive pegando no meu pé, dizendo que eu preciso sair, encontrar pessoas da minha idade, ter experiências, e aí quando finalmente aparece um cara que eu acho interessante você me enche de perguntas e me recrimina?!

- Eu não estou te recriminando Malu, estou apenas dizendo que achei precipitada a sua atitude, afinal você sempre foi responsável e inteligente, portanto fiquei admirada ao ouvi-la dizer que um jovem que você acabou de conhecer pode aparecer aqui a qualquer momento.

- Eu não disse que ele vai aparecer a qualquer momento.

- Isso significa o que? Que vocês já marcaram um novo encontro?

- Não, não desse jeito que você está pensando, mas ele falou que gostaria de me ver de novo.

- E aí você deu seu endereço?! – Kelly falou indignada enquanto balançava a cabeça em sinal de desaprovação, me preparei para um novo sermão, porém

ela foi sucinta. – Bem, o que está feito está feito, só te peço uma coisa, não receba esse rapaz quando eu não estiver, se ele ligar dizendo que quer vir aqui, me avise, está bem?

- Você quer conhece-lo?! Quer falar com ele?!

- Evidentemente Malu, afinal eu não sou uma estranha, sou sua madrasta, a mulher que assumiu a responsabilidade por você depois que seu pai morreu.

Senti muitas coisas ao mesmo tempo, remorso, aflição, raiva, mas consegui me controlar e dizer.

- Ok, se conversar com ele novamente eu falo pra você.

- Ótimo, afinal é o que espero que faça.

O tom de Kelly não foi o mais amistoso do mundo, de qualquer modo ela não prosseguiu com a conversa, ao contrário, levantou-se da cadeira e levou seu prato até a pia, depois passou por mim e disse:

- Não esqueça que hoje a arrumação da cozinha é sua. Boa noite.

17 – Aborrecimentos

Na manhã seguinte não conversei com Kelly antes de ir ao colégio, não porque estivesse com raiva dela, mas sim porque era seu dia de folga. Então saí de casa quando minha madrastra ainda dormia. Quanto a mim estava bem desperta e por isso pensei na conversa que tivéramos na noite anterior. Refleti sobre o que deveria fazer, quais providências tomar para Kelly ter uma boa impressão de John e concluí que já tinha passado da hora de saber mais sobre o vampiro, afinal tudo o que eu achava que sabia provinha de um livro de ficção, mas sendo John de carne e osso talvez as coisas escritas sobre ele não fossem verdade, pelo menos uma parte delas.

Torci o nariz perante o fato, afinal era tudo tão estranho que as vezes eu achava que estava no meio de um sonho maluco e que a qualquer momento iria acordar, mas a verdade é que as coisas estavam mesmo acontecendo e eu não tinha o que fazer a não ser encarar a realidade, por mais bizarra que fosse, entretanto, ao relembrar os acontecimentos dos últimos dias suspirei e pensei por breves segundos que no fundo eu tinha uma excelente saúde mental porque qualquer garota no meu lugar já teria enlouquecido, contudo eu me mantinha firme mesmo que visse os olhares debochados e as conversinhas sobre mim nos corredores do colégio.

Força Malu, você consegue. Disse a mim mesma enquanto entrava na sala de aula, mas ao passar por algumas garotas e ouvir seus comentários sobre mim senti meus olhos marejados, tentei não chorar, mas não tive sucesso, e algumas lágrimas furtivas escorram pelo meu rosto. Rapidamente passei a mão sobre minha pele para secá-la, não queria que ninguém me visse mal, no entanto, ouvi.

- Que foi Malu, está tendo alguma visão triste, por isso está chorando?

Danilo, um dos garotos mais chatos e esnobes da sala indagou debochadamente. Senti tanta raiva que respondi de forma rude.

- Não estou vendo nada que não existe, a não ser um adolescente estúpido que se acha muita coisa, só porque é filho de um deputado corrupto que só não está preso pela morosidade da justiça brasileira.

- Sua idiota maluca! Vou te mostrar quem é estúpido aqui!

O garoto se levantou e veio na minha direção, mas no mesmo instante ouvimos.

- Danilo, volte para o seu lugar, agora!

- Mas professor, você não ouviu o que essa maluca disse? Ela me ofendeu e ofendeu o meu pai também! Eu exijo que ela peça desculpas.

- A Maria Luiza não precisa pedir desculpas por coisa alguma, porque eu vi muito bem que foi você que começou a provoca-la, portanto se não consegue arcar com as consequências do que diz mantenha-se calado e se não quer perder a aula e passar o resto do seu tempo na diretoria aconselho que fique quieto no seu lugar.

O professor Pacheco falou firmemente, no entanto não foi o bastante para calar Danilo, que sem ter o mínimo de respeito pelo homem pegou suas coisas e bradou:

- Eu não tenho que obedecer um professor de merda como você, por isso vou embora, mas saiba que meu pai vai tomar as devidas providências contra você, seu idiota!

O garoto saiu pisando duro e um burburinho baixo começou a se acentuar entre os alunos, no entanto achei que devia me manifestar, por isso falei:

- Com licença professor, peço desculpas se fui inconveniente e causei transtorno, realmente não foi minha intenção, mas se achar que devo ir até a diretoria e explicar o que houve, farei isso agora mesmo.

- Não precisa Maria Luiza, eu sei muito bem o que vi, portanto volto a repetir, você não tem culpa de nada, apenas respondeu para alguém que estava ofendendo você, por isso vamos esquecer o episódio e voltar a atenção para a aula.

Eu apenas assenti, porém, secretamente pedi aos céus que nada de ruim acontecesse com o homem que havia me defendido.

O resto da manhã foi tão ruim quanto o início, não porque mais algum aluno tenha me importunado, mas apenas pelo fato de ter que ficar num ambiente hostil, afinal o episódio envolvendo Danilo repercutiu rapidamente e se antes

eu não era aceita, passei a ser vista como a maluca protegida de um dos professores mais odiados da escola.

Eu não concordava com a opinião dos outros estudantes sobre o professor Pacheco, ao contrário, gostava dele e da matéria, ele ensinava geometria e a forma como transmitia os conceitos era bastante didática, porém era um professor linha dura, não dava mole para os alunos e tão pouco se intimidava quando com algum estudante tentava usar a influência paterna ou materna para melhorar a nota após um desempenho ruim, então por isso ele não era bem visto pelo corpo estudantil e os atritos com os jovens eram uma constante, mas ainda assim não achei certo ele ter mais um problema por minha causa e por isso quando o período chegou ao fim fui até a sala dos professores conversar com ele.

- Com licença, professor, podemos conversar?

- Claro Maria Luiza, entre.

Uma docente do primeiro ano estava na sala, no entanto pediu licença e depois se retirou. Me senti mais à vontade e por isso falei:

- Vim agradecer por ter ido em minha defesa durante a aula, professor, e dizer que lamento muito a confusão que causei.

- A culpa não foi sua Maria Luiza, eu já disse, portanto não precisa se preocupar com o que houve.

- Mas eu me preocupo, e se o Danilo falar mesmo com o pai sobre o senhor? O que poderá acontecer?

- Você está com medo que eu perca meu emprego por causa daquele garoto?

- Exatamente.

- Acho isso improvável, afinal eu já enfrentei alunos muito mais “poderosos” e ainda estou aqui, além do mais o Danilo não é um problema apenas nas aulas de geometria, mas nas demais matérias também, portanto se alguém deve ficar preocupado é ele por ter que deixar a escola.

- Ele pode ser expulso?!

- Se continuar a se comportar como se comportou na minha aula sim, afinal ele já tem duas advertências por causas graves e se tiver mais uma com certeza será convidado a se retirar.

- Puxa professor, eu não queria nada disso, mas parece que nos últimos tempos qualquer um que se aproxima de mim acaba saindo prejudicado.

- Por que está dizendo isso?

Suspirei, não sabia se era certo falar sobre o episódio envolvendo Liam, no entanto eu estava tão chateada que acabei contando por cima os fatos, claro que tentei resumir a história, mas inevitavelmente acabei citando a preocupação de Kelly com minha saúde mental e ao ouvir isso, o professor falou:

- Maria Luiza, eu sei bem o quanto é difícil tudo isso que está enfrentando e sei porque tive uma irmã esquizofrênica, que infelizmente se suicidou por conta dos sintomas, por isso não aceito ser conivente com um adolescente que não respeita alguém doente e mesmo que eu seja de alguma forma punido por ter chamado a atenção do Danilo, ainda assim não me arrependo de ter ido em sua defesa.

Apesar das palavras do professor saírem suaves, carregavam a certeza de que eu era doente, maluca como todos estavam afirmando e eu me senti mal por isso, de qualquer modo não reclamei afinal o que quer que dissesse seria interpretado de maneira errada, por isso me limitei a dizer que precisava ir e saí da sala.

Estava saindo da escola quando recebi uma mensagem de Kelly me lembrando da consulta com a psicóloga e o fato me fez suspirar, afinal depois da manhã nada agradável não estava a fim de falar com ninguém. Por um momento pensei em ligar para o consultório e desmarcar a sessão, porém me lembrei que Kelly estaria em casa e inevitavelmente me questionaria por tal atitude, e como o clima entre nós estava um pouco tenso achei mais prudente ir para a consulta.

Cheguei ao local depois das duas da tarde e precisei aguardar alguns minutos para ser atendida, me senti entediada, por isso peguei uma revista para folhear, mas quando a porta da sala da terapeuta foi aberta e eu ouvi meu nome fiquei apreensiva, apesar do sorriso cortês que a mulher me lançava.

- Maria Luiza, não é?

- Sim, isso mesmo.

- Vamos lá?

Assenti, me levantei e caminhei hesitante até a sala da mulher, ela foi para uma poltrona e fez sinal para que eu me sentasse num sofá, agradei, contudo não disse mais nada.

- Então, como você está?

Dei de ombros, afinal estava sentindo tantas coisas ao mesmo tempo que era difícil explicar. A mulher pareceu compreender meu gesto e de maneira amistosa perguntou.

- Sem vontade alguma de estar aqui, não é?

Acabei sorrindo e indaguei.

- Além de psicóloga, você lê pensamentos?

- Não, pensamentos não, mas expressões faciais e corporais sim, afinal faz parte do meu trabalho.

- Desculpe, eu não queria parecer mal educada, na verdade meu pai me criou muito bem, mas a verdade é que estou sentindo tantas coisas estranhas e boas ao mesmo tempo que é difícil dizer como me sinto.

- Bem, então ao invés de começarmos a falar sobre sentimentos, talvez possamos conversar primeiro sobre nós, que tal?

- Não entendi.

- Certo, vou explicar: o que estou propondo é que cada uma fale um pouco de si, mas de maneira objetiva, quer que eu comece?

- Pode ser.

Concordei achando graça do jeito da mulher, ela esboçou um sorriso e começou.

- Meu nome é Roberta, tenho quarenta anos e há quase duas décadas sou psicóloga. Atendo aqui e também no hospital onde Kelly trabalha. Não sou casada e nem tenho filhos, mas gosto de namorar bastante, de sair com meus amigos e de levar meu *cocker spaniel* pra passear no calçadão.

Ela contou tudo com uma expressão amistosa, me senti à vontade e talvez por isso tenha perguntado.

- Como é o nome do seu cachorro?

- É Fred, o preguiçoso.

- Sério?!

Ela riu antes de responder.

- Não, apenas Fred, preguiçoso foi um apelido dado por um ex-namorado que achava meu cachorro muito parado e por isso dizia que o Fred não passava de um preguiçoso, e apesar de concordar com meu ex, não dei chance dele continuar a falar mal do meu cão por isso terminamos.

- Você terminou um namoro, por causa do seu cachorro?!

A psicóloga riu mais alto e só depois disse:

- Não, não sou tão esquisita assim, embora fique ressabiada quando alguém não gosta do meu bicho, afinal ele é como um filho. E você tem algum animal de estimação?

- Não, nunca tive, apesar do meu pai afirmar que tínhamos um gatinho quando eu era bem pequena, no entanto por mais que me esforce para lembrar do bichano eu não consigo.

- Você se lembra do nome, pelo menos?

- Na verdade não, só sei o nome porque meu pai um dia me falou sobre o gato, disse que se chamava Nino, e era cinza, bem peludo, mas eu não me lembro dele de forma alguma.

- E não há nenhuma foto do Nino, pra ajudá-la a lembrar?

- Também não, na verdade eu não tenho nenhuma foto da minha infância.

- Não? Por que?

- Porque todas as coisas que eu e meu pai tínhamos foi perdida num incêndio há muito tempo atrás. Bem, pelo menos foi sempre o que meu pai contou quando me falava sobre não termos muitas coisas pessoais, como fotos, álbuns de família, convites de aniversários, enfim, qualquer coisa sobre o nosso passado.

- Você se lembra do incêndio?

- Não, meu pai me contou que eu era muito pequena, acho que tinha dois ou três anos apenas quando nossa antiga casa pegou fogo, por isso destruiu tudo,

as fotos da minha mãe, do casamento dos meus pais, do meu nascimento e dos meus primeiros anos de vida.

- Puxa, sinto muito, deve ser muito triste perder recordações tão preciosas assim.

- É, é sim, mas sabe o que é mais estranho?

- O que?

- Não há fotos minhas depois do incêndio, quer dizer, deveria haver alguma coisa, mas as únicas fotos e lembranças que tenho são dos meus dois últimos anos, antes disso não tenho nada e nem sequer me lembro de aniversários do começo da minha adolescência, quando tinha doze ou treze anos.

- Não?!

- Não, só sei de algumas coisas porque meu pai me contou um dia.

- E o que seu pai te contou?

Tentei resgatar com precisão o dia em que percebi que não tinha passado e fui até meu pai conversar sobre o fato, então falei para Roberta.

- Bem, meu pai contou que depois do incêndio ficou muito abalado, porque quase me perdeu, minha mãe já tinha falecido quando eu nasci, o parto foi complicado e ela não sobreviveu, então meu pai foi obrigado a assumir todos os cuidados de uma recém-nascida, no entanto ele era professor, não ganhava bem e sem ninguém para cuidar de mim, eu passava o dia numa creche estadual, contudo após uns dois anos a tal creche fechou e meu pai teve que contratar uma babá para ficar comigo, porém a jovem era irresponsável e por causa dela a casa incendiou, se não me engano a garota deixou vaziar o gás e não sentiu o cheiro quando acendeu a lâmpada da cozinha, houve um curto circuito e o fogo começou.

- Nossa, que tragédia!

- Foi sim, meu pai me contou que o fogo se espalhou rapidamente e só foi possível me tirar de lá, mas todo o resto se perdeu.

- A babá saiu viva?

- Sim, mas depois do que aconteceu ela sumiu, com medo de ser presa, porém meu pai não fez nada contra a garota, primeiro porque não tínhamos onde morar, portanto o primordial era arranjar um imóvel, por sorte um

amigo do meu pai tinha um sobrado que acabara de ser liberado pelo inquilino e com pena do que nos aconteceu o sujeito deixou que fôssemos viver lá até meu pai ter condições de alugar um novo imóvel, mas depois de alguns anos meu pai juntou dinheiro e comprou o sobrado. Enfim, ele conseguiu se reerguer apesar das tragédias que viveu, o falecimento da esposa e depois o incêndio da nossa casa, no entanto ele contou que fez tudo com muito sacrifício e que por isso não tinha dinheiro ou tempo para fazer festas de aniversário para mim ou sair tirando fotos ou fazendo vídeos caseiros.

- Entendo, mas pelo que disse você sabe tudo isso não porque se lembra, mas sim porque seu pai um dia lhe contou.

- Exato.

A psicóloga assentiu levemente, mas sem a descontração que usou para iniciar nossa conversa e apreensiva eu perguntei.

- Você acha que eu posso ter algum problema grave de memória? Quer dizer, é estranho que eu não me lembre de nada disso, não é?

- Não é o normal Maria Luiza, mas algumas vezes nossa consciência bloqueia recordações ruins, como se tentasse nos proteger e com isso nos fazer seguir em frente, porém eu vi sua tomografia, Kelly me mostrou e eu também conversei com o Dr. Werneck e não há nada nos seus exames que seja suspeito.

- E o que isso quer dizer?

- Quer dizer que você está bem apesar de tudo, das tragédias que viveu e por isso é uma menina forte, porém mesmo as pessoas mais guerreiras têm momentos de fragilidade e talvez sua memória seja o seu ponto fraco, ou seja, ela não registra fatos trágicos para manter você bem.

Pensei nas palavras de Roberta por alguns instantes e depois falei:

- Mas se fosse assim, eu não deveria me esquecer também da morte do meu pai? Quer dizer, ele foi assassinado quando estávamos juntos e eu nunca esqueci aquela noite, apesar de estar escuro e eu estar muito assustada, mas até hoje se fecho os olhos consigo ver com precisão a terrível imagem na minha mente.

- Quando seu pai faleceu?

- Há dois anos.

- Qual era a sua idade?

- Quinze anos.

- Bem, seu sistema nervoso estava mais desenvolvido aos quinze do que aos três anos quando houve o incêndio, portanto é natural que as memórias envolvendo a morte do seu pai sejam mais vivas pra você, mas o que me deixa intrigada é você não lembrar de nada do início da sua adolescência.

- Eu deveria me lembrar de algo, não é?

- Sim, deveria.

Parei para pensar e de repente me dei conta de uma coisa.

- Como a minha memória pode ser tão ruim para relembrar um período da minha vida e tão boa em outros aspectos? Quer dizer, eu vou bem na escola porque tenho uma facilidade imensa para gravar as matérias, como se já tivesse estudado história, geografia, matemática, física várias e várias vezes, enfim, eu sou ótima em todas as disciplinas, praticamente não preciso estudar para uma prova, dou uma olhada rápida na matéria na véspera e está tudo certo.

- Entendo, e sua pergunta é boa, no entanto eu não tenho a resposta, de qualquer modo vou pesquisar e se achar algo lhe informo. Mas agora me conte, além de ser uma aluna exemplar como é seu dia a dia na escola?

Soltei um suspiro antes de responder.

- Complicado.

- Por que?

- Porque eu não me dou bem com os demais alunos e depois que tive aquela alucinação tudo piorou, o pessoal ficou sabendo e começou a me atormentar, hoje mesmo um garoto da minha turma implicou comigo, acabei perdendo a paciência e fui estúpida com ele, o menino se exaltou ainda mais a ponto de obrigar o professor a intervir, no fim o garoto que me chateou foi expulso porque desrespeitou o professor e tudo saiu do controle.

- E você se aborreceu com isso?

- É claro! Sempre me olharam torto, e a partir de ontem começaram a

cochichar sobre mim e hoje houve a briga, se já não bastasse o que aconteceu em Petrópolis.

- O que aconteceu lá?

Torci o nariz e mesmo a contragosto contei a psicóloga o episódio envolvendo Liam, claro que não mencionei John, mas sustentei a versão que havia dito para todos, que só tinha visto o jovem após ir até o hospital com sua avó. Roberta ouviu tudo atentamente e por fim falou:

- Bem, novamente estamos diante de uma situação complicada, afinal o jovem que você mencionou é um usuário de drogas e além disso sofreu uma concussão, portanto os dois fatos poderiam causar confusão mental nele e assim a versão de que vocês estavam juntos pode ser apenas um delírio, ou uma tentativa de se ver livre da cadeia caso seja julgado por porte de drogas, mas por outro lado, sua história de não ter recordações da sua infância, por menores que fossem também é algo a ser investigado e por isso acho que talvez seja necessário você ser avaliada por uma neuro psicóloga.

- Como assim? Eu não vou fazer terapia com você?

- Vai, mas eu não sou especialista em neuro psicologia e apenas um profissional competente tem os recursos e instrumentos necessários para avaliar suas funções cognitivas e dar um parecer. Claro que após a nossa conversa de hoje tenho quase cem por cento de certeza que seus testes serão normais, mas a memória precisa ser avaliada de maneira objetiva, até mesmo para sabermos se está tudo bem. O problema é que esses testes são caros e não sei se Kelly terá condições de arcar com a avaliação. De qualquer modo é importante que você fale com ela sobre isso e depois me diga o que decidiram, está bem?

Assenti enquanto tentava processar as informações, afinal nunca tinha parado para pensar a razão de uma parte das minhas memórias estarem apagadas, mas a verdade é que o fato me deixou abalada.

18 – Cuidados

Minha quarta-feira não começou bem, primeiro porque tinha dormido pouco e com sono não estava com humor para conversa. Kelly também não estava nos seus melhores dias, mas ainda assim concordou em me dar carona para a escola. No caminho voltamos a falar sobre a consulta com a psicóloga, já tínhamos conversado na véspera, no entanto minha madrastra retomou o assunto.

- Malu, pensei muito depois que você falou sobre a necessidade de ser avaliada por um neuro psicólogo e acho mesmo que deve fazer os testes.

- Mas Kelly, a Roberta falou que a avaliação é cara e nós não temos como pagar.

- Eu dou um jeito.

- Que jeito?

- Posso trabalhar com *home care*, não será difícil achar um emprego na área.

- Kelly, você já trabalha demais no hospital, praticamente não tem folga, como pode arranjar mais um emprego? Não dá, além do mais se alguém tem que arrumar uma fonte de renda sou eu, afinal já estou com dezessete anos e não é certo ficar vivendo as suas custas, sem ajudar com nada.

- Malu, já conversamos sobre você trabalhar agora inúmeras vezes e você sabe muito bem o que penso sobre isso.

- Sim, eu sei, mas você está errada, afinal até quando vai se responsabilizar por mim? A sua dedicação é incrível e eu só posso agradecer por você ter sido tão bacana comigo nesses dois anos, mas o fato é que eu não sou mais uma garotinha, eu tenho que começar a ter mais independência e autonomia e só vou conseguir isso se arranjar um emprego.

- E o colégio, Malu?

- Eu vou continuar estudando, não vou abandonar a escola, mas posso muito bem trabalhar a tarde, depois da aula.

- Não sei Malu, eu tenho receio que isso atrapalhe você quando for fazer vestibular e eu queria muito que você ingressasse numa faculdade, afinal era

o sonho do seu pai e em consideração a ele eu quero que você tenha essa chance.

- E eu vou ter, pode ter certeza disso. Sou uma boa aluna, portanto sou perfeitamente capaz de estudar e trabalhar ao mesmo tempo.

- Eu me sinto péssima por isso, se ao menos pudesse pedir dinheiro emprestado a tia Lourdes você faria a avaliação da neuro psicologia e não precisaria trabalhar agora, mas em virtude do que houve com Liam eu não tenho condições de pedir nada a ela.

Torci o nariz com o comentário e mesmo contra a vontade perguntei.

- Você falou com ela novamente, sabe do Liam?

- Sim, conversei com tia Lourdes ontem um pouco antes de você chegar e ela falou que conseguiu contato com o neto, mas apenas porque ele ligou para pedir dinheiro. Tia Lourdes pediu a Liam que voltasse pra casa, garantiu que não o forçaria a ir para um centro de reabilitação por causa das drogas, muito menos que a polícia iria atrás dele, mas não teve jeito, ele desligou o telefone na mesma hora e não ligou mais. Tia Lourdes está inconsolável.

- Eu lamento Kelly, não achei que as coisas ficariam tão complicadas.

- Eu também não, até porque depois do que você falou sobre sua memória e as considerações da Roberta...bem, depois de ontem comecei a pensar se o Liam não está dizendo a verdade sobre vocês estarem juntos.

- Kelly!

- Me desculpe Malu, mas estou pensando nisso, afinal você pode ter tido um lapso de memória sim! Por isso acho importante que você faça o teste da neuro psicologia.

Kelly falou ao mesmo tempo em que me observava, não devolvi o olhar porque estava apreensiva, contudo não podia demonstrar isso, seria suspeito demais, então apenas disse:

- Estou em cima da hora, depois nos falamos, ok?

Abri a porta do carro e saí, sem nem sequer dar tchau, andei depressa até o portão da escola, mas antes de entrar vi Kelly passar e a decepção no seu rosto era evidente, senti remorso por ter ido embora daquele jeito, mas agora era tarde, só poderia me desculpar depois, por hora só me restava encarar o

colégio e o corpo estudantil que ao que tudo indicava seria tão hostil quanto já tinha sido na véspera.

Infelizmente não me enganei e a manhã na escola foi horrível, com várias pessoas me olhando como se eu fosse um bicho, um animal selvagem perigoso prestes a atacar. Por isso não conversei com ninguém, a não ser com uma garota que gostava de Danilo e que veio tirar satisfações por eu ter me desentendido com seu namorado. Tentei ignorar Pamela, mas ela falou quando eu estava perto do portão do colégio.

- Escuta aqui sua maluca, se você prejudicar o meu namorado eu acabo com você entendeu?

- O que?!

- Foi o que ouviu, não se aproxime do Danilo novamente, ou eu dou uma surra em você e anda arranjo uma maneira de te expulsar do colégio, portanto fique longe dele.

- Pode ter certeza que vou ficar, com o maior prazer, mas não porque tenho medo das suas ameaças e sim porque você e aquele garoto não merecem minha atenção nem meu tempo, por isso estou indo.

- Ainda não, não acabei!

Pamela me segurou pelo braço com força, não a ponto de me machucar, porém sua audácia me deixou furiosa e me preparei para brigar, mas ouvi.

- Tire as mãos dela, agora!

No mesmo instante os dedos da garota afrouxaram e se soltaram do meu braço, o rosto de Pamela empalideceu e sem dizer uma palavra ela se afastou de mim. Esbocei um sorriso vitorioso enquanto via a garota ir embora, contudo não saí do lugar, não até sentir outro toque no braço.

- Vamos Malu!

John me conduziu para a calçada fazendo com que nos afastássemos do portão do colégio, porém ainda haviam muitos alunos por perto e ambos caminhamos em silêncio por alguns metros, até que finalmente John falou:

- Pelo visto você teve outra manhã complicada na escola. O que houve?

Soltei um longo suspiro antes de narrar os episódios com Pamela e Danilo, John ouviu tudo sem olhar para mim um único instante, no entanto quando terminei ele parou no meio da calçada e disse:

- Vamos voltar ao colégio, vou conversar com a direção e contar que você está sofrendo *bullying*.

John girou nos calcanhares para voltar, mas eu segurei seu braço.

- Não, eu não quero voltar ao colégio para reclamar de ninguém.

- Mas isso não está certo Malu, não depois do que me contou. A diretoria precisa estar ciente do que está acontecendo e tomar uma providência, ou você prefere que eu dê um jeito nos seus colegas?

- Não John, por favor! Não tenha outra atitude precipitada como teve com Liam, já basta os problemas que temos por causa dele, não precisamos arranjar mais um inimigo.

- Inimigo?! Você acha mesmo que aquele marginal de Petrópolis pode ser meu inimigo? Ele não passa de um mortal insignificante que eu posso destruir num piscar de olhos.

Vi raiva e determinação nos olhos de John e receosa que ele pudesse fazer uma bobagem eu falei:

- Por favor John, prometa que vai deixar Liam em paz, assim como o Danilo e a namorada dele, você mesmo disse que eles são meros mortais, que não são páreos para você.

- Malu, eles te ameaçaram! O mínimo que posso fazer é conversar com a direção do colégio.

- Sim, você pode, mas não vai, ok? A não ser que não queira mais me ver, é isso o que você quer?

- Você está dizendo que se afastaria de mim se eu me vingasse das pessoas que são uma ameaça a você?

Com o coração apertado respondi.

- Sim, eu me afastaria de você, por mais dor que isso pudesse me causar eu não iria querer estar ao lado de um assassino, porque eu sei que não é isso o

que você é.

- Pois está enganada, eu não sou apenas um assassino, sou um ladrão também...além é claro de ser um vam...

John não completou a frase, ao contrário, se afastou de mim e permaneceu a alguns metros de distância, cabeça baixa e ombros caídos. Senti remorso e fui até ele.

- Vá embora Malu, é melhor.

- Não, eu não vou, a não ser que você venha comigo.

- Eu não posso, eu sou um monstro, sou cruel e vingativo e você é doce, boa, pura...eu não tenho o direito de ficar perto de você.

- Não, você está errado! Você tem não apenas o direito de estar comigo, como o dever, portanto vamos embora daqui.

Segurei a mão de John e olhei em seus olhos, ele permanecia triste e hesitante, porém me enchi de determinação, agarrei com mais força seus dedos para lhe mostrar que não iria a parte alguma sem ele; John tentou sorrir, porém a expressão melancólica permaneceu em seu rosto enquanto íamos para minha casa.

19 – Anjo Noturno

- Tem certeza que quer que eu entre?

Olhei descrente para John e num tom divertido comentei.

- Você nunca pediu licença para entrar na minha casa, não entendo por que agora está me perguntando isso.

- Não entende?! Você disse a pouco que se afastaria de mim...

- Pssiuu! – Levei meu dedo aos seus lábios impedindo que ele prosseguisse.

– Vamos entrar, vamos ter essa conversa lá dentro.

Destravei o portão, caminhei rumo a entrada e logo já estava na sala. John me seguiu, ainda hesitante e eu achei graça do seu jeito, ele estava tímido, sem saber direito como agir e eu brinquei.

- Até parece que você nunca esteve aqui antes! Você já veio várias vezes aqui sem pedir licença, simplesmente aparecia sei lá de que jeito e desaparecia da mesma forma, portanto sua hesitação está totalmente fora de contexto.

- Eu sempre fui um invasor, não é?

- Tecnicamente sim.

Respondi bem humorada e esperei que John se contagiasse com o clima divertido que eu tentava imprimir a situação, porém ele torceu o nariz e disse:

- Perdoe-me por ter agido como um selvagem com você.

- Você não foi selvagem comigo, nunca!

- Está enganada Malu, eu sempre fui um selvagem, e não agi diferente com você. Invadi sua casa e impus minha presença, portanto eu fui um selvagem sim!

John abaixou a cabeça e novamente assumiu a postura de derrotado, como se carregasse nas costas todo o peso do mundo, senti pena, me aproximei, porém ele se afastou.

- Durante toda a minha existência eu vivi sem rumo, me deixando levar por instintos cruéis e vingativos, não tive um lar, não tive amigos, vivi entre os

animais das florestas e desertos, nos lugares mais inóspitos da Terra e sabe por que?

Acenei não.

- Porque eu morri duas vezes Malu. A primeira vez quando fui transformado num demônio bebedor de sangue pelo meu próprio pai, pelo homem que deveria me proteger e amar, mas que também foi vítima de um sujeito egoísta e ambicioso. – John fez uma pausa, como se estivesse buscando forças para prosseguir, só depois continuou. – A noite da minha transformação foi uma das piores da minha vida, por mais que séculos tenham se passado eu nunca me esqueci o que aconteceu.

John sentou -se no sofá cabisbaixo e eu fui para perto dele.

- Me lembro que na noite da transformação eu fiquei aterrorizado quando cheguei a casa dos meus pais e vi minha mãe e irmã mais nova mortas, ensanguentadas, pálidas, pensei em fugir, confesso, mas de algum modo eu fiquei lá até ver meu pai com minha outra irmã nos braços, por breves segundos achei que ele estivesse tentando ajudá-la, que algum animal tinha invadido nossa casa e matado todos, mas quando meu pai ergueu os olhos e me encarou com aquelas íris vermelhas eu percebi que ele era o assassino, que ele estava naquele momento matando a própria filha. Não sei de onde tirei forças, mas fui para cima dele, tentei afastá-lo, no entanto não esperava que ele estivesse tão forte, ele me empurrou, eu voei alguns metros acima do chão e bati as costas na parede. Fiquei apavorado, quis fugir, cheguei a me levantar e dar alguns passos, porém meu pai me agarrou, mordeu meu flanco direito. A dor foi alucinante, como se ferro em brasa estivesse queimando a minha pele, meus sentidos começaram a desaparecer e naquele momento eu achei que estivesse morrendo, contudo ainda consegui ver quando meu pai foi jogado para longe de mim, porém depois não vi mais nada.

Engoli seco, porque ouvir John contar sua história era aterrorizante, muito mais do que ler o episódio num livro, fiquei sem saber o que falar, mas foi John que se manifestou novamente.

- O que aconteceu depois foi tão estranho e perturbador quanto o ataque que sofri. Lembro-me de acordar gritando, estava com muita dor, como se cada parte da minha pele estivesse queimando, tentei levantar, mas não tinha forças, por isso rastejei, ou melhor tentei, porque quando meus joelhos e

mãos se apoiaram no chão a dor que eu sentia atingiu níveis indescritíveis, eu urrei, fechei os olhos, mas os abri quando ouvi alguém falar comigo. Era uma mulher, ela me disse para eu ficar calado porque senão descobririam que eu ainda estava vivo e viriam atrás de mim. Eu não entendi nada, mas obedeci, novamente perdi a consciência e só acordei muito tempo depois.

- A mulher que falou com você era Valentina Stoker, a feiticeira?

- Como sabe o nome dela?

- Porque você descreveu exatamente o que acontece no livro Anjo Noturno, até mesmo na introdução do segundo livro da série, Anne Lugosi narra brevemente a sua transformação.

- Bem, eu realmente nunca vi tal livro, mas o fato é que a mulher que me salvou foi sim Valentina Stoker, uma poderosa feiticeira que viveu durante a Idade Média, foi ela que cuidou de mim por meses, porque durante muito tempo eu fiquei fraco, sem entender o que tinha acontecido, e só quando estava melhor, Valentina me contou os fatos. Primeiro me pediu perdão e eu não entendi o motivo, afinal ela tinha salvo a minha vida e cuidado de mim, mas depois dela contar a verdade, eu compreendi a razão para ter pedido perdão.

- Por que? O que houve para Valentina te pedir perdão?

- Valentina confessou que foi ela que criou a fórmula capaz de transformar mortais em vampiros.

- O que?! Mas eu sempre achei que fosse Lord Polidori quem desenvolveu a fórmula.

- Não, não foi ele, foi Valentina, foi ela que chegou a fórmula da transformação.

- Mas eu não entendo, Valentina não era boa?

- Era, no entanto ela não estava tentando fazer uma fórmula para o mal e sim para o bem. Valentina estava tentando achar o elixir da vida eterna, passou anos trabalhando nisso, numa fórmula que conferisse a imortalidade.

- Ela queria ser imortal?

- Não, na verdade Valentina pensou no elixir da vida eterna depois que seu primeiro filho faleceu. Ela entrou em desespero quando seu bebê de um ano

sucumbiu devido a uma febre muito forte, por isso a mulher levou muito tempo para se recuperar da dor, mesmo que tivesse ao lado o marido, o também feiticeiro Thomas Stoker, o fato é que após alguns anos Valentina engravidou novamente e teve uma menina, contudo a filha também adoeceu quando estava com dois anos e quase morreu. A feiticeira, desesperada, resolveu então buscar pelo elixir da vida eterna e começou a trabalhar incansavelmente nisso, porém não contou a ninguém, nem mesmo seu marido sabia o que ela estava fazendo, até que Valentina chegou a uma fórmula que considerou eficaz, contudo ela teve receio de testar na filha e por isso usou um camundongo como cobaia.

- Quando Valentina deu a fórmula para o animal, achou que ele fosse morrer, porque o camundongo começou a ter ataques, debatendo-se freneticamente, como se estivesse tendo uma convulsão, depois ficou inerte, sem respirar. Valentina chegou a pega-lo nas mãos para averiguar se estava mesmo morto e como o bicho já não respirava, ela concluiu que ele de fato tinha sucumbido; desanimada, Valentina colocou a cobaia de volta na gaiola e foi embora, entretanto, no dia seguinte quando retornou ao local viu a gaiola destruída e sem a cobaia, ela achou estranho, olhou ao redor e viu a parte de uma serpente, o resto do corpo estava atrás do balcão, então pegou um pedaço de madeira para matar o réptil, mas ao se aproximar levou um susto, porque ao invés de ver o camundongo ser devorado pela cobra, viu na verdade o pequeno roedor sugando o pescoço da serpente que já estava morta. Valentina deu um grito, mas ao fazer isso a cobaia foi para cima dela e tentou mordê-la, a feiticeira correu, mas o animal foi tão ágil e veloz que foi capaz de dar um salto no ar e se agarrar no braço dela, por sorte no mesmo instante o marido da feiticeira chegou, e ao ver a cena conseguiu tirar o roedor de cima da esposa ao mesmo tempo em que cravava uma estaca de madeira no animal, então só aí ele morreu de fato.

- Nossa! Que história! Nunca imaginei nada assim. – Comentei estupefata e só depois prossegui. – Mas se Valentina viu o que tinha acontecido com a cobaia, ela não supôs que a fórmula era perigosa? E se ela não era uma pessoa má então por que não destruiu a fórmula?

- Não sei, acredito que Valentina pensou que se trabalhasse mais na fórmula poderia alcançar o que tanto desejava, o elixir da vida eterna, o fato é que mesmo sabendo das consequências que a ingestão da fórmula traria, a

feiticeira não destruiu suas anotações, apenas as guardou achando que estavam seguras em sua casa, no entanto, as pessoas do vilarejo onde os Stokers moravam sempre desconfiaram deles, e viviam falando sobre os poderes sobrenaturais do casal, então os boatos foram se espalhando até que chegaram aos ouvidos de Lord Polidori, um senhor feudal ganancioso e sedento pelo poder.

- Então quando Lord Polidori soube que poderia existir uma fórmula que concedia a imortalidade...

- Ele a roubou. – John completou meu raciocínio e prosseguiu. – No entanto ele teve medo de tomar a fórmula e morrer, por isso obrigou meu pai, Flamel Vilanova a ingerir o líquido que o transformou num vampiro.

John falou o final da frase pesarosamente e seus olhos azuis como o céu se tornaram melancólicos.

- Eu lamento muito o que aconteceu ao seu pai, aliás o que aconteceu a toda a sua família.

- Eu também, e por alguns dias deixei a tristeza e apatia tomarem conta de mim, por isso logo após a transformação aceitei a ajuda de Valentina. Foi ela que saciou minha sede por semanas trazendo sangue animal para eu não sucumbir, no entanto não era o bastante para aplacar o fogo que me consumia, por isso numa noite eu fugi.

- Ela o mantinha preso?

- Não exatamente, até porque eu comecei a me recuperar a medida em que me alimentava, mas ainda assim, por precaução, Valentina me manteve trancado numa casa abandonada longe do vilarejo, contudo numa noite, todos os meus sentidos ficaram aguçados de uma maneira incrível. Eu passei a ouvir cada som da floresta, a enxergar cores que nunca tinha visto antes, através do tato eu era capaz de reconhecer qualquer textura nos mínimos detalhes. Meus músculos também se modificaram, ganharam tônus e eu adquiri força descomunal, assim como agilidade e coordenação motora, porém os aspectos mais importantes que me fizeram fugir naquela noite, foram o olfato e o paladar. Eu consegui sentir perfeitamente o cheiro de sangue humano como se alguém tivesse se ferido bem ao meu lado. Quando aquilo aconteceu eu não consegui me controlar, derrubei a porta de madeira

maciça e corri pela floresta na velocidade de um guepardo, percorrendo em poucos segundos uns dez quilômetros. Assim que cheguei ao local onde o cheiro de sangue estava mais forte eu vi um camponês, um velho que estava sozinho a poucos metros do vilarejo, e naquele instante não pensei em nada simplesmente saltei sobre o pobre homem e o matei, suguei todo o sangue do corpo dele como se estivesse bebendo água num dia quente de verão.

Engoli seco, afinal ouvir tal relato não era algo fácil de absorver, de qualquer modo tentei me manter impassível para não gerar desconforto, contudo John estava tão entregue as próprias lembranças que pareceu não se dar conta do meu esforço, porque prosseguiu.

- Bem, só depois do ataque, quando finalmente eu estava saciado eu vi o que tinha feito, vi também o que tinha me tornado, então em desespero e arrependido eu voltei para a casa onde Valentina me escondia e fiquei lá tentando esquecer o que fizera, porém o remorso me corroeu a noite toda e na manhã seguinte, quando Valentina foi me ver, eu contei o que fiz. Obviamente ela ficou assustada e também preocupada, mas mesmo assim ficou comigo e disse que iria me ajudar, que procuraria por um antídoto para reverter o mal que indiretamente provocara. Eu aceitei a ajuda e lutando com todas as minhas forças tentei me manter no esconderijo pelas semanas seguintes enquanto Valentina trabalhava numa nova fórmula. Evitava caçar animais ao máximo porque tinha receio que numa caçada sentisse cheiro de humanos e agisse como já tinha agido com o camponês, tive êxito por um tempo e isso me deixou menos infeliz, no entanto ainda pensava com frequência na minha família morta e sozinho sentia muito a falta deles, por isso acabava triste, mas ao mesmo tempo com ódio ao pensar no que Lord Polidori fizera. Foi então que a ideia de me vingar surgiu e eu imaginei maneiras de destruir o homem que acabou com minha família.

- Você foi atrás de Lord Polidori para se vingar?

- Sim, mas apenas depois de muito tempo, acho que um ano já tinha se passado quando eu decidi deixar Valentina para procurar Lord Polidori. Claro que a feiticeira tentou me impedir alegando que a vingança não traria minha família de volta, mas o fato é que eu não lhe dei ouvidos e logo depois que Valentina me trouxe a fórmula para controlar a sede por sangue humano eu fugi.

- Então Valentina realmente achou um antídoto?

- Não sei se antídoto é a descrição mais correta para a fórmula que Valentina desenvolveu, afinal ela não me curou do vampirismo, no entanto me possibilitou viver apenas com sangue animal sem sentir aquela fissura por sangue humano.

- Você ainda usa a fórmula?

- Não com a frequência com que usei no começo, mas ainda hoje preciso dela para controlar minha sede.

- E é você mesmo que prepara a fórmula?

John esboçou um sorriso ao responder.

- Sim, afinal eu não posso ir a uma farmácia de manipulação e pedir que façam uma fórmula para combater meu vampirismo.

Acabei rindo ao mesmo tempo em que falei:

- Ai, mas que pergunta mais idiota a minha, desculpe.

- Não precisa se desculpar anjo, afinal sua curiosidade é natural.

Senti meu rosto corar com o olhar doce de John, ele tocou minha pele suavemente e numa voz macia falou:

- É justamente por isso que preciso da fórmula, para manter um anjo como você a salvo de um demônio como eu.

- Você não é um demônio.

- Não, mas um vampiro cruel e vingativo sim, eu sou.

- Por que diz isso?

- Porque eu fui atrás de Lord Polidori para me vingar e com esse intuito matei inocentes, alguns guardiões do castelo, servos que tentaram bloquear minha chegada aos aposentos de Polidori e também a esposa e filha dele.

Dessa vez John suspirou e só depois prosseguiu.

- Não sinto orgulho do que fiz, de ter matado inocentes para vingar a morte da minha família, porém não posso dizer que me arrependi.

- Você diz isso porque conseguiu matar Lord Polidori?

- Não, infelizmente não consegui, porque o covarde fugiu ao saber da minha

chegada ao castelo e se escondeu tão bem que foi impossível rastreá-lo, mas a verdade é que procurei por ele anos a fio, porém depois de várias décadas desisti, afinal sendo humano ele teria morrido algum tempo depois.

Pensei no livro Anjo Noturno, no capítulo final quando Anne Lugosi descobre a verdade sobre o pai e por isso falei:

- John, no livro que conta a sua história Lord Polidori não morreu, na verdade se tornou um imortal.

- De que forma?

- Não sei, a maneira pela qual ele ganha a imortalidade não é descrita, a única coisa que é revelada na trama é que Lord Polidori assume outra identidade após se tornar imortal e passa a se chamar Edward Lugosi.

John deu de ombros antes de comentar.

- Bem, é apenas um livro, nada mais.

- Um livro que relata com precisão sua vida.

- Mesmo?

- Bem, algumas coisas.

- Como o que?

- A sua transformação, o ano em que ela ocorreu, os responsáveis direto e indireto por você se tornar um vampiro e a maneira como vive no mundo de hoje.

- Sério?! E como minha vida no mundo moderno é descrita? Como eu sou na trama?

- Não muito diferente do que é de verdade, porque no livro você é corajoso, nobre, inteligente, rico, bonito, e vive numa mansão em Beverley Hills.

John riu alto, realmente descontraído e só depois comentou.

- Beverley Hills?! O reduto das celebridades? Realmente o livro que você leu não passa de estória da carochinha. – John acenou negativamente ainda achando graça, mas ao prosseguir assumiu um tom mais austero. – Malu, eu nunca vivi lá, nem tão pouco numa mansão, ao contrário, ao longo dos séculos eu me mantive afastado das civilizações a maior parte do tempo, vivendo em florestas ou desertos.

- Por que?

- Por três razões. Uma delas era para manter vivas as pessoas ao meu redor, porque mesmo que eu tivesse a fórmula para aplacar minha sede por sangue humano nunca quis arriscar ficar tão perto deles. O outro motivo que me manteve longe foi a imensa vergonha que sempre senti de mim mesmo, e foi por isso que mudei meu sobrenome, porque eu não queria que o nome Vilanova fosse associado a seres maléficos; porém, a principal razão que me afastou do mundo foi a dor que senti alguns anos após a minha transformação.

- Sobre o que está falando?

John suspirou profundamente, porém me respondeu com outra pergunta.

- Você se lembra que hoje, no início da nossa conversa eu falei que morri duas vezes?

Acenei positivamente.

- Pois bem, a primeira vez que morri, foi quando me transformei em vampiro, já a segunda vez que senti a morte tocar meus ombros foi quando me apaixonei por uma humana.

John abaixou a cabeça e permaneceu assim por alguns instantes, calado, imóvel, como se não tivesse forças para nada. Me comovi com sua dor, porque era evidente que ele estava sofrendo e para confirmar minha suposição John voltou a me olhar de uma maneira que eu nunca tinha visto antes. Ele estava tão triste, tão sem vida, que era mesmo como se estivesse morto, não o morto vivo que era, mas morto na alma. Procurei por palavras para consolá-lo, no entanto ele falou:

- Eu me apaixonei por uma garota linda, o nome dela era Marie, Marie Stoker.

- Marie Stoker?! Ela tinha algum parentesco com Valentina?

- Sim, Marie era filha de Valentina, a garotinha que quase morreu quando tinha dois anos de idade e que foi a razão para a feiticeira iniciar a busca pelo elixir da vida eterna.

- Mas como...

- Como aconteceu? Bem, depois que eu abandonei Valentina para ir atrás de

Lord Polidori não ouvi falar dela, mas o fato é que após executar minha vingança eu sumi, ou melhor, eu me recolhi aos cantos mais escondidos da Terra, porém após algum tempo vivendo apenas entre os animais comecei a sentir falta do contato humano, não era sangue que eu desejava e sim companhia, por isso voltei para o vilarejo onde tinha crescido, com a esperança de encontrar um pouco de paz, no entanto o que achei lá foi muito melhor que isso, eu achei Marie. Uma jovem linda, de pele alva, cabelos castanhos que caíam em ondas sobre os ombros, olhos amendoados e um sorriso encantador. Fiquei fascinado, nunca eu tinha visto uma jovem tão bonita, mas ao mesmo tempo tive receio, afinal como poderia me aproximar dela se eu era um monstro? Então por semanas eu apenas fiquei observando aquela garota, conhecendo sua rotina, seus trejeitos, seu humor, sua voz, enfim, eu sabia tudo dela menos o nome, até que um dia o inacreditável aconteceu e a linda garota veio falar comigo. Perplexo com a situação agi como se fosse um idiota, as palavras fugiram da minha boca, eu não sabia onde colocar as mãos ou como devia me portar. A garota achou engraçada a minha falta de jeito, brincou comigo por isso, mas não pareceu se importar nem tão pouco demonstrou medo. Eu achava que ela sentiria medo de mim, mesmo sem saber o que eu era ela deveria sentir medo, afinal é um instinto natural, quando se está diante de uma situação perigosa o ser humano entra em estado de alerta, no entanto Marie não agiu assim, ao contrário, me deixou à vontade com seu jeito doce e divertido e aos poucos fomos nos conhecendo, falando sobre as coisas que gostávamos, sobre os sonhos que ela tinha para o futuro. Até o dia em que ela me falou sobre seus pais e eu descobri quem eles eram. Fiquei apreensivo, afinal quando Valentina soubesse da minha volta iria me repudiar, me impedir de cortejar sua filha, porém, eu estava mesmo apaixonado e por isso resolvi mudar, resolvi abandonar a vida selvagem para voltar a viver como um humano. Tentei trabalhar, não porque precisasse, mas sim porque eu queria ter uma vida normal, uma vida que pudesse compartilhar com Marie. Eu disse isso a ela, que queria toma-la como minha esposa e ela aceitou tão feliz e radiante que eu achei que nada no mundo poderia mudar isso.

John fez uma breve pausa, soltou um suspiro e só depois prosseguiu.

- O fato foi que isso nunca aconteceu, porque eu perdi Marie, minha doce e amada Marie.

Novamente John abaixou a cabeça prostrado e ficou assim entregue a própria dor, eu também fiquei triste, não apenas porque John estava mal, mas também por conhecer parte da história, no entanto, por mais que amasse o vampiro não senti ciúmes do seu primeiro amor, ao contrário, me solidarizei com sua perda. Segurei sua mão e disse:

- Eu sinto muito.

John levantou a cabeça, me encarou e eu tive certeza que se ele pudesse chorar, lágrimas estariam escorrendo pela sua face naquele instante. Talvez por isso eu tenha deslizado meus dedos pelo seu rosto, como se estivesse secando lágrimas inexistentes, até que meus dedos chegaram aos seus lábios e eu os contornei suavemente, John fechou os olhos, como se sentisse prazer nisso, pelo menos era o que eu estava sentindo, um prazer imenso e maravilhoso por sentir sua boca. Me aproximei mais de John e quase levei meus lábios até os dele, John pareceu se dar conta do meu movimento, abriu os olhos e sussurrou debilmente.

- Marie...

Não me importei que ele estivesse trocando meu nome, que suas memórias estivessem tão exacerbadas a ponto de deixa-lo confuso, apenas fechei os olhos e esperei ele me beijar.

- O que é isso?!

Abri os olhos ao ouvir a voz de Kelly ao mesmo tempo em que via John se levantar e estender a mão para minha madrastra.

- Olá, como vai? Meu nome é John Vilanova, é um prazer conhece-la.

Ainda atordoada pelo momento romântico interrompido, levei alguns instantes para perceber que também precisava falar, mas ao sentir o olhar da minha madrastra em mim, me levantei e disse:

- É o John, o meu amigo.

Kelly não comentou nada, no entanto seu rosto mostrou o quanto estava insatisfeita pela situação.

- John está aqui porque me acompanhou depois que saí da escola.

Kelly apenas assentiu de maneira nada amistosa e no mesmo tom avisou.

- Estou com uma enxaqueca horrível, vou para o meu quarto, com licença.

Minha madraستا saiu da sala sem se despedir de John, deixando claro o quanto estava insatisfeita com a situação, por isso me virei para ele e avisei.

- É melhor você ir, preciso conversar com Kelly.
- Tem certeza que quer fazer isso sozinha?
- Sim, tenho certeza.
- Está bem, mas quando achar que eu posso voltar me ligue nesse número.

John me entregou um papel com um endereço e número de telefone e eu não entendi nada.

- O que é isso?
- Meu endereço aqui no Rio, e o número do meu celular.
- Mas de que jeito...

John soltou uma risada descontraída antes de explicar.

- Você disse que eu precisava de um celular, então providenciei um e também um lugar para ficar.

Fiquei boquiaberta sem entender como ele tinha conseguido isso em tão pouco tempo, de qualquer modo não pude perguntar mais nada porque ele virou as costas e saiu pela porta da sala como se fosse um humano de verdade.

20 – Primeiro Amor

Não foi fácil sair da cama na quinta de manhã, porque tivera poucas horas de sono e a principal razão para isso foi a conversa com John.

Tudo o que ele me contou me deixou agitada e por muitas horas pensei em sua vida, sua longa existência como vampiro. Os anos que se exilou das pessoas, seu sofrimento e também seu primeiro amor. Ele não falou muito de Marie, mas o pouco que contou foi o bastante para perceber que ele nunca esqueceu aquela jovem que viveu há tanto tempo atrás. Eu deveria sentir ciúmes, era o esperado, mas eu não sentia isso ao pensar em John e na garota. Na verdade não sabia dizer o que sentia em relação a história, porque de algum modo eu me colocava no lugar da jovem, de um jeito estranho eu me identificava com ela, mesmo sem saber muito a seu respeito, sem ter como imaginar sua aparência, sua personalidade ou sua vida, eu sentia empatia por Marie. Talvez porque ela tenha se apaixonado por John, não sei, mas o fato é que fiquei curiosa para saber mais sobre aquele período da vida do vampiro.

- Preciso conversar com John sobre isso.

Falei em voz alta enquanto tirava a louça da mesa do café da manhã, mas escutei.

- O que você precisa conversar com aquele rapaz Malu?

Minha madrastra perguntou num tom nada simpático e pela sua expressão vi que o ressentimento dela pelo acontecimento da véspera ainda persistia.

- Oi Kelly, tudo bem?

Ela apenas acenou um sim, pegou uma xícara e se serviu de café.

- Então, vai me contar mais sobre o garoto ou vai continuar me escondendo as coisas?

- Eu não estou escondendo as coisas de você!

- Não está? E sobre ontem, o que tem a dizer? Vai repetir o mesmo discurso, que o rapaz foi até o colégio e que por isso veio para cá com você?

- Kelly, foi exatamente isso o que aconteceu, eu já te falei, ou pelo menos tentei, porque na verdade você não quis conversar.

- Você está me recriminando? Justo eu que sempre tentei ser sua amiga?

- Não, não é isso, mas você...

- Escuta Malu, eu sei muito bem que não sou sua mãe e que daqui um ano você será maior de idade, também tenho consciência que essa casa é sua, afinal me casei com seu pai com separação de bens, portanto esse imóvel pertence apenas a você, eu não tenho direito a ele, no entanto, se não fui embora após a morte de Douglas foi porque fiquei com pena de deixar você sozinha, afinal eu sei bem o que é perder os pais ainda tão jovem porque eu também vivi isso quando meus pais morreram. Eu tinha apenas vinte anos quando eles sofreram um acidente horrível que tirou a vida de ambos, eu sofri muito, mas fui obrigada a seguir em frente, comecei a trabalhar quando ainda fazia faculdade e se não fosse a ajuda de tia Lourdes talvez eu nem tivesse me formado, contudo eu consegui. Terminei a graduação, arranjei emprego num bom hospital e durante anos me sustentei sozinha, até o dia em que conheci seu pai, um homem maravilhoso que foi excelente comigo. Confesso que fiquei apreensiva quando Douglas me falou sobre você, afinal como seria me relacionar com um homem que era pai de uma menina que ainda não tinha completado quinze anos? Fiquei apavorada no dia em que fui te conhecer, porque pensava que se você não gostasse de mim eu não teria a menor chance de continuar namorando seu pai e eu já gostava muito dele mesmo estando juntos há poucos meses, mas para a minha sorte você foi um doce de menina, me tratou com respeito e carinho e eu fiquei encantada com seu jeito, por isso não tive receio de casar com seu pai, porque nós duas nos dávamos bem e mesmo depois da morte dele continuamos unidas, nos apoiando mutuamente, uma dando força a outra para superar aquela fatalidade, no entanto agora estou muito triste e sabe por que?

Não respondi, e me esforcei para não torcer o nariz contrariada, porém ouvi.

- Eu estou triste Malu, porque estou vendo que você não confia mais em mim, talvez até nem me considere sua amiga, afinal esconde as coisas sobre esse rapaz, traz ele para cá sem antes me comunicar mesmo depois de termos conversado sobre isso, mas apesar da sua falta de consideração eu continuo gostando de você, continuo me importando com a sua vida, com seu futuro, portanto é por isso que eu te dou um único conselho, tenha cuidado! Você acabou de conhecer um rapaz através da internet, não sabe praticamente nada

a respeito da vida dele, não conhece família, amigos, e por tudo isso deve ficar atenta, você é inteligente e esperta, mas tem apenas dezessete anos, portanto seja cautelosa para o seu próprio bem!

- Kelly...

Foi a única coisa que consegui dizer antes dela virar as costas e sair da cozinha, pensei em ir atrás para prosseguir com a conversa, mas ao ver a hora achei melhor deixar para mais tarde, quando voltasse do colégio, afinal não seria uma conversa fácil, Kelly continuava ressentida, por isso me limitei a pegar minhas coisas e sair de casa.

A manhã na escola foi relativamente tranquila, levando em conta os últimos dias lá, porém os olhares maldosos e debochados continuavam sendo dirigidos a mim me obrigando a ser forte para seguir em frente e de algum modo consegui, mas o que me ajudou mesmo foi ver John me esperando na saída do colégio ao meio dia. Esbocei um sorriso ao vê-lo com as mãos nos bolsos da calça fazendo charme, ele me olhava de maneira envolvente, um misto de sedução e diversão me deixando sem ar. Suspirei, ele estava lindo! Seus cabelos negros brilhando, sua pele alva em contraste com o intenso azul dos olhos e um sorriso encantador. Me concentrei para não tropeçar, afinal não seria difícil perder o equilíbrio quando um cara tão lindo e carismático me encarava daquele jeito, mas por sorte consegui chegar até ele sem cometer nenhuma gafe.

- Oi.

- Oi anjo, como você está?

- Bem, e você?

- Com saudades, mas agora que está aqui, me sinto melhor.

Esbocei um sorriso com seu comentário, mas não disse mais nada.

- Podemos ir?

John perguntou enquanto estendia o braço para segurar minha mão. Entrelaçamos os dedos ao mesmo tempo em que Liana, uma garota da minha sala passava por nós de boca aberta, tentei inibir meu sorriso de satisfação,

mas não consegui.

- Por que está sorrindo? – John indagou de maneira simpática.

- Porque uma menina da minha turma nos viu juntos e ficou de queixo caído, achei graça.

- Mesmo? Não reparei; mas também como poderia notar outra garota se tenho você comigo? Todos os meus sentidos e atenção estão voltados exclusivamente para você.

Senti meu rosto esquentar, não queria isso, ficar corada diante dos elogios de um cara, mas sendo esse cara John Stoker achei difícil ficar imune, afinal ele era demais!

- Então, me conte como foi a conversa com sua madrasta.

John interrompeu meus pensamentos me tirando do estado de euforia para me fazer encarar a realidade.

- Difícil! Ontem Kelly nem sequer quis conversar, passou o tempo todo no quarto, não desceu para jantar e quando fui procura-la disse que estava com dor de cabeça, mas hoje de manhã fez um pequeno sermão porque nos flagrou juntos.

- Então ela permanece aborrecida?

- Bastante e isso também me deixa chateada, afinal eu gosto muito dela e não queria que Kelly ficasse ressentida comigo.

- Mas por que exatamente ela está tão ressentida?

- Porque ela acha que eu estou escondendo coisas e também porque está preocupada comigo, afinal eu nunca me envolvi com ninguém e até poucos dias atrás não falava sobre nenhum menino, mas de repente ela fica sabendo de você, vê o jeito que eu estou por sua causa, além do mais o fato de ter dito a ela que nos conhecemos pela internet deixa Kelly apreensiva, sem contar que você é estrangeiro, teoricamente vive em outro país, portanto a história que contei sobre você e sua vida na Inglaterra pode ser apenas uma mentira.

- Bem, por tudo que falou é totalmente pertinente o ressentimento de Kelly, portanto acho que devo conversar com ela, mostrar que estou mesmo apaixonado por você.

- Você faria isso?

- Sem dúvida, por que?

- Não sei, afinal nossa relação é complicada.

- Você diz isso por eu ser o que sou?

- Sim, afinal como isso pode dar certo? Quer dizer, como podemos ficar juntos?

- Podemos ficar juntos porque estamos apaixonados um pelo outro, ou você não está?

John parou ao me fazer a pergunta e me olhou nos olhos, demonstrando receio, acabei sorrindo e confessei.

- Claro que estou! Eu já era apaixonada por você quando você era apenas um personagem de livro, mas agora que está aqui de verdade, sou a garota mais feliz do mundo.

- De verdade?

- De verdade.

John sorriu confiante e depois disse:

- Então sendo assim o que preciso fazer é ter uma conversa com sua madrastra, mostrar a ela que sou confiável apesar de ser o que sou, portanto você tem que marcar um encontro, saber qual o melhor momento para isso.

- Está bem, vou ver quando vocês podem se encontrar, aí te aviso.

- Excelente, então agora que isso está resolvido, o que você quer fazer?

Não precisei pensar muito, afinal eu sabia muito bem o que queria.

- Quero conhecer a sua casa, é claro!

John sorriu antes de comentar.

- Era justamente isso o que ia propor.

John se instalou no bairro de Laranjeiras numa charmosa casa térrea com venezianas de madeira e paredes brancas. Não haviam muitos móveis, na cozinha apenas uma pequena mesa com duas cadeiras, forno micro-ondas e geladeira, na sala um sofá, TV e um aparelho de blue-ray e no quarto uma

cama e uma arara com algumas peças penduras. Dei uma olhada no guarda-roupas improvisado de John e comentei.

- São poucas peças, se vai viver como um humano vai precisar de mais roupas.

- Tudo bem, posso comprar depois, quando você puder me acompanhar e me ajudar a escolher, mas por hora é o bastante, afinal tive pouco tempo para providenciar as coisas.

- Por falar nisso, estou curiosa, afinal como arranjou uma casa com móveis em tão pouco tempo? Porque quando me contou que não tinha nem celular e depois do que falou sobre seu passado achei que você não tivesse nada.

- Realmente eu não tinha. – John se calou, torceu o nariz contrariado, mas depois prosseguiu. – Bem, sei que o que vou contar não será visto com bons olhos por você, mas por favor entenda, era o único jeito de conseguir as coisas.

Fiquei apreensiva, afinal era evidente que John tinha feito algo errado, mas esperei ele contar.

- Eu roubei um banco.

- Você fez o que?! – Berrei estarecida e apavorada por imaginar como as coisas tinham acontecido.

- Calma Malu, não fique histérica! Sei que foi errado o que fiz, mas era a única forma de conseguir dinheiro para alugar uma casa e comprar móveis e roupas, afinal se vou viver como humano preciso disso.

- Sim, você precisa, mas isso não significa que tem que roubar para conseguir dinheiro, você pode trabalhar como qualquer pessoa faz!

- Sem documentos, sem um endereço fixo, filiação, ninguém me daria um emprego sem essas coisas. Vocês humanos precisam de muito para viver.

Balancei a cabeça descrente e por fim falei:

- Ok, concordo que precisamos de muitas coisas, mas isso não te dá o direito de agir desonestamente.

- Malu, eu compreendo a sua reprovação e confesso que não me orgulho do que fiz, no entanto eu já te contei coisas muito piores, falei que matei inocentes para saciar minha sede e também para me vingar, por isso me

admiro por você ficar tão indignada por eu ter roubado um banco, afinal o assalto aconteceu à noite e não teve vítimas, portanto ao meu ver é muito menos grave do que fiz no passado.

Pensei nas palavras de John e embora não quisesse admitir ele estava certo, afinal era muito pior matar que roubar, mas ainda assim eu falei:

- Sim, em parte você tem razão, mas o fato é que as pessoas que você matou foram vítimas indiretas de uma situação que saiu do controle, afinal você não se tornou um vampiro porque quis, mas sim porque foi vítima do seu pai, que por sua vez também foi vítima de um homem cruel e ganancioso, portanto eu consigo entender que naquele momento foi difícil para você abrandar seus sentimentos de ódio e ressentimento e até mesmo controlar sua sede, algo que você não estava preparado para enfrentar, mas agora não, agora você precisa fazer as coisas do jeito normal, como os humanos fazem. Você não quer isso?

- Quero apenas para poder ficar com você, afinal não posso leva-la para viver em lugares inóspitos, longe da civilização, longe das coisas que você conhece, porque sei que isso não a deixaria feliz e tudo o que quero é que seja feliz sempre, mas sei que errei e prometo que não vou mais fazer isso.

John abaixou a cabeça envergonhado, senti pena, afinal para um vampiro que passou séculos vivendo de maneira selvagem ele tinha se esforçado para conseguir agir como humano, claro que um humano com moral questionável, mas ainda assim estava arrependido e jurava que não ia mais agir desonestamente.

- Tudo bem John, eu entendo o que disse e a razão para ter feito o que fez, além do mais não posso condená-lo, eu não tenho esse direito; afinal, depois de tudo o que me contou, como as coisas poderiam ser diferentes?

- Você está muito decepcionada comigo? – Ele perguntou melancolicamente enquanto me olhava, passei a mão sobre seu rosto e respondi.

- Não, não estou, ao contrário, tenho orgulho de você ter sobrevivido ao longo de tanto tempo sozinho, num exílio auto imposto, tudo porque queria poupar a raça humana, não queria matar ou transformar inocentes em vampiros também. Você pode ter cedido ao ódio uma vez, ou a sede em alguns momentos de descontrole, mas depois tentou se regenerar e como não podia mudar o que era tentou se adaptar a sua triste realidade da melhor

forma que conseguiu, portanto isso só me mostra o quanto você é nobre.

John esboçou um sorriso, segurou minha mão, a acariciou e disse:

- E você é boa, tão boa quanto Marie.

Deveria me sentir incomodada, afinal conversar com John sobre sua antiga paixão não era algo confortável, no entanto a curiosidade sobre a jovem voltou a me dominar e eu pedi.

- Me fale mais sobre ela.

John soltou minha mão, se afastou e de costas para mim disse:

- Não há muito o que falar sobre Marie, porque infelizmente ela partiu cedo.

- Ela foi embora?

John se virou para mim e com olhos tristes respondeu.

- Não, ela não foi embora, na verdade Marie faleceu pouco tempo depois que a pedi em casamento.

- Ah...eu sinto muito.

- Eu também senti, foi terrível quando fui encontra-la e no lugar que havíamos combinado de nos ver estava a mãe dela.

- Valentina foi ao seu encontro? Como?

- Ela soube que eu e Marie nos encontrávamos escondidos, confessou isso quando eu a vi. Disse que dias antes tinha me visto com a filha e que a partir de então começou a seguir a Marie, até que ouviu a conversa que tivéramos na qual havíamos combinado de nos encontrar para irmos juntos ver seus pais e contar-lhes que queríamos nos casar.

- Mas se Valentina sabia que vocês pretendiam se casar, por que Marie não foi com ela ao seu encontro?

- Porque minha doce e amada Marie estava morta.

- Morta?! Mas como? O que aconteceu?

- Uma tragédia, Marie tinha ido pela manhã até o vilarejo vizinho onde morava, o local não era tão distante, no entanto o caminho era perigoso e por isso Marie foi acompanhada pelo pai, contudo a presença do homem não foi o bastante para evitar que bandidos os abordassem e os matassem após

roubarem o pouco dinheiro e mantimentos que levavam consigo, por isso ambos morreram, pai e filha foram mortos brutalmente por homens cruéis.

Achei a história estranha e por isso perguntei.

- Mas não lhe pareceu esquisito que justamente quando Marie e você iriam anunciar o casamento ela tenha morrido? Quer dizer, você mesmo falou que ficou receoso quando soube quem eram os pais de Marie, teve medo que Valentina impedisse a união de vocês, portanto não seria possível a feiticeira estar mentindo, para afastar você da filha?

- Sim, seria, e é claro que eu disse isso a ela, afirmei que tudo não passava de uma farsa, no entanto a mulher chorou, fez um escândalo e falou que se eu duvidava dela poderia ver com meus próprios olhos o corpo da filha, eu não acreditei obviamente, afinal como poderia suportar que tal tragédia fosse verdade, contudo aceitei acompanhar Valentina e até o último instante eu quis estar certo, porém ao chegar no local do assalto eu vi dois corpos, o de um homem e o da minha doce Marie.

John sentou-se na cama cabisbaixo e ficou calado. Me sentei ao lado dele e segurei sua mão.

- Eu lamento, de verdade.

- Sabe o que é o pior?

- O que?

- Mesmo vendo o corpo de Marie eu não consegui aceitar sua morte e por semanas eu achei que minha amada voltaria, cheguei mesmo a pensar que Valentina estivesse me enganando, que de alguma forma ela tinha conseguido me ludibriar, e por isso eu fiquei semanas à espreita, sempre observando a feiticeira, analisando sua rotina. Nos primeiros dias Valentina não saiu de casa, mesmo assim na calada da noite eu invadia o lugar e olhava tudo, qualquer coisa que pudesse me dar uma pista, algo que me mostrasse que a mulher estava mentindo, contudo não achei nada. Algum tempo depois Valentina começou a sair, cuidar da horta, levar os alimentos que produzia para vender no centro do vilarejo, enfim, ela seguiu em frente e por quase um ano eu acompanhei seus passos, mas depois de tanto tempo presenciando a mesma rotina fui obrigado a encarar a triste realidade, a feiticeira não havia mentido, sua filha estava mesmo morta. Então depois disso eu parti,

abandonei o vilarejo, cruzei o oceano e fui parar na América do Norte e desde então vivo sem rumo indo de um lugar ao outro, tentando sobreviver mesmo que esteja morto.

John terminou a frase melancolicamente e permaneceu calado, provavelmente com as lembranças de sua amada muito vivas dentro do seu peito, acariciei seus cabelos e disse:

- Sei que não posso ficar no lugar de Marie, de um amor tão verdadeiro e profundo como o que existiu entre vocês, mas lhe garanto que posso ama-lo também de maneira sincera e incondicional.

John me olhou, passou a mão pelo meu rosto e encostando sua testa na minha falou:

- Obrigado anjo, ouvir isso conforta meu coração.

21 – Namoro

Passei o resto da tarde na casa de John, que fez questão de providenciar um almoço para mim. Como ele não sabia cozinhar, mas pretendia me receber com frequência, foi ao mercado na véspera para abastecer a geladeira, comprou comida congelada, frutas, pães, sucos, enfim, um pouco de tudo e me deixou a vontade para usar sua cozinha para eu me alimentar. Quando eu estava comendo uma porção de *penne ao molho pesto* e John estava sentado em frente a mim, eu entendi a razão para ele ter providenciado os móveis e eletrodomésticos e bem humorada comentei.

- Então foi por minha causa que arrumou tudo aqui? Comprou móveis, geladeira e micro-ondas?

- Sim, afinal se você é minha namorada e vai vir para cá com frequência, vai precisar dessas coisas humanas para se sentir confortável, sofá para descansar, TV para se distrair, geladeira para armazenar os alimentos e o forno para aquece-los.

Sorri, por causa do cuidado de John, mas principalmente por ouvi-lo dizer que eu era sua namorada.

- Por que está sorrindo?

- Pelo que falou, por afirmar que sou sua namorada.

- Me precipitei? Você não quer ser minha namorada? – A pergunta saiu ansiosa e para acalmá-lo segurei sua mão e respondi.

- Claro que eu quero, achei que isso já estivesse evidente, ainda assim achei fofo o modo como falou e sua preocupação em providenciar tudo isso, no entanto tenho algumas dúvidas.

- Quais?

Senti meu rosto esquentar com os pensamentos que passavam na minha mente.

- O que foi Malu? Por que ficou vermelha? Está envergonhada?

- Um pouco.

- Por que?

- Bem, se somos namorados, então isso significa que além de conversarmos, passarmos um tempo juntos, também vamos... bem, você sabe...

John arregalou os olhos, mas logo abaixou a cabeça, pigarreou e por fim disse:

- Já terminou? Posso tirar o prato?

Ele perguntou ao mesmo tempo em que se levantava e tirava meu prato sem esperar pela minha resposta, foi até a pia, ficou de costas para mim e isso me fez rir.

- Acho que agora quem está com vergonha é você.

John não disse nada, apenas começou a lavar a louça, ou pelo menos tentou, porque quando abriu a torneira saiu tanta água que ele se molhou.

- Droga! Que falta de jeito!

Ele resmungou e eu ri novamente.

- Deixe que eu faço isso, afinal tenho certeza que lavar a louça não foi uma das tarefas as quais tenha se dedicado ao longo do tempo.

- Realmente não foi.

Eu me aproximei, levei minha mão até a dele e delicadamente peguei o prato, porém ao fazer isso nossos braços e quadris se tocaram, nos olhamos por breves segundos, mas foi o bastante para eu sentir um arrepio por todo meu corpo. John se afastou, foi para a porta da cozinha e ficou imóvel. Eu ri mais uma vez.

- O que foi? Por que está rindo agora?

- Porque a situação é engraçada, afinal nenhum de nós dois está sabendo como agir.

- O que quer dizer com isso?

- John...você sabe muito bem o que estou dizendo, não se faça de desentendido, até porque te fiz uma pergunta e ainda não tive resposta.

Parei de lavar a louça e me apoiei na pia esperando John se pronunciar, no entanto ele abaixou a cabeça, olhou de lado, passou a mão pelos cabelos, enfim, fez tudo menos me olhar e falar comigo.

- Então, não vai responder a minha pergunta?

- Malu...

- Sim.

- Bom, eu... quer dizer nós...bem... você sabe... nós dois juntos... – Novamente ele parou de falar, abaixou os olhos e ficou calado. Achei sua timidez muito charmosa e tentando conduzir as coisas de maneira leve eu disse:

- Posso te fazer uma pergunta?

Ele me olhou e acenou positivamente.

- Quando você era humano, nunca teve uma namorada?

Mais uma vez ele abaixou a cabeça ao mesmo tempo em que acenava negativamente e estava muito claro o quanto sentia vergonha disso, para deixa-lo confortável eu confessei.

- Então temos algo em comum, porque eu também nunca namorei.

- Não?!

- Não.

- Por que? Você é tão linda! Muitos rapazes já devem ter se aproximado com a intenção de cortejá-la.

Esbocei um sorriso, afinal em alguns momentos John falava como se estivéssemos em outro século, de qualquer modo era uma graça isso, esse pudor exacerbado, a timidez perante assuntos amorosos.

- Novamente você está com ar de diversão, está achando graça de mim? Está debochando? - Ele perguntou ressentido.

- Não! De forma alguma! Ao contrário, estou adorando o seu jeito, afinal é tão linda sua timidez, tão envolvente e cativante.

Dei alguns passos me aproximando de John, testando seus limites, afinal não podia me atirar em seus braços, ele definitivamente não estava pronto para isso, apesar de eu estar louca para segurar suas mãos, colar meu corpo junto ao dele, levar minha boca aos seus lábios. Encarei John nos olhos e andei mais um pouco, a distância entre nós ficando cada vez menor.

- Muito bem, você não teve uma namorada quando era humano, mas depois conheceu Marie e se apaixonou por ela, por isso estou curiosa, como era o

relacionamento de vocês? Quer dizer, como os namorados eram naquela época?

- Bem diferente do que é hoje em dia, aliás os jovens não ficavam sozinhos como estamos agora.

- Mas você e Marie ficavam.

- Sim.

- E o que faziam? Conversavam, andavam pelos campos, o que exatamente faziam?

- O que você acabou de dizer, conversávamos e eventualmente andávamos pelos bosques.

- Entendo, mas durante esses passeios vocês ficavam de mãos dadas?

Me aproximei mais um pouco e lentamente levei minha mão aos dedos de John, os toquei com cuidado ao mesmo tempo em que observava seu rosto. John também me encarou, sustentou meu olhar e de repente veio para cima de mim, sua boca tocou a minha e sua língua me invadiu, ao mesmo tempo ele me abraçou com força, retribui seu toque sentindo uma sensação maravilhosa se espalhar sobre a minha pele, John agarrou meus cabelos e sussurrou em meu ouvido.

- Ah Malu, você é tão linda!

Seus lábios deslizaram pelo meu pescoço me deixando tonta, arfei, ao mesmo tempo em que um suspiro de prazer escapava dos meus lábios.

- Ahhh...

- Chega!

Abri os olhos quando me dei conta que não estava mais nos braços de John, ele estava no outro canto da cozinha e nem sequer percebi sua movimentação para se afastar de mim.

- Está na hora de você ir Malu!

- O que?!

- Kelly deve estar preocupada com você, vou leva-la.

- Mas...

- Sem mas, está tarde, você precisa ir e eu preciso caçar.
- Como?!
- Foi o que ouviu, eu preciso saciar a minha sede, por isso preciso caçar.
- Está bem então.

Comentei frustrada, afinal não queria ir embora, não depois daquele beijo, queria sim ficar com John, continuar em seus braços, ir para seu quarto...

Suspirei, talvez fosse mais adequado ir embora mesmo.

- Não precisa me acompanhar, eu posso ir sozinha.
- Não, não é certo deixa-la ir sozinha, além do mais também quero ficar mais tempo com você.
- Então se é assim, eu poderia ficar mais um pouquinho, não está tarde.

Dei de ombros enquanto caminhava na direção de John, ele não esperou eu me aproximar e foi em direção a sala tão rápido que eu só escutei sua voz me chamar ao longe.

- Vamos Malu, sua mochila já está comigo.

Torci o nariz contrariada e sem ter o que fazer caminhei em direção a sala.

22 – Estranhos Acontecimentos

Como havia dito John me acompanhou até a minha casa, porém, durante o trajeto não conversamos mais sobre nosso namoro, contudo eu sabia que em algum momento teríamos que falar a respeito, afinal não éramos um casal comum e alguns aspectos práticos passavam pela minha mente, de qualquer modo não era a hora de abordá-los e quando John parou em frente a minha casa me limitei a dizer.

- Chegamos, quer entrar?

- Não, afinal Kelly ainda está brava com você, por isso prefiro voltar a vê-la quando ela estiver disposta a isso.

- Está bem, mas de qualquer forma vou falar com ela, contar que você quer conversar.

- Ok, fico aguardando você me dizer quando será o encontro, até lá basta me telefonar quando quiser que eu venha para cá.

- Sendo assim, pode ficar com o celular sempre em mãos, porque vou ligar a todo momento.

John riu.

- Humana afoita! Preciso ter cuidado com você!

Dessa vez quem riu fui eu.

- Nunca imaginei ouvir isso de um vampiro.

- Para ver como as fêmeas são perigosas, com seu comportamento doce e delicado são capazes de subjugar os machos facilmente.

Novamente eu sorri, porém não fiz nenhum comentário porque John falou:

- Preciso ir anjo, nos vemos amanhã, na saída do colégio.

Eu assenti ao mesmo tempo em que esperava John me beijar, no entanto ele apenas tocou de leve meu rosto e partiu. Suspirei lamentando, afinal ao que tudo indicava meu namoro seria um tanto atípico, e foi pensando nisso que passei pela porta da sala. Kelly estava sentada com a TV ligada, passava uma comédia, eu já tinha assistido o filme, era muito engraçado, no entanto o olhar taciturno da minha madrastra me mostrava que ela não estava curtindo o

programa e eu sabia exatamente o motivo, por isso tentei retomar nossa conversa dizendo.

- Kelly, eu queria pedir desculpas.

Ela não me olhou, continuou com os olhos fixos na TV.

- Sei que andei pisando na bola, ontem de manhã fui grossa quando você me deixou no colégio, depois a tarde para piorar você viu o John aqui, portanto me desculpe, eu errei.

- Você vai se desculpar também por ter faltado a consulta com a Roberta?

Arregalei os olhos ao me lembrar que hoje tinha sessão agendada e tentando consertar as coisas eu falei:

- Kelly, eu esqueci, juro que não me lembrei nem por um instante da consulta, senão eu teria ido.

- Mesmo Malu? Pois eu não acho que você se esqueceu, na minha opinião você faltou apenas para ficar com aquele garoto, e não venha mentir para mim dizendo que não passou a tarde com ele, porque vi vocês dois juntos agora mesmo.

- Kelly...

- Não, você não vai falar, quem tem algumas coisas para dizer sou eu, portanto vamos lá: eu estou fazendo um esforço enorme para pagar as sessões de psicologia, e só tive condições de arcar com o tratamento porque a Roberta é minha colega no hospital e foi camarada comigo, fez um preço especial por um número fixo de sessões, portanto eu esperava que você fosse responsável e comparecesse a um atendimento agendado, no entanto você não apareceu, nem sequer avisou que não ia e eu só soube do fato porque a Roberta me ligou perguntando se você estava bem. Fiquei apreensiva, afinal poderia ter acontecido alguma coisa com você, por isso liguei no seu celular várias vezes, mas você não atendeu uma única vez, me senti ainda mais ansiosa, porque não moramos numa cidade tranquila, infelizmente a violência é uma constante, por isso peguei o carro e fui até o colégio, para ver se você estava lá, se estava na biblioteca estudando, mas é óbvio que não a encontrei, falei com a diretora que também não fazia ideia de onde você tinha ido, no entanto me garantiu que se tivesse qualquer notícia me avisaria, afinal ela viu o quanto eu estava apreensiva, por isso fez questão de me acompanhar até a

saída, mas enquanto nos despedíamos uma colega sua me ouviu falar sobre seu sumiço e disse que tinha a visto quando estava na porta do colégio, e qual foi a minha surpresa? A garota me contou que você saiu acompanhada por um rapaz alto, de cabelos pretos e olhos azuis e então eu fiquei com cara de idiota diante da sua colega e da diretora da escola, porque minha enteada de dezessete anos que sempre foi responsável está agindo como qualquer adolescente idiota age quando está apaixonada, portanto só posso te dar os parabéns por ter conseguido fazer uma merda atrás da outra em tão pouco tempo!

Kelly se levantou abruptamente do sofá, deu alguns passos, mas parou.

- Ah, só mais uma coisa, se você não quiser prosseguir com a terapia por gentileza me informe para eu cancelar as sessões e usar o dinheiro para outros fins.

Então virou as costas e foi em direção a escada, subiu pisando duro e eu me senti um lixo, afinal tinha feito merda mesmo, não podia negar. Aborrecida, tirei o celular da mochila e constatei que ele estava sem bateria.

- Que bom! - Resmunguei sarcasticamente, afinal era tudo o que eu precisava para complicar ainda mais minha situação com Kelly.

Na manhã seguinte não vi minha madrasta, ela saiu antes de mim sem se despedir, deixando claro o quanto ainda estava aborrecida. Lamentei, afinal eu gostava de Kelly, de verdade, ela sempre foi legal comigo, uma boa amiga com a qual eu podia contar, mas por conta dos últimos acontecimentos eu estava magoando a única pessoa próxima a mim.

- Preciso dar um jeito de resolver a situação, não quero ficar brigada com Kelly.

Comentei enquanto saía de casa para ir ao colégio, mas ao me aproximar do ponto de ônibus corri, porque o circular que me levaria a escola estava chegando, por sorte consegui pegar a condução e admirada que estivesse vazia pude me sentar. Soltei o ar e me ajeitei no banco, cheguei até a fechar os olhos para descansar um pouco, mas ao fazer isso me lembrei de John e sua história. Então abri os olhos e minha mochila, e tirei o exemplar A Fuga,

o segundo volume da série Lendas, mas antes de iniciar a leitura imaginei como seria ler o livro, afinal agora sabia que John existia e embora parte da trama escrita por Bela Ruthven não tivesse nada a ver com a história do vampiro, ler o que a autora imaginou seria no mínimo interessante.

Abri o exemplar na página onde tinha parado e comecei a ler. Estava no capítulo em que Anne, namorada de John, descobre mais a respeito do pai Edward Lugosi e aflita por saber que o homem que a criou é mau, a jovem vive um impasse, afinal ela já sabe que seu pai é na verdade Lord Polidori, o inimigo mortal de John Stoker, no entanto ainda não decidiu o que fazer a esse respeito. Anne sabe que o correto é contar a verdade a John, contudo por mais que o ame, ela também está ciente que ao revelar o fato o vampiro irá se vingar de Polidori, porque John jurou a Anne que faria isso, que quando reencontrasse seu inimigo iria acabar com ele, por isso Anne está tão indecisa sobre como deve agir, porque mesmo que saiba que seu pai é mau, ela o ama também e por isso está vivendo um impasse.

- Como assim? Ela tem mais é que contar a verdade ao John.

Resmunguei em voz alta, mas tentei inibir a mania que eu tinha de ficar comentando sozinha os livros que lia para não parecer maluca, afinal uma senhora sentou-se ao meu lado e ao me ouvir me olhou um tanto resabiada. Dei um sorriso sem graça a mulher, pensei em fazer qualquer comentário para mostrar que eu não era louca, mas desisti porque a senhora virou o rosto. Então voltei a atenção ao livro e virei a página, contudo levei um susto quando vi as duas folhas seguintes com defeito de impressão, a página 70, estava quase que inteira, só o último parágrafo estava parcialmente apagado, mas a página 71 tinha mais da metade apagada e o que restava na parte de cima estava todo borrado. Franzi o cenho estranhando tal defeito, afinal já tinha comprado livros da editora e nunca tinha tido nenhum problema, ainda assim resolvi ver as folhas seguintes e para o meu espanto todas estavam em branco, sem absolutamente nenhuma palavra impressa.

- Mas não é possível!

Comentei em voz alta, dessa vez sem me importar em parecer maluca e voltei a olhar o livro desde o início constatando que os primeiros capítulos estavam lá, passei os olhos rapidamente pelas páginas já lidas até chegar ao capítulo que acabara de ler, mas ao virar novamente para a página 70 mais

um parágrafo estava borrado.

- Mas que tipo de defeito é esse?

- Está falando comigo, meu bem?

A senhora sentada ao meu lado me questionou e atordoada respondi.

- Não, na verdade estava falando sozinha, porque constatei agora que o livro que estou lendo veio com defeito, está praticamente todo em branco. Olhe!

Mostrei o exemplar a mulher, que comentou.

- Nossa, é verdade! Você não viu isso quando foi comprar?

- Não, porque ganhei o livro de presente da minha madrastra, mas ele não estava assim, eu o folhei inteiro quando ela me deu, e posso jurar que estava todo escrito.

- Bem, com certeza você se enganou, de qualquer modo tem que ir à livraria e trocar, afinal não pode ficar com um livro com defeito.

A mulher comentou antes de dizer que precisava ir, se despediu me desejando um bom dia, contudo após o que acontecera tive dúvidas se o dia seria mesmo bom.

Devido as aulas não tive tempo de pensar no defeito do exemplar A Fuga, porém quando estava saindo da escola voltei a pensar no estranho acontecimento, afinal eu tinha absoluta certeza que o livro não viera assim, mas como num passe de mágica as páginas ficaram em branco. Pensei em parar e olhar novamente o livro, no entanto vi John do outro lado da rua e sorri. Ele esboçou um sorriso, contudo sua expressão não estava leve e eu podia jurar que algum problema tinha acontecido.

- Oi.

- Oi anjo, como foi sua manhã?

- Relativamente tranquila, e a sua?

- Não muito.

- Por que? O que houve?

- Minha casa foi invadida.

- O que?! Como assim?

- Eu não passei a noite em casa, ontem depois que a deixei eu fui caçar, saí do Rio, fui para o Pantanal, mas quando retornei hoje de manhã, vi que tinham invadido minha casa.

- E levaram muita coisa?

- Não, levaram apenas o resto do dinheiro que eu roubei do banco e a fórmula para reduzir meu desejo por sangue humano.

- Levaram a fórmula?! Como assim?

- Na noite de quarta para quinta-feira eu saí do Rio, mas para ir a floresta amazônica porque lá existem todos os elementos que preciso para elaborar a fórmula e como estou passando mais tempo com você achei melhor me precaver e preparar uma boa quantidade dela, por isso tinha três frascos grandes do composto, mas hoje de manhã quando voltei a minha casa, todos eles tinham sumido.

- Nossa, que coisa mais esquisita! Você tem ideia de quem poderia fazer isso?

- Não, porque não acredito que hoje em dia ainda existam caçadores de vampiros.

- Existem caçadores de vampiros?!

- Já existiram alguns, ao longo dos séculos eu me deparei com seres humanos que tentaram me destruir, no entanto sempre consegui escapar.

- Puxa, nunca imaginei que pessoas comuns sairiam a caça de vampiros!

- Alguns anos depois da minha transformação e principalmente após eu atacar o castelo de Lord Polidori, surgiram boatos sobre um demônio bebedor de sangue e por isso o pânico na Europa se espalhou; contudo, na mesma proporção que as pessoas estavam com medo, haviam aquelas que queriam destruir o ser maléfico e dessa forma alguns humanos tentaram me caçar e destruir. Claro que nenhum deles estava a altura de me enfrentar, mesmo assim para evitar matar tais seres eu sempre fugia e por isso ficava longe das civilizações, no entanto, por mais cauteloso que eu fosse para caçar animais, algumas vezes fui flagrado enquanto saciava minha sede e aí você pode

imaginar como a pessoa ficava ao ver um jovem sugando o pescoço de um tigre, ou de um urso, por isso eu estava sempre me mudando. Assim passei por todos os continentes, conheci quase todas as culturas e povos da Terra, aprendi inúmeros idiomas e hábitos e desse modo fui acompanhando as transformações pelas quais a raça humana passou nos últimos cinco séculos, mas a medida em que sua espécie se desenvolvia, percebi que para sobreviver eu precisaria ser cauteloso ao extremo e por isso sempre me mantive afastado. Atualmente, antes de vir para o Brasil, estava no polo Norte, mas devido a uma expedição para explorar a área na qual eu tinha me instalado, achei melhor sair de lá e vim para cá, foi quando escutei seu chamado e fui procurá-la.

- Caramba! – Foi a única coisa que consegui dizer após conhecer mais uma parte da história de John e ainda tentando absorver tudo eu perguntei. – Será então que foi algum caçador de vampiro que invadiu sua casa e roubou a fórmula?

- Talvez, apesar de eu achar isso pouco provável.

- Então, quem pode ter feito isso? Não deve ter sido um ladrão comum, porque se fosse, teria levado eletrodomésticos ao invés de frascos de um produto que ele nem sabia o que era.

- Sim, seu raciocínio está correto, no entanto ainda não acho que tenha sido um caçador.

John comentou seriamente e de repente eu tive um estalo.

- E se foi Liam? Se ele nos viu juntos e te seguiu, invadiu sua casa e roubou suas coisas?

- Ele está no Rio?

- Não sei, desde domingo saiu da casa da avó e só entrou em contato uma única vez para pedir dinheiro, mas até aí ele pode estar aqui sim.

- Não Malu, se fosse ele eu reconheceria o cheiro, foi outra pessoa que invadiu minha casa e foi um jovem.

- Como pode saber disso?

- Pelo cheiro, adolescentes tem um odor característico, devido aos hormônios.

- Entendi... puxa, seu olfato é mesmo espetacular, afinal nunca consegui perceber nenhum cheiro diferente num cara de dezesseis em relação a um homem de mais idade, a não ser quando entro num ônibus lotado, mas nesse caso é melhor mesmo não ter um olfato tão apurado, porque senão seria bem ruim!

John riu e depois falou:

- Só você mesmo para me distrair quando estou preocupado.

- Por que está preocupado? Por que a fórmula foi roubada? Se a pessoa a ingerir pode morrer?

- Não, a fórmula é inócua para seres humanos, contudo o motivo da minha preocupação é estar sem ela novamente, por isso hoje terei que voltar a Amazônia para buscar os ingredientes e preparar mais.

- De quanto em quanto tempo você precisa da fórmula?

- Depende, se quero ficar ao lado de humanos num ambiente fechado procuro sempre ingerir um pouco da fórmula, só por garantia, afinal não posso correr o risco de ser dominado pela minha sede, no entanto, depois que conheci você...

John parou de falar, abaixou a cabeça e se manteve calado.

- Depois que me conheceu precisa da fórmula ainda mais, é isso?

- Sim, principalmente depois do que houve entre nós ontem na minha casa.

- Está se referindo ao momento em que nos beijamos?

- Sim...aqueles instantes foram terrivelmente maravilhosos para mim, mesmo que tente explicar não conseguirei achar palavras para descrever o que senti.

- Por que?

- Porque eu... – John parou, abaixou a cabeça e ficou calado.

- Você o que?

- Eu quis beber seu sangue Malu, desejei ardentemente isso, ao mesmo tempo em que queria continuar beijando sua boca, seu rosto, seu corpo, eu queria...esqueça! Melhor não dizer o que eu quis, você ficará ultrajada.

- Por que? É tão ruim assim? Pior que confessar que queria meu sangue?

- Sim, muito pior.

- Eu não entendo, o que pode ser muito pior! Por favor fale!

John me olhou nos olhos e vi aquelas íris azuis como o céu me encararem de forma tão doce e singela que duvidei que ele pudesse estar pensando em algo ruim, afinal seu rosto não demonstrava nada de mau, ao contrário, me parecia bom e puro, então ouvi.

- Quando nos beijamos eu quis muito mais que um beijo nos lábios, quis beijar você inteira, toma-la em meus braços e lhe fazer mulher.

- Você está dizendo que queria fazer amor comigo?

- Sim... – Novamente John ficou cabisbaixo como se sentisse vergonha, segurei seu rosto e perguntei.

- Você sente vergonha disso? De sentir desejo por mim?

- Não sinto vergonha, mas sei que isso é errado, eu não posso ter você dessa forma Malu, por mais que eu queira e a ame, nosso amor será sempre platônico.

- Por que?

- Porque você morreria se fizéssemos amor, eu sou infinitamente mais forte que você e se me deixasse levar pelo ardor do momento poderia acabar com a sua vida sem nem mesmo me dar conta disso.

- Então, nós nunca...

- Não anjo, nunca teremos nada além de passeios, mãos dadas ou beijos castos.

John falou de maneira suave ao mesmo tempo em que me tocava como se eu fosse um cristal delicado.

23 – Anseios

Passei mais uma tarde ao lado de John, e como ele havia dito da maneira mais casta e platônica possível, com raros apertos de mãos, toques suaves no rosto ou cabelo, e quando muito um beijo delicado no dorso da minha mão. Claro que ser tocada por ele era sempre prazeroso, mesmo que fosse um gesto quase efêmero era muito bom, no entanto também frustrante, porque eu queria mais, queria que ele me beijasse como tinha feito na véspera, que me deixasse sem fôlego, arfando e suspirando de prazer, entretanto, John parecia ter um autocontrole perfeito e por isso meus anseios adolescentes tiveram que ser guardados como se fossem objetos concretos dentro de um baú. Ainda assim acabei suspirando ao chegar à minha casa, e ao ouvir, John perguntou:

- Que foi? Algum problema?

- Não.

- Malu, diga-me a verdade! Está aborrecida com algo?

- Não estou aborrecida.

- Então está triste, é isso?

Dei de ombros.

- Não é nada, esquece.

- Não posso esquecer se vejo no seu rosto que algo está lhe afligindo. Por favor, diga o que é!

- É que...bem, agora que estamos namorando, eu não queria apenas sair com você pela cidade, conversar, quer dizer, eu gosto disso, dos nossos passeios, das tardes que passamos juntos, mas eu queria mais, entende?

- Você está se referindo a ter mais contato físico comigo?

- Sim.

- Ah Malu, acredite, eu também queria isso, mas é muito complicado, você é uma humana frágil e delicada e eu sou um vampiro forte, guiado por instintos selvagens, por isso é tão arriscado irmos além de toques castos.

- Mesmo se você usasse a fórmula numa quantidade muito maior? Quer dizer, você poderia tomar uma super dose e aí poderíamos tentar.

John esboçou um sorriso.

- Os hormônios da adolescência, sempre controlando a situação, não é à toa que tantas jovens engravidam cedo.

- John, não tem haver só com hormônios, tudo bem que eles estão no comando grande parte do tempo, mas ainda assim tem haver com o que sinto por você, quer dizer, eu nunca me apaixonei antes, nem sequer nunca me senti atraída por nenhum cara, o único que me fazia suspirar um pouco era o ator Derek Jones, porque sempre pensava nele ao imaginar John Stoker, o personagem do livro, mas aí quando você surgiu e eu vi o quanto é igual o ator eu entendi a razão para eu ser fã do sujeito.

- Então eu tenho um rival?

A pergunta saiu divertida e eu acabei sorrindo.

- Não, é claro que não! Ninguém poderia ser tão bom quanto você, contudo me sinto frustrada quando escuto você dizer que nosso namoro será sempre platônico.

John suspirou e só depois prosseguiu.

- Eu não vou prometer nada, mas posso me comprometer a usar a fórmula numa quantidade bem maior a qual estou acostumado e também me alimentar muito mais, contudo não sei se isso será o bastante para aplacar o desejo que sinto, mas de qualquer modo talvez com o tempo eu desenvolva uma espécie de resistência a você e se for o caso...bem, se eu conseguir, podemos voltar a nos beijar como ontem.

- Mesmo?

- Sim.

Fiquei tão feliz que me joguei em cima de John, passando os braços sobre seus ombros e beijando seus lábios. John ficou rígido no mesmo instante, como se tivesse virado estatua e só então me dei conta que tinha ultrapassado os limites.

- Opps! Foi mal! Desculpe.

Me afastei enquanto via John permanecer perplexo.

- John, está tudo bem?

Ele pareceu soltar o ar de uma vez e só então falou:

- Você é realmente muito perigosa, nenhum homem que tentou me caçar ou destruir ao longo dos séculos foi tão poderoso quanto você foi nesse instante.

Arregalei os olhos arrependida.

- Me desculpe mais uma vez, agi sem pensar.

- É justamente por agir sem pensar que um momento íntimo entre nós pode ser tão arriscado.

- Isso significa o que? Que está voltando atrás no que falou a pouco?

- Não, não estou voltando atrás na minha palavra, mas estou apenas constatando o quanto será complicado, de qualquer modo eu a amo o bastante para fazer qualquer sacrifício.

Esbocei um sorriso e disse:

- Faço minhas as suas palavras.

Um pouco depois da partida de John minha madrastra chegou. Pela sua expressão ela ainda estava aborrecida, mesmo assim tentei conversar.

- Oi Kelly, como foi o seu dia?

- Cansativo, estou exausta.

Ela respondeu sucintamente já caminhando em direção as escadas, contudo eu perguntei:

- Será que não podemos conversar um pouco?

- Sobre o que?

- Sobre os últimos acontecimentos. Eu quero pedir desculpas por tudo, por ter sido grossa com você, por ter faltado a consulta com a psicóloga e também por trazer o John aqui sem antes avisá-la. Eu sei que errei, agora vejo isso, mas o que quero que saiba é que o John é um cara bacana, ele não é um marginal.

- Malu, só porque você quer acreditar nisso não significa que esse rapaz é realmente bom, afinal como você pode afirmar categoricamente que a índole

dele é boa, ou que ele é honesto, se o conheceu a pouco tempo e ainda através da internet?

- Você está afirmando que só porque o conheço há pouco tempo não sou capaz de fazer um julgamento adequado?

- Não, não é só por isso. Claro que quanto mais tempo passamos ao lado de uma pessoa melhor a conhecemos, contudo eu não posso ser hipócrita e afirmar que é preciso namorar anos antes de assumir um compromisso sério, afinal eu não agi assim com relação ao seu pai e menos de um ano depois de o conhecer aceitei me casar com ele, porém nem sempre as coisas dão certo como deram entre mim e o Douglas, e eu já vi diversas amigas sofrerem muito por ficarem com homens ruins mesmo depois de anos de namoro ou até casamento, por isso eu fico tão preocupada com você. Tenho medo que sofra por esse rapaz, mesmo que ele seja uma boa pessoa, ele não é daqui, está apenas passando férias, portanto Malu, como vai ser quando ele voltar para a Inglaterra? Já pensou nisso? Ontem quando você chegou acompanhada dele eu vi o momento em que se despediram e embora não tenham se beijado na boca como qualquer casal de namorados faz, o modo como se olharam deixou claro o quanto estão apaixonados e realmente eu fico apreensiva com isso.

- Só por que ele é estrangeiro?

- Você acha pouco Malu? Não é. Vocês são de culturas diferentes, tem hábitos distintos, você não conhece a família dele, enfim, há tantas razões para ser cautelosa, mas você não está sendo, está agindo de forma impulsiva, sendo grossa, negligenciando seus compromissos, descumprindo nossos acordos e o pior de tudo colocando sua vida em risco, afinal deu seu endereço a um estranho pouco tempo depois de o vir pela primeira vez. Então, perante tudo isso, você ainda acha que eu estou errada em me preocupar?

- Não, você não está.

- Bem, se você concorda que eu não estou errada deve entender também a razão para eu ter ficado tão chateada com você.

- Sim, eu entendo, mas Kelly, eu juro que o John não é ruim e se você conversar com ele vai ver que estou certa.

Minha madrastra suspirou antes de dizer:

- O que isso significa? Quer que eu converse com ele?

- Sim, é isso o que eu quero.

- Está bem Malu, vou conversar com o garoto. Pode ser amanhã, afinal estarei de folga no hospital, portanto ele pode vir aqui e almoçar com a gente.

- Acho que não vai dar pra ele vir pro almoço.

- Por que?

- Bem, o John é vegano, sabe como é, portanto não come qualquer coisa, por isso acho melhor ele vir mais tarde.

- Está bem, veja com ele o horário e depois me avise, mas agora eu quero subir, tomar um banho e descansar.

Assenti sorrindo, afinal Kelly podia estar receosa por causa de John, contudo eu tinha absoluta certeza que ela mudaria de opinião quando o conhecesse melhor.

Olhei mais uma vez meu celular para averiguar se John mandara alguma mensagem, mas não havia nada e tentando manter a ansiedade sob controle disse a mim mesma que tudo estava bem, John estava apenas atrasado.

- Vou ligar. – Disse sozinha enquanto ligava pela terceira vez, contudo minha ligação foi para a caixa postal.

- Droga! Aconteceu alguma coisa, não é possível! Afinal John não atrasaria mais de duas horas para vir aqui.

Novamente as palavras saíram em voz alta enquanto eu relia as últimas mensagens trocadas com John na noite anterior, o avisando sobre o encontro com Kelly e ele respondendo que estaria aqui as duas da tarde como eu havia sugerido, contudo já passava das quatro e até agora ele não tinha aparecido, nem sequer atendia minhas ligações, por isso me decidi, peguei minha bolsa, averigui se tinha dinheiro e desci as escadas. Kelly estava lendo na sala.

- Vou sair, ok?

- Aonde você vai?

- Atrás do John, afinal ele está muito atrasado e não está atendendo o

telefone, estou preocupada.

- Quer que eu vá com você?

- Não precisa, obrigada, ele está ficando no bairro das Laranjeiras, não é tão longe daqui, posso até ir a pé.

- Ok, mas não esqueça o que conversamos ontem, seja cautelosa.

Apenas assenti e saí de casa, tentei ao máximo não pensar em coisas ruins, afinal o que poderia dar errado para um vampiro? Nada, respondi mentalmente, no entanto um aperto no meu peito me dizia que algo tinha acontecido, mais uma vez peguei o celular para ligar quando ouvi alguém dizer meu nome.

- Ora, quem diria que eu iria encontrar minha queridinha prima posticha passeando pelo bairro? Como vai Malu?

- Liam?! O que você está fazendo aqui?

- Estou passando uns dias no Rio para espairecer um pouco, sabe como é, minha última semana foi agitada, eu fui atropelado, sofri uma concussão, fracturei o braço, enfim...

- Se você estava com o braço fraturado, como agora está sem o gesso? A fratura já consolidou?!

Indaguei Liam ao me dar conta que ele não usava nenhuma tipoia, eu não sabia quanto tempo um osso podia levar para voltar ao normal, mas com certeza não era uma semana, o tempo que Liam sofrera o atropelamento.

- Pois é Malu, você acredita que eu estou perfeitamente bem, não estou com nenhum problema para mexer meu braço, não estou com dor e nem tão pouco com qualquer problema de memória como o médico falou que eu poderia apresentar, por isso estou totalmente ciente que você estava comigo sim, quando aquele cara arrancou a porta do meu carro.

Engoli seco, no entanto tentei manter a farsa e disse:

- Você vai começar a falar novamente que estávamos juntos? Eu já disse que não estive com você, foi tudo mera ilusão da sua cabeça.

Liam estreitou os olhos, se aproximou de mim e bem perto do meu ouvido falou:

- Tenho provas mais que concretas de que você estava comigo, assim como aquele vampiro que apareceu para te proteger.

- *O que?!*

Falei mais alto que o normal chamando a atenção das pessoas que passavam por nós, contudo no mesmo instante senti algo nas minhas costas enquanto outra voz dizia.

- Não fale uma palavra Malu, se não quiser morrer agora.

- O que está acontecendo?!

Perguntei enquanto me virava e via Danilo bem perto de mim, ele me olhou com desdém ao mesmo tempo em que eu sentia novamente um incômodo nas costas.

- Eu não quero sujar as mãos de sangue Malu, mas se você não entrar naquele carro agora mesmo, não apenas você será morta, como o seu querido sanguessuga.

Estremeci, enquanto desviava os olhos de Danilo para Liam e sem ter o que fazer eu caminhei até o carro preto que já estava de portas abertas.

24 – Complô

Cheguei a uma imponente mansão num dos pontos mais nobres do Rio, o bairro do Joá, um local que servia de residência para os milionários, artistas, empresários bem-sucedidos e políticos influentes. Por um momento pensei se Danilo, o jovem que estudava comigo morava ali, afinal seu pai era um deputado corrupto, todos sabiam disso, e portanto não seria impossível para o sujeito ter uma casa como a que eu via.

- Você mora aqui, Danilo?

Perguntei enquanto saía do carro, o garoto riu e olhando para Liam respondeu.

- Não, mas quem sabe não posso morar futuramente, afinal tenho amigos importantes.

- Que amigos?

- Você vai conhecer Malu, não tenha pressa, agora vamos!

Novamente Danilo falou me conduzindo para a entrada da mansão, Liam foi na frente, mas quando nos aproximamos da porta ele parou e disse algo para o sujeito de terno a postos no local. Tentei escutar, mas foi inútil.

- Liam está informando a senha, para liberar a nossa entrada.

- O que? – Indaguei sem entender nada e ainda confusa eu perguntei. – Você e o Liam são amigos? Desde quando?

- Desde que descobrimos que tínhamos algo em comum. – Danilo respondeu, mas logo depois Liam disse:

- Você.

- O que? – Perguntei confusa, ao mesmo tempo em que Danilo me forçava a entrar para dentro da casa, continuei andando sem prestar atenção a minha volta e mais uma vez indaguei.

- Como vocês se conheceram?

Liam respondeu.

- Eu conheci o Danilo há quatro dias atrás, justamente quando ele saiu do

colégio enfurecido por ter sido repreendido por um professor por sua causa Malu.

- Sim, foi isso mesmo. Está lembrada Malu? Lembra que por sua causa aquele idiota do Pacheco me expulsou da sala?

- O professor não o expulsou, foi você que saiu pisando duro com raiva dele.

- Realmente, mas não fiquei puto apenas com aquele imbecil, eu também fiquei com ódio de você, tanto que cheguei a lanchonete que há em frente ao colégio te xingando para um amigo que estava lá, e foi aí que eu conheci o seu primo.

- Liam estava lá?! Fazendo o que?

- Esperando para ver você *priminha*, evidentemente, afinal você não achou que eu ia deixar a nossa briga pra trás, não é?

- Então depois que deixou Petrópolis você veio ao Rio, atrás de mim?

- Exatamente, cheguei aqui no domingo à noite e durante uma semana eu segui você.

- Você me seguiu?!

- Sim, afinal eu queria ver se surpreendia você com aquele cara que me atacou em Petrópolis e por isso vim para o Rio com esse intuito, assim fui até o colégio onde você estuda na segunda-feira e fiquei a postos, não vi nada, porém não desisti, voltei na terça um pouco mais cedo e para passar o tempo fiquei na lanchonete, foi quando o Danilo apareceu soltando os cachorros em cima de você, eu escutei é claro e então fui falar com ele.

- Exato, e desde então seu primo se tornou meu melhor amigo.

Fiquei perplexa, não apenas porque Danilo me obrigou a parar de caminhar, mas também por saber que Liam e meu colega de classe tinham se unido para se vingarem de mim, ia perguntar o que pretendiam fazer, quando Liam se posicionou rigidamente como se fosse bater continência. Me surpreendi, afinal nunca vira o jovem tão respeitoso, olhei de lado quando percebi Danilo se movimentar também e assumir a mesma posição. Ouvi passos, o som de saltos pisando firmemente pelo assoalho de madeira e olhei para ver quem se aproximava. Então dois homens vestidos de terno preto surgiram, eram muito

fortes, mas o que realmente chamou minha atenção foram os cães que eles conduziam, os animais eram enormes, tinham orelhas pontudas e pelo grosso, os caninos também estavam a mostra e eu gelei ao ver os dentes afiados dos bichos, dei um passo para trás resabiada, mas estagnei quando mais uma pessoa surgiu. Também era um homem, cabelos grisalhos, contudo os fios prateados não lhe envelheciam, apenas lhe conferiam mais imponência, e essa era sem dúvida a melhor forma de descrever o sujeito, ele era altivo, elegante e também assustador. Não dirigiu o olhar a ninguém, contudo, quando chegou mais perto Liam e Danilo fizeram reverência. O sujeito ignorou a submissão de ambos, como se ela não fosse nada e eu fiquei ainda mais surpresa pelo comportamento dos jovens que sempre foram tão arrogantes, até que ouvi.

- Está é a jovem?

- Sim Lord Polidori, como lhe prometemos trouxemos a jovem até o senhor, mestre.

Arregalei os olhos, estupefata ao ouvir o nome do anfitrião.

25 – O Inimigo

Precisei de alguns segundos para absorver o que escutara, porque apesar de John ter dito que Lord Polidori havia mesmo existido, não podia acreditar que era ele quem estava ali, afinal segundo o vampiro, o ganancioso senhor feudal tinha morrido algumas décadas depois da transformação de John, por isso meu primeiro pensamento foi que o homem a minha frente era um louco, alguém que dizia ser Lord Polidori. Eu quis falar, mas o sujeito se aproximou, me observou atentamente e depois comentou.

- Pelas lembranças que guardo de sua mãe, você se parece muito com ela.
- Você conheceu minha mãe?
- Respeito ao dirigir-se ao mestre.

Liam me repreendeu firmemente e eu me surpreendi.

- Mestre? Que história é essa de mestre? De onde você conhece esse sujeito?
- Respeito, já disse!

Liam falou mais alto, contudo o homem que ele chamava de mestre levantou a mão ordenando silêncio. Novamente o sujeito me encarou, olhando bem dentro dos meus olhos, e eu fiquei apreensiva.

- Eu levei muito tempo para encontra-la jovem, mas confesso que a espera valeu a pena. Você é digna dos maiores reis, portanto é digna de mim.
- Como? Sobre o que você está falando? Não estou entendendo nada!
- Ora, minha querida, quer me convencer que você não sabe quem eu sou?
- Eu não quero convence-lo de nada, quero apenas entender a razão para eu estar aqui!
- Muito bem, se é isso o que deseja irei direto ao ponto. Você está aqui para se tornar minha esposa.
- Como é que é? – Indaguei incrédula e se até aquele momento eu só achava que o cara fosse louco, depois da sua declaração tive certeza absoluta.
- Olha, eu não sei realmente qual é o seu nome, de onde você surgiu, como conhece Liam e Danilo, mas uma coisa eu sei, com certeza eu não sou a

pessoa que vai se casar com você, ok?

- Por que afirma isso jovem?

- Por que?! Primeiro porque só tenho dezessete anos, portanto sou muito nova pra casar, e segundo porque no dia em que for me casar pretendo fazer isso com alguém que eu ame e não com um completo desconhecido.

- Casamentos não são realizados por amor e sim por conveniência e por isso nossa união é tão importante. Nossos herdeiros serão poderosos, os seres mais poderosos que já habitaram a Terra, tenha certeza disso.

Cocei a cabeça, estava começando a ficar impaciente com aquela conversa louca, por isso voltei a repetir.

- Escuta, vou falar mais uma vez, eu não vou me casar com você, portanto o melhor a fazer é me deixar ir embora agora!

- Impossível, levei muito tempo para encontra-la e agora que está aqui só deixará essa casa depois que estivermos casados.

- Ah, não! Pra mim chega! Maluquice tem limite! Afinal eu nem sei quem você é, mas com certeza é algum milionário excêntrico que resolveu se divertir, então soube que esses caras estavam com raiva de mim e entrou num acordo com eles para que me trouxessem aqui e você me dissesse esse monte de bobagens, que quer se casar comigo, que nossos filhos serão poderosos e que você é Lord Polidori, o senhor feudal ganancioso e desonesto que roubou uma fórmula mágica capaz de transformar humanos em vampiros.

- Parece-me que você está parcialmente informada a meu respeito, presumo que tenha sido seu pai quem lhe contou sobre o roubo da fórmula, não é?

- Meu pai? Você é mesmo maluco! Meu pai está morto! Ele morreu há dois anos atrás e nunca me falou sobre senhor feudal nenhum!

- Então foi o vampiro?

Paralisei, afinal se até aquele momento estava achando o cara maluco, ao ouvi-lo mencionar John fiquei apreensiva, mesmo assim tentei manter o nervosismo sob controle e rebati.

- Realmente você é louco! Porque agora começou a falar sobre vampiros. O que virá depois? Lobisomens, anjos, fadas, sereias, o que?

- Nada disso, pretendo me ater a um único demônio bebedor de sangue, o

vampiro John Stoker. Vai me dizer que nunca ouviu sobre ele?

Ainda tentando manter a calma apelei para o meu lado teatral, levei meus dedos ao queixo numa atitude reflexiva antes de responder sarcasticamente.

- Acho que já ouvi falar sim de um tal de John Stoker e sabe onde? Num livro, quando li *Anjo Noturno* e um dos personagens era um vampiro que tinha esse nome.

- Um livro, compreendo, um livro escrito por Bela Ruthven, não é?

- Sim, essa mesma, uma autora inglesa que escreve fantasia.

- Livros de fantasia muito poderosos, tão poderosos que são capazes de localizar pessoas escondidas há bastante tempo.

- Não entendi.

- Pois bem, eu vou explicar. Bela Ruthven foi a autora que contratei para escrever a história de John Stoker, com o único propósito de localizar o vampiro, e deu certo, o livro me levou até ele.

Senti meu coração disparar ainda mais, no entanto estava tentando não demonstrar.

- Continuo sem compreender.

- Pois bem, vou lhe explicar com mais detalhes o que fiz. Eu mandei Bela Ruthven escrever parte da história de John Stoker, enfeitei os exemplares e quando o livro chegasse as mãos corretas ele me indicaria para onde eu deveria ir, por isso estou aqui.

Comecei a ficar assustada de verdade, principalmente ao lembrar do exemplar *A Fuga* que tinha lido na véspera, ou melhor, que tinha tentado ler antes de constatar que mais da metade do livro estava em branco e imaginei se aquilo era o feitiço que o sujeito dizia ter feito.

- Então, se eu entendi, você orientou uma autora sobre como deveria ser a trama, passou os nomes dos personagens, os locais, as datas, enfim, tudo o que queria para poder publicar o livro e depois lançou um feitiço sobre ele?

- Exato, confesso que não foi um feitiço simples, levei anos estudando, fazendo experimentos até achar a fórmula correta, porém valeu a pena porque foi ela que me trouxe até John Stoker.

Engoli seco, sem saber direito o que pensar ou falar, afinal se fosse descuidada poderia pôr a vida de John em risco, então continuei agindo como se o sujeito fosse louco.

- Bom, depois de ouvir tantas maluquices eu só posso te dizer uma coisa, se você está procurando por um vampiro que é personagem de livro, talvez o mais indicado seja ir até Hollywood para contratar um ator. Quem sabe lá você não encontra o cara certo para o papel?

- Chega! Estou farto da sua encenação de que não conhece o vampiro. Eu mesmo vi vocês dois juntos ontem.

Arregalei os olhos assustada ao mesmo tempo em que pensava em algo para dizer.

- O fato de você ter me visto com alguém, não significa que o cara seja esse tal John Stoker.

Falei tentando não gaguejar, afinal o olhar de fúria no rosto do homem me mostrava que ele estava perto de perder a paciência.

- Ouça bem jovem, eu busquei por John Stoker por séculos e por esse motivo conheço como ninguém o vampiro, portanto pare de bancar a espertinha comigo e preste muita atenção no que vou dizer, você fará exatamente tudo o que eu quero, a não ser que deseje ver seu querido vampiro morto.

- Por que está dizendo isso?

O homem sorriu, um sorriso cruel, só depois falou:

- Porque eu capturei John Stoker.

- Impossível! Você está mentindo, nenhum homem é capaz de capturar John!

- Realmente, um homem comum não é capaz de captura-lo, mas eu sou. Levei muito tempo, é verdade, mas finalmente consegui.

- Eu não acredito! Você está mentindo!

- Você acha mesmo isso?

- Eu não acho, eu tenho certeza!

- Muito bem, se precisa de uma prova, eu vou te dar. – O homem se virou

para um dos seguranças e ordenou. – Leve a garota até o prisioneiro.

- O que?!

Foi a única coisa que consegui dizer antes do meu braço ser agarrado bruscamente e eu ser arrastada para fora da sala, tentei me soltar, protestei, xinguei, mas não consegui nada, até que finalmente o homem que me conduzia parou em frente a uma porta com uma pequena abertura coberta de vidro e disse:

- Veja com seus próprios olhos, o mestre não mentiu.

Receosa eu me posicionei em frente a porta e levei meu rosto para o vidro. A princípio não enxerguei nada, porque o cômodo estava escuro, mas depois de alguns instantes meus olhos conseguiram perceber uma silhueta no chão, pelo porte físico era um homem sem dúvida, contudo estava de costas, e por isso eu não via seu rosto, ainda assim o sujeito estava se mexendo debilmente como se estivesse com dor e para me confirmar minha suposição ouvi um gemido baixo ao mesmo tempo em que o prisioneiro se virava revelando seu rosto. Minhas pernas fraquejaram no mesmo momento em que as luzes da prisão foram acesas e eu finalmente vi os traços perfeitos de John subjugados pela dor e agonia.

- Não! – Gritei chorando enquanto levava minha mão a maçaneta da porta e tentava abri-la, porém, o homem ao meu lado me segurou novamente e me conduziu para longe do meu amor.

De volta a sala onde estivera poucos minutos atrás eu falei:

- Você precisa soltá-lo, agora!

- Lamento querida, eu levei muito tempo para encontrar o vampiro e agora que ele é meu prisioneiro não vou deixá-lo escapar.

- Como você conseguiu? Como capturou John?

- Usando meus poderes e também a ajuda dos seus amigos.

Ele apontou para Liam e Danilo, ambos posicionados como se estivessem diante de um general e incrédula eu disse:

- Eles são apenas garotos estúpidos e mimados, não teriam a mínima condição de subjugar John.

- De fato, a não ser que tivessem a minha ajuda.

- Não entendi.

- Certo, vou explicar-lhe o que aconteceu. Após o exemplar enfeitiçado mostrar-me para onde eu deveria vir, juntei meus servos e guardiões e rapidamente cheguei a essa cidade. Não estava tão longe, porque há duas semanas atrás o exemplar do livro começou a emitir sinais, contudo foram imprecisos, por isso precisei aguardar, mas já sabia que o vampiro estava na América do Sul, só precisava saber a localização exata. Então ontem de manhã eu recebi um novo sinal me indicando o lugar para onde ir. No final do dia cheguei a sua casa e vi você e John juntos. Sabia que ainda não era o momento de capturar o vampiro, o sol estava se pondo e muitas pessoas circulavam pelas redondezas, por isso aguardei, contudo quando John se afastou esses dois jovens foram atrás dele e apesar de não saber quais eram as intenções dos rapazes intui que eles poderiam atrapalhar meus planos, por isso os interceptei. Fiquei a par do desejo de vingança de Liam e Danilo, então fizemos um acordo, eles me ajudariam e em troca receberiam dons e privilégios com o qual qualquer mortal sonha.

- Você está dizendo que agora Liam e Danilo têm super poderes?

O homem riu antes de responder.

- Alguns poderes, não muitos, apenas o suficiente para cumprirem com suas obrigações.

- Mestre, o senhor prometeu...

- Cale-se, só ouse falar quando eu permitir!

Liam abaixou a cabeça de maneira submissa surpreendendo-me e imaginei o que sua avó diria ao ver o neto tão subserviente, de qualquer modo não me importei, afinal se eu e John estávamos ali em parte era por culpa dele. Meus pensamentos foram dispersos quando ouvi.

- Muito bem minha cara, agora que já sabe como capturei John Stoker e constatou com seus próprios olhos que não menti, podemos tratar do nosso casamento.

- Você está louco! Se está achando que vou me casar com você, está muito enganado, nunca vou fazer isso. Aliás eu gostaria de saber a razão do seu interesse por mim, pode me explicar?

- Você acha mesmo necessário? Pensei que estivesse claro porque devemos nos casar.

- Bem, tirando a sua loucura, não consigo imaginar nenhum outro motivo para esse absurdo que está propondo, de qualquer modo estou curiosa para ouvir sua explicação.

- Muito bem, se é o que quer...eu tenho dois bons motivos para toma-la como minha esposa, o primeiro é o mais evidente, se você estiver ao meu lado eu conseguirei subjugar o vampiro. John Stoker finalmente será meu escravo e com isso terei mais um importante trunfo para dominar o mundo.

O sujeito fez uma pausa e me encarou nos olhos e depois prosseguiu.

- O segundo motivo para nos unirmos minha querida é você ser quem você é!

- Não entendi.

- Minha jovem, não precisa mais fingir, usar um nome que não é seu, pois eu sei muito bem quem você é, afinal o livro me trouxe até aqui. Você, minha querida, é a feiticeira mais poderosa de todos os tempos, pois é a filha de Valentina e Thomas Stoker.

Não consegui dizer uma única palavra, pois minhas vistas escureceram no mesmo instante.

26 – A verdade

Abri os olhos com dificuldade e levei alguns segundos para me localizar, contudo logo percebi que estava num quarto, deitada numa enorme cama com um dossel em volta. Foi então que me lembrei da mansão para onde fora levada. Levantei-me e rapidamente fui em direção a porta.

- Onde pretende ir querida?

Virei o rosto e vi o homem que estava me aprisionando perguntar.

- Pare de me chamar de querida!

- Por que? É uma forma gentil de se dirigir a minha noiva.

- Eu não sou sua noiva, nunca vou ser! E sabe por que? Porque você é um louco, que pensa ser Lord Polidori, mas pior que isso, é achar que eu sou uma garota que morreu há mais de quinhentos anos.

- Eu não acho que você é Marie Stoker, eu tenho absoluta certeza que é, portanto não precisa mais fingir.

- Eu não estou fingindo nada! Eu não sou Marie Stoker, meu nome é Maria Luzia Guimarães Rocha, nasci no Rio de Janeiro no ano de 2001, meu pai se chamava Douglas Rocha e minha mãe Helena Guimarães Rocha.

O homem me observou por alguns instantes antes de dizer.

- Pelo visto seu pai lançou um poderoso feitiço sobre você, só gostaria de entender como ele conseguiu esconder a verdade da filha por tanto tempo.

- Meu pai nunca escondeu nada de mim, ok? Ele me amou de verdade, por isso cuidou de mim desde que minha mãe morreu no parto.

- Entendo, então foi isso o que ele lhe contou? Que sua mãe faleceu após dar à luz a você. Coerente levando em conta os acontecimentos, afinal se ele queria escondê-la de mim ou do vampiro precisava manter todas as suas memórias apagadas, só não consigo entender que tipo de feitiço ele usou, porque na maior parte das vezes as fórmulas para destruir lembranças são temporárias e levando em conta o passar dos séculos você teria uma infinidade de memórias para esquecer.

- Eu não tenho que esquecer nada, a não ser um maluco como você, portanto

me deixe sair!

- Não, minha querida, eu não posso, como disse levei muito tempo procurando você e o vampiro e agora que ambos estão aqui, vou colocar meus planos em prática.

- Que planos?

- Meus planos para dominar o mundo, me tornar o ser mais poderoso da Terra, planos esses que já teriam sido concretizados se sua mãe, Valentina Stoker não tivesse atrapalhado.

- Por que está dizendo isso?

- Porque foi sua mãe que estragou tudo, e sabe por que?

- Não.

- Porque ela não queria que a filha ficasse com um vampiro e para separar vocês Valentina elaborou um plano.

- Que plano?

- Valentina simulou a sua morte e a do seu pai, apenas para afastar John, afinal quando ela descobriu o seu envolvimento com o vampiro ela pensou que John voltara para se vingar.

- Mas John não contou isso, ele falou que Marie morreu.

- Sim, para ele, Marie realmente morreu, mas na verdade você e seu pai foram embora do vilarejo onde moravam dois dias antes do encontro que você teria com John.

- Ainda não estou entendendo, John afirmou que viu os corpos de Marie e do pai dela, disse também que Valentina ficou desesperada com a morte da família.

- Tudo não passou de feitiçaria. Valentina soube do seu romance com o vampiro e por isso convenceu seu pai a ir embora do vilarejo levando você. A partida aconteceu dois dias antes de um encontro que você e John teriam e nesse tempo Valentina conseguiu dois cadáveres, os enfeitiçou e quando o vampiro viu os corpos achou que eles pertenciam a você e Thomas, por isso ele acreditou nas mortes.

- Como você sabe disso?

- Sei porque não foi apenas Valentina quem descobriu sobre o romance de vocês, eu também fiquei a par quando voltei ao vilarejo procurando por John. Minha intenção era mata-lo para vingar a morte da minha esposa e filha, no entanto quando eu vi que o vampiro estava apaixonado percebi o trunfo que tinha em mãos. Se eu capturasse você, John se renderia, se tornaria meu escravo e eu seria o feiticeiro mais poderoso de todos os tempos.

- Você tentou capturar a mim? – Perguntei com dificuldade, afinal ainda era difícil acreditar que eu era Marie.

- Sim, mas não fui tão rápido quanto sua mãe, ela colocou o plano de fuga em ação antes de eu agir, por isso vocês foram embora do vilarejo. Eu só fiquei a par das supostas mortes porque segui Valentina e John pela floresta, ela o levou até os corpos e quando o vampiro os viu entrou em desespero exigindo que Valentina a ressuscitasse, que lhe desse o elixir da vida eterna. A feiticeira disse que nada poderia trazer os mortos de volta a vida, nem mesmo o elixir, afinal a fórmula só funcionava para manter as pessoas vivas e não para ressuscitá-las. Ao ouvir isso John abandonou Valentina e partiu, a feiticeira foi embora logo depois sem se preocupar com os cadáveres, eu achei aquilo estranho, afinal como ela não iria prestar as últimas homenagens aos seus mortos, foi então que eu me aproximei e entendi o que Valentina tinha feito, ela tinha enfeitiçado os corpos para John ver você e seu pai neles, contudo o feitiço não se estendia as outras pessoas e por isso eu soube o que tinha acontecido.

O homem fez uma breve pausa e só depois prosseguiu.

- Depois disso procurei Valentina exigindo que ela me contasse seu paradeiro, afinal eu a queria mais que antes, porque sendo filha de poderosos feiticeiros, suas capacidades seriam ainda maiores que a dos seus pais, no entanto sua mãe se negou a me dizer onde encontra-la e por isso pagou com a própria vida por ter negado um pedido meu.

- Você matou Valentina?!

- Sim, mas confesso que me arrependi, afinal ela poderia ser útil, contudo eu era impulsivo e temperamental e por isso deixei-me levar pelas emoções, porém a morte da feiticeira também trouxe recompensas porque foi a partir dela que eu tive acesso aos diários e anotações de feitiços dos Stokers.

- Então você tem os diários que eles escreveram? Tem acesso a todas as feitiçarias e fórmulas que eles elaboraram?

- Exato, afinal são os livros mais preciosos que um imortal pode ter.

- Então você se tornou imortal porque reproduziu o elixir da vida eterna?

- Sim.

Minha cabeça rodou perante tantas informações, mesmo assim perguntei:

- E como eu me tornei imortal? Eu sou imortal, não sou?

- Sem dúvida, todos os imortais surgidos a partir do elixir da vida eterna carregam consigo uma aura que só pode ser vista por outros imortais que também adquiriram o dom através do elixir. Por isso eu soube quem você era assim que coloquei os olhos em você.

- John sabe que eu sou uma imortal?

- Com certeza não, afinal ele é um vampiro, um demônio bebedor de sangue e por isso não tem o poder de enxergar auras.

O comentário de Lord Polidori me fez perceber uma coisa e então indaguei:

- Se John era tão apaixonado por Marie e eu sou ela, como ele não me reconheceu quando nos vimos?

- Provavelmente seu pai lançou um feitiço em você para disfarçar sua aparência, por isso o vampiro não a reconheceu.

Me sentei na cama perplexa, afinal tinha escutado tantas coisas bizarras que era impossível permanecer de pé, senti minhas pernas pesadas, uma fadiga intensa se espalhar sobre o meu corpo enquanto eu tentava processar tudo o que tinha escutado, até ouvir.

- Bem minha querida, agora que sabe de fato quem é, compreende porque devemos nos casar, portanto amanhã a meia-noite será celebrada a nossa união.

Lord Polidori levantou-se e caminhou em direção a porta, mas antes de sair disse:

- Tenha bons sonhos, querida.

Não consegui dizer nada, apenas me deitei na cama e fechei os olhos.

27 – Sem rumo

Nunca na minha vida me senti tão perdida quanto naquele momento, porque os fatos narrados mexeram comigo profundamente. Uma parte de mim queria negar tudo, continuar afirmando que o homem que ordenara meu sequestro era apenas um louco, porém ao pensar em John, eu via que a verdade era realmente as coisas ditas pelo feiticeiro.

Pensei em algumas delas: o exemplar *A Fuga*, o dia em que ganhei o livro, o momento em que o examinei e li alguns capítulos, depois recordei o momento em que retomei a leitura e constatei que parte do livro estava em branco. Contudo não era apenas o livro que me mostrava que as coisas eram reais, mas também a captura de John, do vampiro forte que sempre afirmou que nenhum homem poderia caça-lo.

Meu coração se encolheu no peito ao recordar dele preso, sua expressão de dor, sua alienação por conta do sofrimento que lhe era imposto. Tentei entender o que Lord Polidori fez para subjugar John, mas não cheguei a nenhuma resposta a não ser algo que envolvesse um terrível feitiço. Por um breve instante cheguei a rir da palavra, porque feitiços e fórmulas mágicas tinham se tornado uma realidade para mim.

Tal pensamento me remeteu aos meus pais, ou pelo menos a Douglas, ao homem que eu achava que conhecia, mas que no fundo usava um nome falso para esconder sua verdadeira identidade. Pensei em Kelly, será que minha madrastra sabia a verdade sobre o homem com o qual se casou? Não, claro que não! Se meu pai escondeu de mim o que nós éramos com certeza sua esposa também nunca soube de nada, talvez nunca nem tenha desconfiado dos aspectos surreais que envolviam nossa família. Esse tema me remeteu a outro, minha mãe, a feiticeira Valentina Stoker, a mulher que desenvolveu fórmulas fantásticas em nome do amor. Tentou criar um elixir da vida eterna após perder o primeiro filho, acabou desenvolvendo uma fórmula que transformava humanos em vampiros e no fim usou feitiços poderosos para me afastar do meu amor.

- John, sempre o amei, de alguma forma as lembranças dele não foram totalmente apagadas, por isso me apaixonei pelo personagem do livro, porque

de algum modo meu cérebro conseguiu perceber que ele era real.

Soltei um longo suspiro ao pensar nele, ao pensar em nós e lamentei profundamente que nosso destino fosse tão triste, afinal como faríamos para ficarmos juntos? A única maneira era fugir, mas de que jeito? Eu estava presa numa casa cercada de seguranças por todos os lados e John estava fraco, incapaz de lutar, portanto nossa fuga era impossível.

Senti as primeiras lágrimas escorrerem pelo meu rosto enquanto a dor ia ganhando mais espaço, até que de repente meu celular tocou, e me surpreendi pelo fato de ainda estar com ele, afinal a lógica seria o aparelho ser tirado de mim. Atendi no terceiro toque e tentei ao máximo manter o choro sob controle.

- Oi Kelly.

- Malu, está tudo bem?

- Está.

- Tem certeza? Parece que está chorando.

- Não, impressão sua.

- Onde você está Malu? Está com o seu amigo?

- Não.

- Você não o encontrou? Não foi até onde ele está hospedado?

- Pra falar a verdade não.

- Por que?

Levei alguns segundos para inventar uma desculpa, inspirei fundo e finalmente respondi.

- Porque ele foi embora, voltou para a Inglaterra.

- Assim, de repente?!

- Exato, de repente.

- Ah Malu, eu sinto muito, de verdade.

- Obrigada Kelly.

- Onde você está? Vou busca-la, está ficando tarde.

- Não precisa, eu estou...no shopping e vou ao cinema daqui a pouco, já ia

ligar para avisá-la quando meu celular tocou.

- Tem certeza que quer ir ao cinema sozinha? Não é melhor deixar para outro dia? Eu posso ir com você, não amanhã porque vou dar plantão no hospital, mas quem sabe na segunda à tarde?

- Eu vou adorar ir ao cinema com você, mas independente disso hoje quero ir sozinha.

- Ok, mas quando sair daí pegue um táxi, não venha para casa de ônibus pode ser perigoso, está bem?

- Sim, está.

- Ok, então nos vemos depois.

- Acho melhor não esperar por mim acordada, afinal a sessão acabará tarde e amanhã você tem que estar cedo no hospital.

- De fato, mesmo assim me dê um toque quando chegar.

- Ok.

- Bom filme.

- Obrigada.

- De nada, até amanhã.

- Até.

Desliguei e baixinho falei:

- Até nunca mais.

28 – Aliado Inesperado

Acordei sobressaltada e meu primeiro pensamento foi o fato de conseguir dormir, contudo, ao olhar o celular vi que apenas duas horas tinham passado desde a ligação de Kelly. Ainda eram dez da noite. Se fosse voltar para casa estaria chegando naquele momento. Ponderei sobre o que fazer, mandar uma mensagem para Kelly dizendo que eu não voltaria? Avisar que ia dormir na casa de uma amiga?

- Eu nem sequer tenho uma amiga íntima! Como posso usar essa desculpa?

Comentei em voz alta ao pensar no quanto de aflição eu ainda ia impor a Kelly, e eu não queria isso; mas como as coisas não seriam do modo como eu desejava achei melhor avisar minha madrastra que eu não ia voltar, podia dizer que tinha ido dormir na casa de alguma amiga nova, pelo menos assim Kelly teria uma noite tranquila antes de ir trabalhar. Claro que na noite seguinte, quando voltasse do hospital e visse que eu não estava ia começar a se preocupar, iria sair a minha procura como fizera alguns dias antes, sem resposta provavelmente iria a polícia para comunicar meu desaparecimento, mas as ações terminariam aí, porque a polícia, o exército ou qualquer outro poder armado não teria a menor chance contra seres lendários, apenas outros seres mágicos poderiam combater o mal.

- Se pelo menos eu soubesse o que fazer.

Lamentei em voz alta no mesmo instante em que ouvia a porta ser destrancada, me encolhi na cama, principalmente ao ver quem era.

- O que você veio fazer aqui Liam? Veio se aproveitar de mim, como tentou naquele dia no seu carro?

O jovem me olhou, não de maneira maliciosa ou arrogante como era o esperado, mas sim com uma expressão angustiada no rosto.

- Não, nada disso, ao contrário, eu vim te pedir perdão.

- O que?!

- É isso o que você ouviu Malu, estou te pedido perdão por ter ajudado aquele monstro a capturar você e o vampiro.

Fiquei boquiaberta sem conseguir dizer nada.

- Eu errei Malu, agora vejo isso, eu deixei me levar pela ambição e ganancia, acreditei num ser maléfico e agora vejo o quanto falhei. Por favor me perdoe.

- Liam, eu não estou entendendo a sua atitude. Num momento você me odeia com todas as suas forças, me segue, se une a um garoto da minha escola para se vingar de mim, depois se submete a um ser terrível e agora vem aqui para dizer que errou? Que está arrependido? Você só pode estar mentindo.

- Não Malu, eu juro, em toda a minha vida nunca fui tão sincero com alguém como estou sendo com você. Eu realmente me arrependi do que fiz.

- Por que você se arrependeu?

- Porque eu vi que sou apenas um fantoche nas mãos de Lord Polidori. Ele pode fazer comigo o que bem entender. Quando o conheci fiquei alucinado com os poderes dele, e acreditei que ele me daria tudo o que prometeu, mas quando você o questionou sobre os benefícios que ele concedeu a mim e ao Danilo e ele respondeu daquele jeito, me mandando calar a boca, eu entendi que tinha sido enganado e que não havia mais volta.

- Bem Liam, agora é tarde, seu arrependimento não vai mudar nada.

Ele abaixou a cabeça e disse:

- Tem razão, afinal se pelo menos você conseguisse ter acesso aos livros de feitiçaria talvez nós tivéssemos alguma chance de escapar daqui.

- Por que está dizendo isso? Você sabe sobre os livros? Lord Polidori falou sobre eles?

- Por alto, apenas para mostrar para mim e para o Danilo o que ele era, mas o que me convenceu mesmo foram alguns feitiços, coisas que nenhum ser humano poderia fazer mesmo usando os efeitos especiais mais modernos.

- Entendi, você foi seduzido pelo poder e se vendeu. Nada fora do comum levando em conta seu temperamento.

- Você tem todo o direito de me julgar e condenar, não vou brigar com você por isso, mas o fato é que estou com medo, apavorado pra ser sincero, afinal o cara é louco, e ele não poupará ninguém, depois que vocês se casarem então, tudo será pior.

- Eu não vou me casar com ele!

Levantei bruscamente da cama tentando extravasar parte da raiva que sentia ao pensar no casamento, até que ouvi.

- Você não tem outra opção Malu, a não ser que queira ver John morto. É isso o que você quer?

- É claro que não! Eu o amo, sempre amei, eu daria a minha vida para salvá-lo.

- Isso é muito nobre da sua parte e muito bonito também, pena que é inútil, não tem serventia de nada.

Eu olhei para Liam sentado na cama com os ombros encolhidos, cabeça baixa, a postura perfeita da derrota, por uma fração de segundos também me senti assim, mas algo se agitou dentro de mim me dando força para dizer.

- Liam, você está arrependido a ponto de tentar me ajudar?

- Como assim? Não entendi.

- Estou perguntando se você está disposto a correr riscos para me tirar daqui? Você é capaz disso?

- De tira-la desse quarto, ou da casa?

- Do quarto, mas apenas para eu ter acesso aos demais cômodos da mansão. Lord Polidori confessou que roubou os livros de feitiçaria dos meus pais e se eu sou tão poderosa quanto ele afirma, talvez eu consiga vencê-lo, mas sem a sua ajuda nem tenho como sair daqui. Eu não sei nada sobre feitiçaria, nunca nem sequer imaginei que isso pudesse de fato existir, mas se meus pais eram feiticeiros poderosos talvez eu tenha alguma chance.

- Sim, é claro, com certeza você tem!

Liam comentou entusiasmado e eu esbocei um sorriso.

- Isso significa que você vai me ajudar?

- Sem dúvida alguma.

Ele veio em minha direção, estendeu a mão para mim e firmamos nosso pacto.

29 – Procura

Não foi tão fácil assim sair do quarto onde eu estava, afinal o cômodo era vigiado e Liam só pôde entrar para falar comigo porque conseguiu enganar o guardião a postos. Emitiu sons de animais e quando o sujeito se afastou da porta Liam lhe acertou a cabeça deixando o homem inconsciente, pegou a chave do quarto e foi me ver. Contudo, ainda que ele estivesse em posse da chave, não podíamos simplesmente sair pela porta, era arriscado e tão logo Liam me informou o fato escutamos vozes vindas do corredor.

- São os guardiões, já devem ter percebido o que fiz. Precisamos sair agora!

- Mas como?

Liam não respondeu apenas correu em direção a janela.

- O que?! Você quer pular a janela?! Mas nós estamos no segundo andar da casa, eu vi! É muito alto!

- Não há outra opção Malu e nem temos tempo. Eles vão entrar a qualquer momento!

Comecei a ouvir os burburinhos dos guardiões que tentavam abrir a porta e criando coragem me aproximei da janela, olhei para baixo e senti um frio na barriga.

- Não é tão alto assim!

- Você está brincando, não está?

- Malu, você é imortal, o máximo que pode acontecer é ter algumas escoriações, já eu posso ficar com graves sequelas.

- Ai droga! – Resmunguei enquanto me preparava para subir na janela, coloquei as pernas para fora e tentei não olhar para baixo, contudo senti um empurrão e depois a queda. Por sorte caí num gramado fofo e não me machuquei como tinha imaginado, no entanto vi Liam se contorcer de dor.

- Como você está? Bateu a cabeça, ou machucou alguma outra parte do corpo?

- Acho que torci o tornozelo, está doendo muito!

- Ai caramba! – Resmunguei ao mesmo tempo em que ouvia vozes

alteradas, olhei para cima e vi dois guardiões olhando pela janela, recuei tentando me esconder no meio de um arbusto, mas Liam não teve a mesma agilidade e um dos homens o viu.

- O garoto, ele está lá embaixo. Corram!

- Merda! Eles me viram. Malu você precisa sair daqui!

- Mas e você? Eles vão saber que você me ajudou a fugir!

- Não, não vão, vou dizer que você me atacou e que conseguiu pular a janela antes de mim.

- Tem certeza?

- Tenho, agora vá, tente voltar para dentro da casa. Há um subsolo que é vigiado o tempo todo, mas se você conseguir chegar lá é provável que encontre os livros e até John.

- Ok.

Foi a única coisa que consegui dizer antes de ouvir vozes mais próximas, corri um pouco, mas ao passar por um lago não pensei duas vezes, me atirei ficando totalmente submersa. Não tinha como precisar a temperatura da água, mas com certeza ela estava muito distante da média de 27 graus empregada nas aulas de natação que eu costumava frequentar. Ainda assim tentei não sucumbir ao frio e fiquei lá contando mentalmente o tempo. Por sorte eu tinha um certo preparo para prender a respiração, resultado das brincadeiras que fazia nos intervalos da natação, mas quando estava me aproximando dos dois minutos, fui obrigada a emergir.

- Ahhh...

O ar invadiu os meus pulmões me revigorando, mas a sensação só durou breves segundos, porque meus ouvidos captaram sons e eu vi homens ainda próximos ao lago, voltei para debaixo d'água e consegui ficar mais um minuto. Depois voltei a superfície e por sorte não vi mais ninguém.

Com cuidado saí do lago sem fazer barulho, no entanto meus dentes começaram a bater devido ao frio. Passei os braços ao redor do meu corpo tentando me aquecer, enquanto buscava um jeito de voltar para dentro da mansão. Ao longe eu ouvia vozes e mais uma vez achei melhor me esconder, dessa vez num pequeno arbusto, fiquei lá até não ouvir mais nada e só

quando achei seguro eu saí. Voltei para o mesmo lado onde estivera quando pulei a janela e olhei a lateral da casa, haviam algumas venezianas de madeira, entretanto todas fechadas, por isso só me restava ir para os fundos da mansão, afinal a frente devia estar sendo vigiada.

Caminhei sorrateiramente, enquanto agradecia aos céus a noite escura e a pouca iluminação no entorno, até que cheguei aos fundos da casa. Havia uma porta, porém estava trancada, mas para a minha sorte tinha uma passagem para animais, não era muito grande, talvez uns quarenta centímetros de largura, a altura também devia estar em torno dos quarenta a cinquenta centímetros no máximo, de qualquer modo eu não era alta, tinha estatura mediana e era magra, por isso me agachei e me movimentei para entrar pela passagem. Deu certo.

- Ufa! Nem acredito!

Falei baixinho e mesmo no escuro achei melhor me manter ajoelhada; e foi engatinhando que eu busquei uma saída do cômodo no qual estava, uma lavanderia com máquinas de lavar e secar, armários e varais, havia também uma pilha de roupas, lençóis e cobertores e eu pensei em procurar algo para vestir, afinal estava encharcada e mesmo que estivesse dentro da casa ainda tremia, contudo ouvi vozes e apavorada eu me enfiei no meio da pilha de roupas segundos antes da luz ser acesa.

- Então, há alguém aí?

- Não, ninguém.

- Eu disse, a garota saiu da casa, nós já olhamos tudo e não a encontramos em parte alguma, ela fugiu!

- Mas de que jeito? O portão está sendo vigiado o tempo todo!

- Eu não sei, mas ela deu um jeito de sair da propriedade, o que precisamos agora é encontra-la antes do mestre voltar.

- Ele já sabe do desaparecimento da garota?

- Você está louco? Se ele soubesse nós todos já estaríamos mortos.

- Sim, tem razão, por isso é melhor juntarmos os guardiões e sair a procura da garota pelas redondezas, afinal ela não deve estar tão longe.

Silêncio. Ao mesmo tempo em que a luz era apagada. Eu tentava não

respirar e ainda que não estivesse ouvindo nada achei mais prudente permanecer alguns minutos no meio da pilha de roupas, só quando ouvi o barulho de motores de carros e luzes espaçadas vindas de fora da casa saí do meu esconderijo.

Ainda assim tive o máximo de cuidado para deixar a lavanderia. Ao sair do cômodo entrei numa cozinha e sem saber para onde ir caminhei rumo a porta, abri com cuidado e vi um extenso corredor, prossegui andando, abrindo portas que encontrava. Vi um escritório, uma sala de ginástica, outra de jogos, e um banheiro, até que tentei abrir a última porta, estava trancada. No entanto, ao mexer na maçaneta senti algo muito estranho, uma espécie de formigamento que se iniciou na ponta dos dedos e lentamente foi se irradiando para minha mão e depois para o braço. De repente a sensação não estava apenas no meu membro superior, mas sim em todo o meu corpo, tornando-se insuportável.

Assustada, larguei a maçaneta, mas no mesmo instante ouvi vozes, pensei em me esconder, precisava de um lugar seguro, e de repente para o meu espanto a porta que estava trancada se abriu sozinha. Uma lufada de vento agitou meus cabelos e arrepiou minha pele e mesmo receosa eu passei pela porta, ela bateu sem que eu fizesse qualquer movimento e do lado de fora ouvi vozes, alguém mexeu na porta e gritou.

- Está trancada!

- Mas como? A garota acabou de entrar, eu vi.

Arfei apavorada, achando que os guardiões entrariam a qualquer momento, contudo ainda que tentassem não conseguiram. De qualquer modo não poderia ficar ali parada e mesmo com a pouca iluminação do lugar eu comecei a andar por um corredor de pedras úmidas e frias, um arrepio percorreu minha espinha e a medida em que andava a sensação estranha que tive ao mexer na porta foi aumentando.

Cheguei até uma escadaria, dei os primeiros passos para descer. Com certeza aquele devia ser o acesso para o subsolo da casa; continuei caminhando, mas de repente me senti sem ar, como se precisasse emergir para a superfície para respirar, contudo, diferente do momento em que estive no lago, agora eu não estava debaixo d'água, estava sim no subsolo da mansão, mas o lugar era ventilado. Então por que aquela sensação de

claustrofobia? Aquela angústia e mal estar? Claro, eu estava numa situação de stress, mas ainda assim minhas sensações físicas eram muito intensas.

- Calma Malu, tudo vai dar certo, acredite, você é capaz!

As palavras saíram pausadamente e a medida em que as pronunciava eu começava a sentir uma mudança no meu estado de humor, a ansiedade diminuindo, a serenidade ganhando espaço. Me senti mais leve, mais confortável, fechei os olhos para desfrutar da sensação boa e quando voltei a abrir os olhos vi uma luz vinda do final do corredor.

Caminhei até o local e parei ao ver um fecho de luz amarelo irradiando de um livro. Fiquei encantada, admirando a imagem, me aproximei mais ainda para observar de perto a obra. O livro tinha capa dura, em couro marrom, estava escrito em latim e de algum modo eu consegui ler o título, *Todos os segredos da feitiçaria, volume I*. Embaixo do título duas iniciais V.S.

- Valentina Stoker.

Falei e de repente o livro se abriu sozinho, páginas passaram depressa como se alguém estivesse folheando o exemplar e eu sorri, simplesmente fascinada. Então o movimento cessou e um novo fecho de luz, dessa vez em tons esverdeados se projetou. Olhei para as páginas abertas e mesmo que o texto estivesse em latim, eu o li com perfeição, fazendo a tradução mental em segundos, como se estivesse lendo em português.

- *Feitiço de cura.*

Falei em voz alta antes de ler o resto do texto. Primeiro, o objetivo para o qual o feitiço era destinado, salvar almas aflitas, corpos doentes, seres mágicos. Depois a forma de executar o feitiço, a posição do feiticeiro, a entonação da voz, as palavras que deveriam ser pronunciadas. Não parecia complicado, a não ser por um detalhe, era preciso verter sangue puro para o corpo doente.

- Sangue puro, como assim? O que isso significa? – Indaguei, tentando entender as instruções, contudo, outras páginas do livro foram folheadas até pararem em outro feitiço, dessa vez de proteção. Comecei a ler em voz alta.

- *Feitiços de proteção são destinados a preservar a integridade física do corpo ou da alma do ser protegido e os principais ingredientes necessários são arruda e cedro.*

Continuei a ler as instruções sobre como usar os elementos para lançar um escudo sobre os seres enfeitiçados, não era muito difícil, a questão era onde conseguir o que era pedido.

- Talvez haja arruda na cozinha da casa, mas eu não posso ir para lá.

Ponderei por breves segundos antes do livro ser folheado mais uma vez, parando numa página que me deixou ansiosa.

- *Feitiço de aniquilação, destinado a pôr fim a vida do inimigo.*

Engoli seco, talvez esse fosse o mais importante ou o que eu mais fosse precisar. Li com atenção as instruções, mas parei na parte que dizia.

- *Após todas as palavras mágicas terem sido pronunciadas, o feiticeiro deve emanar fogo com as mãos, ser capaz de lançar labaredas sobre o inimigo, mas **atenção**, o fogo não pode ser externo, tem que vir do interior do feiticeiro.* – Caramba! Como assim? – Perguntei em voz alta antes de ler a nota de rodapé: *esse feitiço só deve ser executado por feiticeiros ou bruxos experientes, pois requer muitos anos de treino e também porque pode pôr a integridade do feiticeiro em risco.*

Terminei de ler e de repente o livro se fechou sozinho.

- O que?! Não! Preciso ler com mais detalhes os feitiços, entender melhor alguns aspectos!

- Não há nada que você precise entender, aliás você nem deveria estar aqui Marie Stoker.

Virei-me para olhar quem tinha falado, embora não precisasse usar a visão para saber que o momento de enfrentar Lord Polidori havia chegado.

30 – Salvamento

- Você é realmente uma poderosa feiticeira para chegar até aqui, afinal não é qualquer bruxo que consegue localizar um objeto usando apenas o desejo como força motriz.

- O que quer dizer com isso?

- O que eu falei, você só chegou aqui porque desejou ardentemente isso, foi o seu querer que abriu uma porta encantada e também o livro.

Lord Polidori deu um passo, mas eu recuei.

- O que foi jovem? Está com medo? Eu não vou matá-la, não vou cometer o mesmo erro que cometi quando acabei com a vida da sua mãe, afinal você é muito mais útil viva do que morta.

- Por que?

- Porque você é poderosa, já disse, embora seja ainda muito inexperiente, de qualquer modo eu vou lhe ensinar tudo o que precisa para desenvolver suas capacidades e quando estiver pronta você irá me ajudar a conquistar o mundo.

- Nunca! Jamais irei me juntar a você, mesmo que tenha que sucumbir eu não vou me render a sua maldade.

- Eu não sou mau, não veja as coisas de maneira tão limitada, permita-se expandir sua mente e verá o quanto podemos conquistar juntos. – Ele parou de falar, estendeu o braço em minha direção e prosseguiu. – Venha Marie Stoker, venha até mim!

Do nada meu corpo começou a ser levado, como se alguém estivesse me puxando, me conduzindo para os braços de Polidori, gritei alto com toda a minha força.

- Não! Eu não vou! Nunca serei sua!

Estagnei de repente, sentindo cessar a força que me levava. Lord Polidori suspirou antes de dizer.

- Pelo visto terei que usar a força física, não queria, contudo você está me

obrigando a isso.

- O que?!

Gritei aflita enquanto via Lord Polidori acenar aos guardiões, dois homens se posicionaram para me atacar, olhei em volta buscando uma saída, quando notei uma estante enorme cheia de vidros com líquidos dentro, não tive dúvidas, peguei dois frascos e mesmo sem saber do que se tratavam os atirei nos guardiões. Uma enorme cortina de fumaça se formou ao mesmo tempo em que um cheiro horrível se espalhava, comecei a tossir, mas logo cobri meu rosto com minha blusa para diminuir o efeito do produto que contaminava o ambiente. Minha tosse cessou, mas a dos guardiões não e eu aproveitei para fugir, encontrei uma porta atrás de mim, a abri e saí num imenso corredor, comecei a correr o mais rápido que pude. Ainda olhei para trás algumas vezes, mas por sorte ninguém me seguia, também não ouvia vozes, até que passei por um recuo e parei. Olhei para o lugar e vi John. Corri até ele que estava deitado praticamente inconsciente.

- John, meu amor, fale comigo!

Ele não respondeu, estava fraco, mal conseguia abrir os olhos.

- O que fizeram com você amor?

- Malu? – Ele falou meu nome debilmente e eu respondi.

- Sim, sou eu, vou tira-lo daqui.

- Impossível anjo, Lord Polidori...

Ele não conseguiu completar a frase e fechou os olhos.

- Não! John, fale comigo! Abra os olhos, por favor!

Supliquei enquanto as lágrimas escorriam pelo meu rosto, e tentando raciocinar em meio ao desespero olhei ao redor procurando algo que me ajudasse. Não havia nada, o recuo onde John era mantido prisioneiro estava totalmente vazio, nem mesmo algemas prendiam o vampiro, e foi então que eu entendi, John devia estar sob o efeito de algum poderoso feitiço, só assim ele poderia ser imobilizado. No mesmo instante lembrei do feitiço para cura, das palavras que deveria pronunciar, porém havia um problema, o principal elemento para ativar o feitiço era verter sangue puro para o corpo do doente e a única fonte viva ali era eu. Olhei mais uma vez ao redor, buscando por

qualquer coisa pontiaguda que perfurasse minha pele, não havia nada, a não ser as pedras que revestiam as paredes, olhei com atenção a superfície do lugar até que finalmente vi uma saliência que parecia afiada.

- Espero que sirva.

Afastei-me de John, fui até a parede, dobrei meu braço junto ao meu corpo e com força me lancei sobre a superfície pontiaguda.

- AHHHH!

Soltei um berro devido a dor ao mesmo tempo em que fechava os olhos, porém não fiquei muito tempo assim, abri as pálpebras e vi sangue escorrendo pela minha pele. Corri até John e falei:

- Beba!

Abaixei-me até meu braço tocar os lábios de John ao mesmo tempo em que dizia as palavras mágicas, concentrei-me o máximo que consegui, até que senti a boca de John mais forte. De repente seus dentes cravaram no local ferido e eu senti meu sangue ser drenado. Um formigamento começou a se espalhar pelo meu corpo e lentamente eu fui ficando grogue, como se estivesse sob o efeito de muito álcool, tentei falar, mas minha voz saiu arrastada.

- John... – A sensação de embriagues aumentou ainda mais e eu só consegui dizer. – Salve-se meu amor...

- Malu!

Ao longe escutei meu nome na voz de John, a voz firme e linda que eu conhecia e adorava, sorri e balbuciei.

- Eu te amo.

Apaguei.

31 – Aniquilação

Ao longe comecei a ouvir gritos, grunhidos, eventualmente vozes pedindo socorro, ou implorando perdão. Eu queria abrir os olhos para ver a razão de tanto desespero, mas não conseguia, era como se estivesse lutando para acordar, aquela sensação estranha que as vezes temos quando ainda não cruzamos a fronteira da consciência. Tentei novamente, mas só quando ouvi uma voz familiar eu abri um pouco as pálpebras.

- Mantenha-se longe dela Polidori!

John estava de pé, punhos cerrados, enxerguei com mais nitidez sua figura. Sustentei a cabeça ainda com dificuldade, mas consegui ver melhor. Focalizei Lord Polidori.

- Ela nunca será sua, demônio, Marie Stoker é minha!

- Ela não é Marie! Marie está morta, essa garota inocente que você capturou é apenas uma humana frágil e indefesa e eu não vou permitir que faça nada contra ela. Você já me dominou uma vez, mas agora não, minhas forças voltaram e só um de nós sairá vivo daqui e com certeza não será você.

- Isso é o que veremos!

Lord Polidori apontou o dedo na direção de John, falou palavras em latim que eu não consegui entender, mesmo assim foi possível ver o efeito delas. O vampiro voou pelo ar e bateu com força na parede.

- John... – Falei debilmente e tentei levantar, mas só consegui me apoiar um pouco no meu braço para ver a luta que John e Lord Polidori começaram a travar. O feiticeiro usando sua magia para golpear John, enquanto o vampiro valia-se da sua força, agilidade e reflexos para escapar; foi então que eu entendi, os feitiços só funcionavam se o alvo estivesse parado, ou fosse atingido, contudo John era extremamente veloz, quase invisível aos meus olhos e por isso muito difícil de ser pego. Isso lhe deu vantagens, mas ainda não ajudou a se aproximar de Lord Polidori, e mesmo sem saber o que John pretendia fazer, como ele poderia matar um imortal, eu sabia que ele precisava de ajuda. Não que eu estivesse em condições de fazer muita coisa, mas se ao menos pudesse distrair Polidori, o vampiro teria alguma chance de

ataca-lo. Por isso eu me esforcei para ficar de pé e mesmo cambaleante eu disse:

- Polidori...

Ele me olhou, tentei me manter firme, não demonstrar o quanto estava fraca, ainda assim cambaleei antes de falar novamente.

- Você é um babaca!

Os olhos do feiticeiro queimaram de ódio e eu tive certeza que ele seria capaz de me fulminar se quisesse, no entanto John agiu tão rápido que eu só entendi o que tinha acontecido segundos depois ao ver a cabeça do feiticeiro nas mãos do vampiro. Ele a jogou no chão, no entanto não tive coragem de ver o que John faria, virei o rosto e fechei os olhos, tentando não imaginar a cena, porém alguns segundos depois senti um toque no braço e ouvi.

- Não abra os olhos anjo, vou tira-la daqui, mas mantenha as pálpebras fechadas, por favor!

Obedeci, afinal não queria ver o cenário de destruição, já tivera um vislumbre quando consegui me manter de pé, mas como estava ainda tonta e fraca minhas vistas não focalizaram com nitidez os corpos dos guardiões, apenas um leve borrão se evidenciou por alguns segundos antes que me concentrasse em Lord Polidori. Ao pensar nele perguntei.

- O feiticeiro está morto?

- Está esquartejado, contudo preciso garantir que seus pedaços não se regenerem, por isso tenho que incendiar o lugar.

Ouvi enquanto era carregada no colo. Depois de breves segundos senti frio e ao abrir os olhos só vi John diante de mim, nós estávamos bem longe da casa, mas ainda dentro da propriedade.

- Não saia daqui, vou concluir o serviço e depois venho busca-la.

Assenti, John me deu um beijo suave na testa e só depois se levantou para ir, porém eu perguntei.

- Liam e Danilo, onde eles estão? Você os matou?

- Não, na verdade não vi nenhum dos garotos, provavelmente eles fugiram.

- Claro, mesmo assim certifique-se de que não estão na casa, apesar de tudo

não quero mata-los.

John assentiu, embora não tenha demonstrado concordar com meu pedido, ainda assim ele falou:

- Preciso ir, cada segundo é valioso.

- John!

Ele virou para me olhar.

- O livro de Valentina Stoker, é preciso encontra-lo antes de incendiar a casa.

- Por que? O livro não terá nenhuma serventia após a morte de Poilidori.

- Não há tempo para eu explicar, só posso pedir que pegue o livro, ele está no subsolo próximo ao local onde você ficou preso, acredito que com suas habilidades o encontrará facilmente.

- Está bem, vou pegar o livro e depois pôr um ponto final em tudo isso.

John falou antes de voltar para a casa, eu acenei em agradecimento antes do vampiro desaparecer das minhas vistas. Fiquei sentada no gramado da propriedade com o breu da noite me envolvendo, porém não por muito tempo, porque logo um fogaréu imenso iluminou tudo a minha volta.

32 – Identidade Revelada

Acordei numa cama de casal, e embora o colchão fosse macio meu corpo doía. Foi a dor que trouxe à tona todas as lembranças da noite anterior e apreensiva eu falei:

- John!

- Oi anjo, estou aqui.

- Que bom! – Esbocei um sorriso ao vê-lo, ele também, mas logo seus lindos olhos azuis se tornaram tristes.

- Perdoe-me Malu por tê-la colocado em risco, sei que estou pedindo muito, porque eu mesmo nunca vou me perdoar, mas o fato é que caí numa armadilha e sinto-me estúpido por ter sido tão idiota e ingênuo como fui. Eu lamento profundamente tudo pelo que passou.

- Eu também, mas não lamento por mim e sim por você. Eu fiquei tão preocupada ontem quando você não apareceu na minha casa, saí para procura-lo, e foi então que Liam e Danilo me capturaram.

- Aqueles delinquentes! Não entendo por que me pediu para poupa-los, de qualquer modo não os vi quando vasculhei a casa a procura do livro, contudo se algum deles tentar algo contra você novamente eu não serei nobre, tenha certeza disso.

- Por favor John, chega de mortes, já ocorreram perdas demais. Sei que foi através de Liam e Danilo que Lord Polidori o capturou, e foram eles também que me levaram até o feiticeiro, mas agora que ele está morto vamos deixar os garotos de lado. Liam se arrependeu do que fez e foi ele quem me ajudou a escapar do quarto onde eu estava presa. Talvez o Danilo também tenha se arrependido depois do que houve.

- Você está afirmando que Liam ajudou você? Como e por que?

- Porque ele se arrependeu e também porque ficou com medo de Lord Polidori, ele confessou isso quando foi me ajudar.

- E de que maneira ele a ajudou?

Soltei um longo suspiro antes de narrar os fatos, comecei contando sobre

minha captura, dando mais detalhes, falei da minha chegada a mansão e o encontro com Lord Polidori. Contei o que o feiticeiro falou, os fatos sobre Marie que John desconhecia, mas ao ver a expressão de surpresa no rosto dele por saber do plano de Valentina para afastar a filha do vampiro fiquei confusa sem saber o que sentir, afinal ainda não tinha revelado a John que eu era a garota que ele tinha amado, que de alguma forma ainda desconhecida por mim eu me tornara imortal. John soltou um suspiro antes de dizer.

- Por tanto tempo eu vigiei Valentina, sempre esperando que alguma coisa acontecesse, acho que de algum modo eu conseguia sentir que Marie estava viva, contudo limitei-me a acompanhar os passos da mãe dela sem nunca considerar que poderia ir atrás da garota.

John falou pesarosamente e minha angústia aumentou, sabia que era bobagem, afinal eu era Marie, contudo não me sentia Marie, mesmo que não tivesse muitas lembranças como Malu, eu gostava de ser Malu, eu gostava e sentia saudades da vida ao lado do meu pai, da convivência com Kelly, da casa onde eu morava, dos meus estudos, das minhas perspectivas para o futuro, enfim, eu gostava do mundo que eu conhecia, ainda assim precisava revelar a verdade a John, contudo antes de contar eu perguntei:

- John, se por acaso Marie ainda estivesse viva, se de algum modo ela tivesse ingerido o elixir da vida eterna tornando-se uma imortal, você iria atrás dela?

John esboçou um sorriso.

- Não anjo, de forma alguma, mesmo que reencontrasse Marie, agora meu coração pertence a você.

Ele tocou meu rosto delicadamente e usando um tom suave prosseguiu.

- Eu te amo Maria Luzia e embora esteja surpreso em como você reagiu após ser mordida por mim, não posso deixar de confessar que estou feliz, afinal agora você e eu somos iguais.

Franzi o cenho e perguntei:

- Você está dizendo que agora eu sou uma vampira?!

- Sim, afinal eu mordi você, bebi seu sangue, foi ele que me deu forças para enfrentar Lord Polidori, porque se eu não tivesse me alimentado eu não teria conseguido anular o feitiço que ele lançou para me destruir.

A conclusão de John sobre sua cura me deixou com algumas dúvidas, na verdade várias, de qualquer modo resolvi começar pelo começo.

- Como Lord Polidori lançou um feitiço em você?

- Ele conseguiu me enfeitiçar porque usou Liam e Danilo para me ludibriarem. Eu estava indo para sua casa, quando Danilo veio conversar comigo, começou dizendo que era seu colega de escola, e que viu o momento em que um rapaz de pele clara e olhos castanhos te raptou obrigando-a a entrar num carro e partir. Fiquei louco, desesperado, achando que Liam era o sequestrador, então ouvi do garoto que ele sabia onde você estava e aí eu não pensei em mais nada, o acompanhei e cheguei a mansão de Polidori, contudo não tive tempo de agir, porque os guardiões estavam a postos com flechas enfeitiçadas, apenas duas me acertaram, mas foram o bastante para me enfraquecerem, contudo eu ainda vi Lord Polidori, tentei lutar, porém abatido e sem condições de correr eu me tornei um alvo fácil, permitindo ao feiticeiro me dominar por completo.

- Entendi. Foi um plano eficiente.

- Sim, mas só pôde ser executado porque eu fui tolo, me deixei enganar, afinal em momento algum achei que o garoto que me falou sobre seu rapto fosse um aliado de Liam, muito menos de Polidori. Se eu tivesse desconfiado, nada disso teria acontecido, você não teria passado pelo que passou.

- Na verdade eu teria sim.

- Não entendi, por que diz isso?

- Bem, existe mais uma parte da história que eu ainda não contei.

- Qual é?

Respirei fundo, olhei nos olhos de John e disse:

- Na verdade Marie Stoker nunca morreu, porque se tornou uma imortal que por coincidência sou eu.

Os olhos de John arregalaram e ele ficou literalmente de boca aberta.

33 – Indagações

John permaneceu inerte por alguns minutos e eu tive receio que a verdade tivesse lhe deixado em estado de choque, sem saber como agir esperei, até que finalmente ouvi.

- Como você pode ser Marie Stoker? Eu a teria reconhecido!

Mais aliviada por ouvir John eu respondi.

- Quando Polidori me revelou que eu era Marie, também duvidei e perguntei a ele o que você acabou de dizer, que se eu fosse mesmo a jovem, você teria me reconhecido, porém Lord Polidori disse que meu pai deve ter lançado um feitiço em mim para alterar um pouco a minha aparência, provavelmente o mesmo feitiço que Valentina usou para alterar os corpos que você viu quando soube das mortes.

- Entendo, mas ainda assim como você se tornou uma imortal?

- Isso eu não sei, nem Lord Polidori soube explicar, mas o fato é que por alguma razão eu ingeri o elixir, meu pai também e juntos atravessamos os séculos até chegar aqui.

- Mas se isso é mesmo verdade por que você não se lembra de nada? Ou você se recorda de algo?

- Não, eu não tenho nenhuma lembrança do meu passado, as recordações mais recentes que tenho são de dois anos atrás, um pouco antes na verdade, quando meu pai contou que tinha conhecido uma mulher e que estavam namorando, depois de algumas semanas ele me apresentou a Kelly e poucos meses depois eles se casaram, mas logo ele foi morto e aí eu só vive com minha madrastra, portanto as únicas coisas que sei sobre a minha vida são as que aconteceram nos últimos anos.

- Então seu pai mexeu com todas as suas lembranças? Memórias de mais de quinhentos anos de existência?!

- Provavelmente sim.

- Isso é incrível! Quer dizer, é um feitiço muito poderoso!

- Sem dúvida, mas ao mesmo tempo é triste, afinal tudo sobre mim é uma

mentira!

- Não Malu, não é!

- É sim John, e a maior prova disso foi no dia em que contei a psicóloga sobre minha vida, ela me fez algumas perguntas sobre a minha infância e eu contei não porque me lembrasse dos fatos, mas porque um dia meu pai me falou sobre a razão para não termos fotos nossas de quando eu era pequena. Segundo meu pai nós tínhamos perdido tudo num incêndio quando eu tinha dois ou três anos e que era por esse motivo que não haviam muitas coisas sobre nós, mas agora que sei quem eu sou entendi o que o meu pai fez. Ele criou situações para manter em segredo minha identidade. E isso é triste!

- Ah Malu, eu sinto muito!

John me aconchegou em seus braços, de uma maneira tão boa, que me senti melhor, ainda assim falei:

- Queria saber por que meu pai fez isso. Por que ele nunca revelou quem nós éramos.

- Isso está claro, para mantê-la protegida.

- De você?

- De mim, de Lord Polidori, talvez seu pai soubesse que ele havia se tornado um imortal e com medo que o feiticeiro fizesse algo com você preferiu esconder a verdade durante todo esse tempo.

- É, pode ser, afinal é o que faz mais sentido, de qualquer modo é injusto também, porque isso nos manteve afastados por séculos! Você viveu isolado do mundo a maior parte do tempo e embora eu ache que sempre vivi entre diferentes povos também estive isolada, porque de tempos em tempos tinha minha memória apagada para outras falsas lembranças serem colocadas no lugar, ou seja, eu nunca fui Malu de verdade, ou qualquer outro nome que meu pai tenha me dado ao longo de todos os anos. Eu sempre fui uma mentira!

- Não anjo, você não foi. Você foi e é real e se seu pai fez o que fez foi para protege-la, apenas por isso.

- É, talvez...

Dei de ombros desanimada, mas logo ouvi.

- Malu não fique triste ou decepcionada, afinal o que passou passou, não há como voltar atrás, o que importa agora é que você sabe quem é.

- Será John que agora eu sei mesmo quem eu sou?

- Por que está dizendo isso?

- Porque um pouco antes de eu revelar a você que sou Marie Stoker, você disse que eu era uma vampira porque me mordeu ontem, mas na verdade você só bebeu meu sangue porque eu me feri propositadamente para te salvar e não fiz isso porque você é um vampiro e achei que te alimentando você ficaria forte novamente, eu fiz você tomar meu sangue porque lancei um feitiço de cura em você e parte dele envolvia verter sangue puro para o corpo doente.

Fui afastada do peito de John que me olhou admirado.

- Então você fez um feitiço?!

- Sim, não apenas lhe dei sangue, eu falei as palavras mágicas, fiz tudo o que li no livro de Valentina.

- Você leu o livro de feitiços de Valentina?!

- Li, mesmo que ele estivesse escrito em latim, eu li alguns feitiços como se estivesse lendo em português e se isso já não fosse incrível o modo como encontrei o livro e o que aconteceu com ele foi espetacular.

- Por que?

Suspirei brevemente antes de narrar a forma como tinha chegado ao livro, como ele se abriu sozinho para mim e como me mostrou alguns feitiços. Depois contei que Lord Polidori chegou com os guardiões e tentou me levar com ele me enfeitando, porém eu resisti e foi preciso que os guardiões viessem me pegar.

- Então, se eu entendi em momento algum Lord Polidori usou a força física contra você? Quer dizer não ele, e sim os guardiões.

- Exato.

- Isso é estranho!

- Por que?

- Porque talvez nos mostre que mesmo imortal Lord Polidori não era forte

como eu, afinal se fosse, por que ele precisaria de tantos guardiões? Além disso, ontem quando lutamos, ele tentou me vencer usando magia e não através da força física, então se ele se tornou um imortal através do elixir da vida eterna, é provável que a segunda fórmula desenvolvida por Valentina não tivesse os mesmos efeitos que a fórmula que me transformou em vampiro.

- Entendi, então na sua opinião há duas fórmulas poderosas: uma capaz de conferir força, agilidade e maximizar os sentidos transformando humanos em vampiros, e outra que não dá tais poderes, mas ainda assim confere a vida eterna.

- Não afirmaria a vida eterna, afinal eu consegui matar Polidori, mas é evidente que o sujeito que vi ontem estava praticamente igual ao homem que eu conheci na Idade Média. Apesar de ter poucas lembranças dele de quando eu ainda era humano me recordo do seu rosto e corpo e posso afirmar que a única coisa que estava diferente daquela época era o cabelo. Nas ocasiões em que vi Lord Polidori fora do seu castelo andando pelo vilarejo onde eu morava o cabelo dele era preto, mas ontem estava grisalho.

- Será então que ele envelheceu ao longo dos séculos? De uma maneira muito, muito lenta, mas envelheceu?

- Não sei, afinal eu nem sequer sabia que ele estava vivo, porque como contei, depois que achei que você estivesse morta eu me afastei das civilizações, apenas raramente me aproximava um pouco dos homens para ver como a humanidade estava evoluindo, então eu convivía com o povo em questão, aprendia sua língua e cultura, mas depois partia e me isolava novamente.

- Certo, mas mesmo vivendo entre diferentes povos nunca ouviu falar de seres imortais?

- Algumas vezes, mas nunca me importei com nenhum boato, afinal para mim eram apenas lendas.

- Engraçado ouvi-lo dizer isso, afinal você mesmo é considerado uma lenda, por isso é estranho a sua indiferença em relação a seres lendários.

- Não acho que seja estranho, primeiro porque quando fui atrás de Lord Polidori para me vingar matei muitas pessoas, mas outras eu apenas mordi e

provavelmente elas se tornaram vampiros, então quando eu ouvia sobre algum ser imortal pensava que podia ser alguém que eu tinha transformado, no entanto a principal razão para a minha indiferença era a melancolia e vazio que sentia por não ter você. Minha existência não tinha sentido e se não acabei com ela foi apenas porque não consegui.

- Você está dizendo que tentou se matar?

- Sim, várias e várias vezes e das maneiras mais diversas, mas é obvio que nunca consegui e com o passar do tempo aceitei que a vida eterna vivendo como um demônio bebedor de sangue era o castigo que eu tinha recebido por ter me tornado um monstro.

- Você nunca foi um monstro, se matou pessoas foi para saciar sua sede ou para se proteger.

- Eu também matei para me vingar, não se esqueça, portanto isso faz de mim um monstro.

- Não, na verdade faz de você humano, porque mostra seu lado justiceiro e amoroso, afinal você quis se vingar do homem que destruiu sua família e se quis isso era porque os amava, e quando amamos de verdade as vezes cometemos erros, ficamos cegos.

- É, talvez, mas de qualquer modo sou um amaldiçoado, que infelizmente transformou a garota que ama em um ser bebedor de sangue. Lamento.

- Não lamente John, porque na verdade não sabemos como o fato de ter me mordido terá implicações para mim, afinal eu não sou uma humana comum, sou na verdade filha de feiticeiros poderosos, portanto a chance de ter dons especiais é grande e se não bastasse isso eu também ingeri o elixir da vida eterna, então definitivamente eu não sei o que eu sou.

John permaneceu pensativo por alguns segundos e depois sorrindo falou:

- Você é uma feiticeira vampira e imortal, portanto alguém sem precedentes, contudo o mais importante para mim é que é Malu, minha doce salvadora, não apenas porque me curou quando eu estava fraco, mas principalmente porque me trouxe de volta a vida duas vezes, quando nos conhecemos há mais de quinhentos anos e agora que nos reencontramos em pleno século vinte e um. Por isso sempre estive certo ao chama-la de anjo, porque é isso o que é para mim, meu anjo doce e salvador.

O olhar de John me encabulou, porque era tão apaixonado e sedutor, mas principalmente porque mostrava sua veneração por mim, seu orgulho por me ter ao seu lado. Ou talvez eu estivesse vendo nele os meus próprios sentimentos, porque para mim John também era meu anjo, meu anjo noturno que me protegeu e me salvou quando eu mais precisei.

34 – Mudanças

Mesmo depois de saber a verdade sobre meu passado, eu decidi voltar para a casa onde vivi com meu pai e onde Kelly também morava, porque ainda que eu achasse que minha estadia lá fosse curta em relação a mais de quinhentos anos de existência, era no sobrado de tijolinhos a mostra e hortênsias na janela que eu conseguia me reconhecer, pelo menos as coisas referentes a Maria Luiza Guimarães Rocha me eram familiares. Além disso foi lá que reencontrei John, meu eterno amor e por essa razão era lá que eu pretendia ficar por algum tempo.

Obviamente eu sabia que um dia teria que me afastar, afinal eu não mudaria com o passar dos anos e isso seria estranho para as pessoas, principalmente para Kelly. Eu gostava muito dela, como se ela fosse minha irmã mais velha, no entanto eu sabia que não poderia nunca lhe contar a verdade sobre mim, meu pai, ou John, porque mesmo Kelly sendo ótima, era também prática e sendo uma profissional da saúde provavelmente me internaria achando que eu tinha enlouquecido de vez.

Por isso eu precisava pensar em algo quando chegasse o momento de sumir da sua vida, mas como sabia que ainda tinha algum tempo com ela não me preocupei muito com o fato. Afinal já tinha tido atritos demais com minha madrastra, que ficou louca comigo quando se deu conta que eu tinha passado a noite fora de casa e mais ainda ao saber que eu estivera com John, por isso achei melhor ir devagar.

Até porque quando eu contei que John não tinha ido embora e que tudo não passara de um mal entendido, Kelly ficou dias sem falar comigo e eu precisei ser paciente para lhe convencer que meu namorado não era um marginal ou aproveitador. Por sorte, após duas semanas do encontro com Polidori, Kelly parou de torcer o nariz para John e aos poucos foi aceitando o meu namorado, porém sempre me alertando, dizendo para eu ser cautelosa, enfim, essas coisas que as mulheres aconselham as amigas sobre namorados ou maridos.

Eu não me zangava com Kelly, porque sabia que ela estava apenas preocupada, mas ainda assim me sentia triste quando a via olhar para John de forma nada afetuosa e pensava comigo, *se ela soubesse a verdade,*

enlouqueceria.

Mas a vida tinha que seguir em frente e foi isso o que fiz. Voltei a escola como se fosse uma garota comum e apesar de tirar de letra quase tudo o que era ensinado (provavelmente eu já tinha frequentado o ensino médio uma infinidade de vezes), eu agia como se tudo fosse novo. Contudo, isso não facilitou as coisas em relação aos colegas de turma e os alunos continuavam me olhando da mesma forma que antes.

Eu me policiava ao máximo para não ficar aborrecida ou nervosa com as piadinhas sobre mim, afinal agora que era uma feiticeira vampira deixar meu temperamento tomar conta podia ser complicado. Por isso eu ignorava os olhares maldosos, os cochichos e até alguns comentários diretos, mas as vezes, eu pensava, o que esses filhinhos de papai esnobes fariam se eu resolvesse mostrar do que era capaz, se lhes apresentasse minha força, agilidade e sentidos aguçados? Porque esses aspectos se modificaram em mim após John me morder e embora eu ainda sentisse fome de comida, também fui obrigada a incluir na minha dieta um pouco de sangue, não numa quantidade absurda, não como John ingeria, mas em alguns momentos sentia vontade, a necessidade de me saciar. Por sorte isso aconteceu quando eu estava sozinha com John na minha casa, só dois dias depois dele ter me mordido, portanto foi perfeitamente possível sair de lá em segurança para ir caçar. John me deu algumas dicas, mas a verdade é que eu não precisava delas, eu sabia exatamente como agir, porém, para não o desapontar ouvi seus conselhos demonstrando interesse.

Outra coisa que mudou em mim, foi a capacidade de me curar, e descobri isso algumas horas depois de ter acordado e conversado com John sobre os acontecimentos na mansão de Polidori, ao ver meu braço totalmente recuperado, sem um arranhão sequer, mesmo depois de eu tê-lo ferido e John ter me mordido. Um bônus extra, afinal me livrou de explicar a Kelly um ferimento que não teria explicações lógicas.

No entanto, apesar dessas mudanças no meu corpo eu não sabia se elas eram resultado da mordida de John ou se já estavam lá pelo fato de eu ser feiticeira e imortal, e as vezes me questionava se eu já não era assim antes, mas da mesma forma que minhas memórias tinham sido apagadas, eu pensava se as características físicas também não tinham sido transformadas pelo meu pai

para me esconder e me proteger.

Provavelmente eu nunca saberia a resposta, porque apenas meu pai seria capaz de me explicar, mas infelizmente ele não poderia fazer isso. Contudo ao lembrar dele, outros questionamentos surgiram e eu pensei na sua morte, a forma estranha como ele partiu. Tentei resgatar com detalhes aquela terrível noite e agora que sabia que feiticeiros e vampiros existiam eu pensava também se outros seres lendários não poderiam coexistir com a raça humana camuflados como John e Lord Polidori estiveram durante tanto tempo. Também pensava em quem tinha matado meu pai. Será que era apenas um cão ou lobo comum, um animal com alguma doença grave e rara que foi capaz de acabar com a vida de um imortal? Essa pergunta me deixava acordada com frequência, contudo mais uma vez eu não teria as respostas. Ainda assim pensava, me questionava, da mesma forma como me interrogava sobre o desaparecimento do livro de Valentina, porque John jurou que o livro de feitiços não estava na casa, quando ele voltou lá para queimar o local. Então as vezes eu imaginava se o próprio livro não tinha se destruído para não cair em mãos erradas, porém quando me lembrava que ele esteve por séculos com Lord Polidori via que minha suposição não fazia sentido.

Assim como não fazia sentido o sumiço de Liam e Danilo, pois nenhum dos dois voltou. Eu sabia de Liam por conta do desespero de sua avó, a pobre tia Lourdes que entrou em depressão após o desaparecimento do neto, e as vezes pensava em ir visita-la para dizer que provavelmente ele estava bem, mas depois desistia, afinal eu não tinha certeza disso, só imaginava que Liam tinha escapado da mansão porque John não encontrou o corpo dele em lugar algum da casa ou da propriedade. O vampiro vasculhou tudo antes de ir embora e depois voltou ao local durante o dia para ver se achava algo, porém foi inútil. Nem Liam, nem Danilo foram encontrados.

Não podia dizer que me sentia triste por isso, afinal eu não morria de amores por nenhum deles, mas me solidarizava com a dor dos parentes sem dúvida, porque eu tinha perdido meu pai e sabia o quanto era doloroso isso.

De qualquer modo era seguir em frente perante as mudanças e mesmo que o futuro fosse misterioso levando em conta quem eu era, eu sabia que conseguiria enfrentar qualquer coisa tendo John ao meu lado. Pensando nisso, peguei minha bolsa e saí rumo ao encontro do meu anjo noturno.

35 – Classificação

Meu corpo estava incendiando, não porque estivesse sendo queimada viva por ser uma feiticeira, mas sim porque meu namorado vampiro tinha a capacidade de lançar labaredas em mim. A cada toque dele sobre a minha pele, cada beijo, abraço, eu delirava, e embora o clima entre nós na casa dele estivesse perto dos quarenta graus, John parou de me beijar assim que eu subi no colo dele e levei meus lábios ao seu pescoço.

- Pare Malu!

John ordenou ofegante, me fez sair do seu colo e se afastou. Eu ainda levei alguns segundos para processar o pedido porque estava em estado de estase após nosso momento juntos.

- Por que?

- Você ainda pergunta? Se nós continuarmos a nos beijar...bom...você sabe muito bem o que pode acontecer.

- E você não quer que aconteça?! – Indaguei incrédula.

- Quero! Quer dizer não quero! Ou melhor, quero, mas não posso!

- Como assim não pode?! Não estou entendendo.

- Malu, você é muito...

- Muito o que?

John fechou os olhos e soltou um suspiro curto.

- Você é muito ousada, é isso!

- E isso não é bom?!

- É, claro que é, quer dizer, não é...ah sei lá, você está me deixando confuso.

- Quem está confusa sou eu, afinal antes não podíamos porque você achava que ia me matar se fizéssemos amor, mas agora que eu sou uma feiticeira vampira não tem problema, você não vai me matar.

- Com certeza não! Mas quanto a mim, sem dúvida você pode me matar!

Eu fiquei pasma, ainda assim consegui dizer.

- Por que você está falando isso? Não gosta mais de mim? É por isso que não quer fazer amor comigo?

Minha voz saiu quase num sussurro lamentando o fato de John ter perdido o interesse em mim e tentando controlar o choro eu falei:

- Tudo bem, se você não está mais afim de ficar comigo é só dizer, não precisa ficar com receio de me chatear.

- O que?! Você acha isso?! Que eu não te amo mais?! Que não quero mais ficar com você?! Como pode pensar isso Malu? Eu te amo, sempre te amei, mesmo quando a reencontrei e não a reconheci, de alguma forma soube que era você meu verdadeiro amor. Por isso eu não consegui me afastar e foi provavelmente por isso que eu ouvi seu chamado mesmo quando ele se deu apenas em pensamento, foi o nosso amor que nos conectou, anjo.

John já estava ao meu lado me acolhendo em seus braços, ele me deu um beijo suave nos cabelos e só depois prosseguiu.

- Eu quero muito fazer amor com você Malu, mas não quero que seja desse jeito.

- Que jeito?

- Esse jeito selvagem, rude, eu quero que seja especial e romântico, acho que nós merecemos isso, você não acha?

- Não sei...quer dizer eu ia adorar se fosse romântico, mas isso não quer dizer que quero esperar pela noite de núpcias para ficarmos juntos, afinal eu não quero me casar tão jovem!

John esboçou um sorriso e comentou.

- Na verdade você não é tão jovem, já passou dos quinhentos anos, minha velhinha.

- John!

O recrimei enquanto lhe dava uma cotovelada, mas acabei rindo também.

- Ok, eu posso não ser uma adolescente comum, mas mesmo que tenha existido por tanto tempo, eu não vivi, entende? Quer dizer, como foram as minhas outras vidas? Será que eu namorei alguém? Será que me apaixonei, ou pelo menos fui beijada por um cara antes?

- Honestamente espero que não!

John comentou num misto de ciúmes com diversão.

- Tá, me expressei mal, mas o que quero dizer é que eu te amo e quero estar com você dessa forma também, eu já queria antes de saber quem eu era e agora que sei que não há riscos então podemos ir em frente sem medo.

- Na verdade Malu, eu acho que pode haver um risco sim.

- E qual é?

- Você engravidar anjo. Já pensou nisso?

- Não!

- Pois deveria, afinal Valentina mesmo sendo uma feiticeira engravidou, teve dois filhos e por isso existe a chance de você ficar grávida sim, embora uma parte de você tenha adquirido as mesmas capacidades que eu tenho, além do mais nós não sabemos como será por causa do elixir da vida eterna, quer dizer, nós ponderamos que Lord Polidori envelheceu lentamente, mas até aí isso é apenas uma suposição, nós não sabemos ao certo o que o elixir provoca numa humana, principalmente quando essa humana é também uma feiticeira como você e que ainda foi mordida por um vampiro, ou seja, existem várias coisas a se levar em conta.

- Puxa, não tinha pensado em nada disso!

Comentei desanimada.

- Mas precisamos pensar, se quisermos seguir em frente no nosso namoro pelo menos no que se refere ao sexo.

- Bem, se o problema for o controle de natalidade sobre bebês metade feiticeiros metade vampiros, nós podemos usar recursos humanos, você sabe...

- Sim, eu sei, só não sei se eles serão seguros e eficazes, por isso acho melhor irmos com calma, vamos curtir nosso namoro de qualquer modo, mas ao mesmo tempo podemos pesquisar, tentar descobrir algo sobre feiticeiros, sobre o elixir da vida eterna, enfim, sobre tudo o que nos diz respeito. Aí sim poderemos ficar juntos por completo.

As palavras de John não me animaram muito, mas de qualquer modo ele tinha razão, um pouco de cautela não era má ideia.

- Tudo bem, então vamos namorar com moderação, sem muitos beijos, abraços, amassos no sofá da sua sala, enfim, vamos impor um limite. Talvez seja melhor até classificar nosso momento juntos.

- Como assim?

- Bem, quando as coisas estiverem frias, tranquilas, damos nota 1, quando elas começarem a esquentar damos nota 2, 3 se estiverem saindo do morno para o quente, 4 quando estiverem quentes e 5 quando estiverem pegando fogo. O que você acha?

John deu de ombros não por estar fazendo pouco caso da minha classificação, mas acho que porque estava gostando, se divertindo com a proposta, então respondeu.

- Ok, eu concordo, mas tenho uma condição.

- Qual?

- Quero saber sua pontuação sempre!

- Sempre?! Por que?

- Porque quero saber o efeito que provoco em você.

- Isso não é justo, afinal você sabe muito bem o efeito que provoca em mim.

- Não, eu não sei, eu só imagino, mas ficaria bem feliz se constatasse que estou certo nas minhas suposições, sendo assim o que me diz? Concorde em me revelar sua pontuação a cada encontro?

- Depende, se você me revelar a sua...

- Isso não é justo!

- Por que? Se quer saber a minha classificação sempre, então eu também tenho esse direito.

John soltou um suspiro aproximou seu rosto do meu e revelou.

- Com você eu sempre estou pegando fogo, anjo.

Eu sorri, John também antes dele me puxar para perto da sua boca e me dar um beijo com classificação 5+++

Prazer em conhecer...

Olá, meu nome é Andrea Marques, mas pode me chamar apenas de Déia.

Tenho quarenta e três anos, sou casada e tenho uma filha, e além de me dedicar a minha família também gosto de escrever, por isso criei a estória que acabou de ler, Meu Crush Literário – Anjo Noturno e espero sinceramente que tenha gostado, pelo menos eu me diverti ao escrever uma estória de fantasia.

Foi meu primeiro livro do gênero e confesso que tive que deixar de lado meu pragmatismo (presente nas minhas outras obras) para me render ao mundo da fantasia, de qualquer modo foi bom, mas também trabalhoso, afinal tinha que contar duas estórias em uma, ou seja, tive que criar um livro dentro de outro livro para narrar a trama de Malu Guimarães e John Stoker, porque apesar de ser uma obra voltada para o público jovem, precisava ser feita com carinho e por isso me dediquei muito pensando em cada detalhe.

Sei que alguns pontos da trama ficaram em abertos e se optei por não os revelar agora foi para tornar o livro mais fluido e leve, de qualquer modo saiba que a estória de Malu e John não chegou ao fim e em breve trarei a continuidade. Por isso se estiver curioso ou curiosa para saber o que vai acontecer, você pode me seguir no meu Instagram, ou dar uma olhada no meu site. Lá poderá conhecer mais de mim e também dos meus outros livros e quem sabe não se torne um leitor amigo como outros que tive o prazer de fazer ao longo dos seis anos que tenho me dedicado a literatura. Torço para que isso aconteça e quem sabe com sorte e até um pouquinho de magia eu consiga encantar seu coração e sua mente.

Um grande beijo e até a próxima.

Com carinho, Andrea Marques.

Endereços virtuais:

Site: www.escritorandreamarques.com.br

Instagram: *escritora_andreamarques*